

Vingt-un Rosado
América Rosado

OS HOLANDESES NAS SALINAS DO RIO MOSSORÓ

Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria





www.colecaomossoroense.org.br

I – MOSSORÓ NA GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS

O RIO GRANDE DO NORTE QUE O HOLANDÊS CONHECEU

Luís da Câmara Cascudo

O holandês conheceu o litoral e a região do agreste norte-riograndense. Os municípios do seu domínio compreendiam parte essencial de Canguaretama, Goianinha, Arês, São José de Mipibú, Natal, Macaíba, o antigo São Gonçalo e o vale do baixo Ceará-Mirim. Há um salto pelas praias pouco freqüentadas, mas era caminho sabido. Conheceu e utilizou as salinas de Areia Branca.

Do rio Guajú para o norte começava a PRAEFECTURAE FLUMINIS GRANDIS com sede na antiga cidade do Natal, chamada pelos flamengos AMSTERDAM, com o quartel general no Castelo de Keulen, antigo Forte dos Reis Magos.

O mapa de Marcgrav, que é mais informativo dando até os itinerários desde Sergipe, registra até a B.DE PABA que é a BAÍA DE GENIPABU, de DOMINGOS MARTINS ou MARTIM THYSSEN. No interior, em breve risco, lê-se CIARAMIRIM, Ceará-Mirim, o rio denominador.

Pelo interior dos municípios possuídos pelo holandês ia-se até Piqueri, Pedro Velho, toda a redondeza das lagoas de Guaraíras, Papeba e Paraguaçu (Papari) e São José, Varzeas do Jacu, Baldum, Sapé, Capió, tableiros para Cajupiranga, Pitimbú e Natal, incluindo os vales úmidos do Maxaranguape.



www.colecaomossoroense.org.br

Fazendo pão em Natal o batavo irradiou-se pelo Potengi, Jundiá, com os respectivos afluentes. No rio Potengi a extremidade é ITINGA, UTINGA, trinta quilômetros de Natal.

Os vales de São Gonçalo assim como Macaíba foram aproveitados mas apenas em roçarias e criação de gado. O único engenho, corrente e historicamente moente, era o de Cunhaú.

O vale do Baixo Ceará-Mirim, aconselhado para cana de açúcar desde 1614, era zona pecuária. Em princípios do século XVIII TAIPÚ era a mais longínqua povoação da Capitania. É de crer não ter sido povoada na primeira metade do século anterior.

A lagoa de Extremoz, ITIJURU, com seu rio escoadouro, teve uso holandês e consta dos mapas como terra de grangearia, roças de mandiocas, farinhadas indispensáveis à alimentação seiscentista.

No mapa de Vingboons (nº 45, edição do dr. F. C. Wieder) o rio Ceará Mirim, ou SEARA MIRIM, é o limite do conhecimento do holandês no Rio Grande do Norte e nem mesmo a lagoa de Extremoz está marcada. Em compensação prolonga-se o rio CAMARIGIUY (Camaragipe) até o infinito, dando três propriedades além de OUTINGA onde há sinal de engenho de açúcar. Nos percursos dos rios Vingboons é de invenção delirante.

Naturalmente os roteiros e mapas de navegação holandesa trazem denominações referentes às nossas praias, PEQUINHA, que é PITITINGA, B. TORTUGO que Orville Derby julgava ser a BAÍA DE AGUAMARÉ ou GUAMORÉ, DOBBEL BAY que é PONTA DO MEL, MOGGEROU possivelmente o Rio MOSSORÓ, R. VPANEMA, o UPANEMA, etc.



www.colecaomossoroense.org.br

Mas a zona das salinas, sabidamente identificada pelo português desde fins do século XVI, é que teve rápida ocupação industrial pela mão batava, ajudada pela indiada que depois se revoltou e matou os brancos.

Os rios que delimitam a produção salineira de Gedeon Morris de Jonge e seus continuadores, pseudos descobridores das salinas, são o YWIPANIM, o MEIRITUPE e o WARAROCURY. O primeiro é UPANEMA, com outra barra, entulhada no correr do tempo. O UPANEMA atual com o APODI, é o rio MOSSORÓ, caindo no Atlântico em Areia Branca. O MEIRITUPE seria um desaparecido afluente do rio MOSSORÓ, morto pelo avanço das dunas de areia solta.

O rio WARAROCURY parece-me o rio MORRO BRANCO, outrora desaguando no mar e presentemente no rio MOSSORÓ.

Essa era a zona das únicas salinas holandesas, terras litorâneas no município de Areia Branca. As salinas de Macau não foram trabalhadas pelo flamengo.

De um modo geral o holandês possuiu terras norte-riograndenses num raio de quarenta a cinquenta quilômetros da pancada do mar. A ocupação regular e normal não alcançava cinco a seis léguas, partindo do litoral.

A região mais povoada e trabalhada pelo flamengo foi o agreste, Natal até Canguaretama, perto dos rios torrenciais, população mais ou menos garantida pela proximidade das guarnições holandesas, comboiadoras dos produtos para Recife, embarcando-se em Natal e nos portos da embocadura dos rios (Pi-



www.colecaomossoroense.org.br

rangi, Camurupim, Barra de Cunhaú) para a cidade Maurícia. Todo o sertão constituiu mistério, rasgado durante a guerra dos Cariris, na década final do século XVII.

Este é realmente o Rio Grande do Norte que o holandês conheceu. As outras estórias são tradições orais desacompanhadas de provas dignas de respeito e merecedoras de citação.¹

¹ “Os Holandeses no Rio Grande do Norte” – Departamento de Educação do Rio Grande do Norte, Natal – 1949.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

II – ADRIANO WERDONCK

Adriano Werdonck era morador do Recife, desde 1618 ou 1620.

Quando os holandeses chegaram prestou-lhes muitas informações, pelo conhecimento que tinha dos recursos locais.

Privou da amizade do Coronel Waerdenburch até que, no ano de 1631, foi denunciado como traidor, ao se corresponder com Matias de Albuquerque e Gabriel Correia, dos quais recebeu promessa de uma recompensa de 10.000 cruzados.

Preso, foi condenado à morte, preferindo suicidar-se, jogando-se de uma janela da prisão, segundo Rishshoffer, ou preferindo o envenenamento, de acordo com a versão oficial.

A sentença foi executada no seu cadáver; estrangulado, mutilado e esquartejado.

Estas informações se encontram na nota do tradutor, da “Descrição das Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande”.

Memória apresentada ao Conselho Político do Brasil, em 20 de maio de 1630. A memória vem publicada na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, nº 55, 1901, traduzida pelo historiador Alfredo de Carvalho.

Eis o depoimento Werdonckiano sobre as salinas do Rio Mossoró (Upanema, daquele tempo): “Quando ali há falta de sal, o capitão Mor do dito forte do Rio Grande, manda uma ou duas barcas, de 45 a 50 toneladas a um lugar 60 milhas mais para o norte onde há grandes e extensas salinas que a natureza criou por si; ali



www.colecaomossoroense.org.br

podem carregar, segundo muitas vezes ouvi de barqueiros que dali vinham com carregamento de sal, mais de 1.000 navios com sal, que é mais forte do que o Espanhol e alvo como a neve.

É um lugar deserto em cujas imediações ninguém mora, aparecendo apenas ali alguns tigres com os quais é preciso ter cautela.

Estas salinas estão rentes à praia e completamente cheias de sal; mas todos os navios que tiverem de ir ali, segundo penso, devem conservar-se um tanto ao largo porque aquela costa é muito perigosa”.

Eis o primeiro classificador do sal mossoroense, “mais forte do que o Espanhol e alvo como a neve”, há 356 anos passados.

Werdonck localiza as salinas de Mossoró (Upanema) a 60 milhas ao norte do Forte do Rio Grande, Gedeon Morris Djonge o faz a 60 léguas a oeste do Rio Grande.

O tigre que o holandês mencionava nas salinas de Upanema é a nossa onça.

Confirma-o este verbete de Rodolpho Von Ihering:

“Tigre – nome aplicado à Panthera Tigris, comum nos circos e zoológicos, e impropriamente designa a nossa onça ou jaguar, Panthera Onça, principalmente no pantanal mato-grossense. O litoniano Sascha Siemel, que matava onças com zagaia, foi apelidado de tigreiro”.²

² “Vocabulário Zoológico com acepções brasileiras diversas das portuguesas”, reproduzido em “um raro e curioso artigo de Rodolpho Von Ihering”, de Hitoshi Nomura, publicado em “Ciência e Cultura”, 37(8), Agosto de 1985.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

III – GASPAR BARLÉU

“História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil” é o volume 15 da Coleção Reconquista do Brasil, Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora Ltda, de Belo Horizonte, traduzida e anotada por Claudio Brandão, 1974.

Gaspar Barléu é o nome aportuguesado de Gaspar Van Baerle, Caspar Barlaeus, em latim.

Barléu nasceu em Antuérpia a 12 de fevereiro de 1584.

Seu pai era calvinista e refugiou-se na Holanda.

Em 1617, Barléu era professor de Lógica na Universidade de Laide.

Por perseguição religiosa refugiou-se em Caen, em cuja Universidade se doutorou em medicina.

Voltou à Holanda e em 1631 foi professor de Filosofia e Retórica do Atheneu de Amsterdan, cidade em que viveu seus últimos anos. Autor de trabalhos de Física e Medicina.

A “História dos oito anos de governo de Nassau no Brasil” é a sua obra de maior fôlego, para Cláudio Brandão.

Em Amsterdan faleceu a 14 de janeiro de 1648.

É sumário o seu registro sobre as salinas de Upanema.

“Em Upanema foram descobertas salinas por um tal Gedeão Morritz e depois entregues a administração de Elberto Smienth, as quais deram grandes esperanças de rendimentos. Entretanto, após as tréguas dos dez anos com os portugueses, e depois



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

que a varíola dizimou ali a população, e por causa das despesas maiores que os lucros, foram elas abandonadas” (pág. 235).

Sobre a morte de Gedeon Morris de Jonge: “Depois da Expedição do Chile, soube Nassau que estalara no Ceará nova revolta. Bandos de brasileiros, chamados à guerra, tinham tomado arditosamente o forte ocupado pelos holandeses e o arrasaram, trucidando o governador Gedeão Morritz, todos os soldados da guarnição e até os trabalhadores estabelecidos não longe dele, nas salinas do Upanema”.

A primeira edição do livro famoso do historiador holandês é de 1647.



www.colecaomossoroense.org.br

IV – GEDEON MORRIS DJONGE

1 – Francisco Fausto de Souza

“Um fato inédito da invasão holandesa a Rebelião tapuia de 1644. Destruição do Forte de Paneminha e o trucidamento de Gedeon Morris e de todos os seus companheiros.

Data de 1644 o arrasamento do forte holandês construído na ribeira do Mossoró. Alguns Tapuios, nessa época, de volta de Outeiro da Cruz, no Maranhão, onde tinham estado em combate, empenharam-se em luta com os trabalhadores das salinas de Mossoró, degolando indistintamente a quantos ali encontravam (Ferreira Nobre. Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte).

Presumivelmente teria também se dado nessa época o arrasamento do Forte construído pelos holandeses e o trucidamento do comandante Gedeon Morris nas proximidades da barra do Rio Upanema, de que fala Barleus em sua obra, no seguinte trecho: Depois disso passou apoderou-se do Siaras, agitado por novas comoções e, onde as forças dos brasileiros chamados a guerra, ocuparam e arrasaram o forte assentado pelos holandeses, trucidaram o comandante Gedeon Morris, toda a guarnição e até os trabalhadores que se tinham estabelecido perto das salinas do rio Upanema.

Segundo a tradição, até o fim do século XVIII para o começo do XIX, na ilha do Paneminha, local denominado Chiqueiro das Cabras, perto do mar, eram vistos alicerces de pedra e cal em forma de um quadro, os quais há muitos anos foram so-



www.colecaomossoroense.org.br

terrados. Moradores antigos do Paneminha afirmam a existência dos alicerces do forte construído na antiguidade pelos holandeses na confrontação ao lugar de uma casa que ali construiu o velho pratico-mor da barra André Cursino de Medeiros.

“MAIS FORTE QUE O ESPANHOL, ALVO COMO A NEVE” BREVES NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DAS SALINHAS DO IWIPANIN.

Ferreira Nobre, em sua breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte, afirma que a primeira exploração das salinas do rio Mossoró deu-se no ano de 1633.

Os drs. Tavares de Lira e Vicente de Lemos porém, em seu livro *Questão de Limites*, dizem que essas salinas foram descobertas desde o começo do Século XVII, pois acrescentam: em 1630 Adriano Werdonck na memória de 20 de maio do mesmo ano apresentada ao Conselho Político do Brasil, tratando do Forte dos reis Magos assegurava que quando ali havia falta de sal o Capitão-mor do Rio Grande do Norte mandava uma ou duas barcas de 45 a 50 toneladas, a um lugar distante 60 milhas para o Norte onde existiam grandes e extensas salinas que a natureza criou por si e onde podiam carregar mais de mil navios com sal que era mais forte que o espanhol e alvo como a neve.

O dr. Mateus Brandão em sua memória justificativa sobre a *Questão de Limites*, diz à página 81, o seguinte: “Gedeon Morris de Jonge, comandante da guarnição holandesa do Ceará por uma carta datada do Rio Janduruassú a 11 de fevereiro de 1641, anunciava a existência das salinas do Rio Upanema, dando conta de sua viagem aquele rio que ele chama de Iwipaninim.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Em seguida transcreve Mateus Brandão a carta acima referida, carta esta que o dr. Felisberto Freire também publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1906, Volume IV. – página 31, que é a que se segue: Foi Gedeon Morris o descobridor das salinas de Mossoró, em 1641 Encarregado pelo Governo holandês em Pernambuco de substituir o Tenente Van Ham no comando da guarnição do Ceará, a sua primeira excursão foi ao rio Upanema”.

Diz ele em uma carta ao Supremo Conselho de 14 de fevereiro de 1641 e escrita do rio Janduvassú. “Nela tratei do que se passou e de minha resolução de ir observar a situação das salinas do rio Iwipanim e de outros lugares. Isto fiz com toda a diligência e Deus seja louvado por as ter achado tais que admirasse já não se houvesse feito maior diligência, para examiná-las porquanto é de V.Excia e Vv.Ss. bem conhecida a importância de navegação do sal, negócio este que suponho interesse a Pátria e a Companhia sendo para desejar que os navios de Pernambuco que devem seguir vazios para as Índias Ocidentais e para a França, afim de receberem carregamento de sal vindo aqui o pudesse tomar”. (Revista do Inst. Histórico e Geográfico do Brasil, Volume 58 – pag.274).

Diz mais Gedeon: “O rio Iwipanim demora cerca de 50 léguas a leste do Ceará e cerca de 60 a oeste do Rio Grande. A salina fica no braço ocidental do rio, coisa, de 3 léguas da margem, de sorte que os barcos e os botes que vierem tomar sal poderão aproximar-se até três quartos de légua da salina. Esta tem de extensão a distância que eu pude percorrer em meia hora e de



www.colecaomossoroense.org.br

largura um tiro de mosquete, apresentado-se o sal, tão branco como a neve há alguns lugares com a espessura de 1, 2 e 3 dedos, pelo que calculei que vinte navios não poderiam carregar todo sal aí existente.

Aquele belo espetáculo satisfez os meus fatigados sentidos, mas não, completamente, porque o sal, fica muito longe do rio e é incômodo embarcá-lo. Pensei então se não aprovaria a Deus que eu descobrisse nessa região uma salina melhor situada do que aquela e caminhado assim cerca de uma hora para o ocidente, ao longo da margem da campina, vi tudo branco diante de mim justamente como se tivesse nevado. Segui para aí e encontrei uma ótima salina com a extensão de quase uma légua, que percorri caminhando sobre o sal, e tendo de largura seguramente a oitava parte de uma légua. Em alguns lugares o sal tem a espessura de um, dois ou três dedos e no circuito de um quarto de légua a grossura de uma mão, pelo que suponho que 50 navios não poderão carregar o sal que vi nessa salina; e o que mais e, esse sal tão belo que excede o de S. Touvris.

Pelo portador desta envio a V. Excia e a Vv. Ss. uma amostra do sal desta salina e também de uma outra pequena (R.I.H.Vol. 58 pág.275).

O rio Iwipanim de tão suficiente citação de Gedeon Morris é o mesmo Apodi, ou Upanema era por assim dizer o mesmo Iwipanim crismado por Gedeon Morris em 1641. Duas barras formavam o seu curso na desembocadura do mar, sendo que a do Upanema o tinha no sítio da Entrada, no lugar chamado Co-



www.colecaomossoroense.org.br

queirinho ou Barra do Morro Branco. A mesma desapareceu no fim do Século XVIII, obstruída pelas areias.

As salinas percorridas por Gedeon Morris, pela sua descrição teriam sido seguramente as que demoram à margem esquerda do rio Apodi e que de há tempos são conhecidos pelos nomes de Grossos, Boi Morto, Baixa Grande, Ilha do Vieira, Gois, Jurema e Ilha do Algodão.³

1.1. Algumas Colocações

Francisco Fausto de Souza identificou, com as denominações atuais (1927) as salinas que Morris visitou: Grosso, Boi Morto, Baixa Grande, Ilha de Vieira, Gois, Jurema e Ilha do Algodão.

A documentação holandesa não comprova a existência de um forte no Paneminha.

Eis a palavra autorizada de Luís da Câmara Cascudo: “Na ilha da Tapera ainda há vestígios de fortificações. Devem ser apenas as construções de abrigo de Gedeon Morris e de seus prepostos, feitorando a tarefa indígena na colheita do sal”.

Gedeon Morris de Jonge foi trucidado no Ceará, e não em Mossoró. Afirma também, o historiador mossoroense que o Rio Mossoró, ao tempo dos holandeses, tinha duas barras, fato não confirmado pelo grande Geomorfólogo brasileiro, Gilberto

³ História de Mossoró – Coleção Mossoroense – Vol. 96.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Osório de Andrade, para quem, “os dois rios (Mossoró e Upa-nema) hão de ter tido sempre, como têm, estuário comum”. (Geografia do Brasil Holandes, Coleção Documentos Brasileiros, Volume 79, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1956, p.274).

2. José Antônio Gonçalves de Mello

O grande livro de José Antônio Gonçalves de Mello, “Tempo dos Flamengos”, 2ª edição, volume XV da Coleção Pernambucana, Recife, 1979, faz observações que são do maior interesse para este nosso trabalho. No capítulo “Atitude dos Holandeses para com os índios e a catequese”, pág. 197, analisa a política do invasor, procurando aliança com as tribos indígenas.

Era, aliás, uma política estabelecida pelo Conselho dos XIX, anterior à chegada dos Holandeses.

Morris tentou explicar a aversão dos índios aos holandeses quando afirmou: “em consciência estou obrigado a revelar a verdade: a origem de todo o mal é somente a diabólica cobiça da inconstante riqueza. Por cobiça foram explorados e constrangidos os próprios índios, homens e mulheres, a trabalhar para os portugueses sem a devida remuneração, de modo que em vez de receberem de nós alívio, ficam sujeitos a maior cativoiro”.

Uma carta de Morris à câmara da Zeelândia, escrita em São Luís do Maranhão, em 07 de abril de 1642, trata da escravidão dos índios, permitida por um certo período e logo revogada.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

O fato se deu quando da invasão do Maranhão, onde não havia escravos negros.

Para José Antônio, Morris “é um dos testemunhos mais preciosos sobre a situação dos índios de certas aldeias, terrivelmente, explorados pelos holandeses”.

Afirma ainda que certos documentos se referem ao trabalho compulsório nas salinas do Rio Grande e Ceará.

“Os índios do Ceará acabaram por revoltar-se, trucidando os holandeses, que encontraram, inclusive o próprio Morris. Procurou-se apurar as razões do acontecido e “não podemos inferir outra causa senão que a desinteligência e a inimizade dos índios do Ceará e litoral adjacente contra a nossa nação originaram-se do mau tratamento que lhes deram e sobretudo por não terem sido devidamente pagos pelos seus serviços nas salinas de Marituba e pelo carregamento dos barcos nas salinas e outras partes, conquanto tivéssemos enviado uma vez por outra, para esse fim, panos e outras mercadorias, bem como recomendado que mantivessem os índios em boa disposição, tratando-os cortesmente pagando-lhe os serviços”, diz a Dag. Notule de 21 de março de 1644 e a Gen. Missive ao Conselho dos XIX, datada do Recife, 5 de abril de 1644. O Predicante Johannes Eduard refere-se a esses quase trabalhos forçados impostos aos índios: “os índios estão sendo destruídos por incessante trabalho que lhes é imposto fora das aldeias”: “A Religião Cristã reformada” (classe de 17 de outubro de 1641), cit; p. 767 (José Antônio Gonçalves de Melo, Tempo dos Flamengos, pág. 209).



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

3. Luís da Câmara Cascudo

Em “Notas e Documentos para a História de Mossoró”, Coleção Mossoroense, Volume 2, pág. 16 a 18, Câmara Cascudo escreveu sobre Morris:

“A história desta presença holandesa no litoral explicar-se-á por um simples nome, Gedeon Morris de Jonge.

Gedeon Morris de Jonge, inteligente, arguto, inquieto, atilado, com bom senso e loucura em doses iguais e altíssimas, aventureiro e patriota, correndo mundo, preso aqui, solto além, falando vários idiomas, conhecendo terras, vivendo de formas numeráveis, sempre pronto a recomeçar, acima do desânimo, sonhador teimoso de riquezas súbitas, de minas, de jóias, de prestígio, é a figura curiosa e mais sugestiva do domínio batavo no Ceará, como noutra sentida foram Gartsman em Natal e Herckman na Paraíba.

Parece-se da Zelândia porque é a essa Câmara que dirige quase todas as suas esperanças. Quando, em outubro de 1629, Pedro Teixeira destruiu o fortim holandês do Tucuju, com guarnição alemã e flamenga, Morris estava no meio dos capitulados e sofreu prisão de oito anos. Foi um short course de assuntos amazônicos. Ficou, o resto da vida, tentando carregar a Companhia para o extremo-norte, acenando milagres e prometendo as estrelas. Pelo seu gosto, em plena lógica, nunca os holandeses teriam ido ao Rio da Plata ou ao Chile, dispersando forças, queimando gente, dinheiro e tempo. A região amazônica, do Maranhão em diante, seria holandesa, rijamente militarizada



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

para garantir um trabalho organizado interiormente. Era, nesse particular, mais arguto que o argutíssimo Mauricio de Nassau.

Recuperando a liberdade, voltando à Holanda Gedeon Morris descreveu, com fortes cores, as colônias portuguesas do Ceará para o norte, Cametá, Grão Pará, com os rios, produtos naturais, e enviou à Companhia Privilegiada, relatório datado de Middelburgo, 22 de outubro de 1637, sugerindo a conquista imediata da região.

A Câmara de Zelândia, a quem primitivamente dirigira o memorial, recomendou-o aos muito altos e nobres delegados, a 19 de março de 1638. O Supremo Conselho Político do Brasil, com sede em Pernambuco, acusou a carta sobre o serventário da Igreja de Westwodd Gedeon Morris, prometendo examinar oportunamente o plano e chamando-o ao serviço da companhia; entretanto, o empregaremos aqui em outra coisa, dizem os nobres delegados. Morris serviu provavelmente nos escritórios, como Moreau e Nieuhof. O “comando” no Ceará é o primeiro posto de destaque e responsabilidade.

Assumindo o posto, logo a 1º de janeiro de 1641, Morris, pelo oficial a quem substituíra Hendrick van Ham, escreveu relatando o descobrimento de salinas.

A 14 de fevereiro, nova missiva, extensa, pormenorizando a façanha, datada do rio Janduwasu, Janduguaçu. “Tendo partido do Ceará para aí a 4 de janeiro, encontrei ventos tão favoráveis ao longo da costa que em oito dias cheguei ao rio, conquanto nesse espaço de tempo estivesse parado durante três dias por impedimento ocorrido entre nós. Tendo chegado ao dito rio,



www.colecaomossoroense.org.br

e depois de dois dias de indagações, tomei o verdadeiro braço, que me levou às salinas. O rio Ywipanin demora cerca de 50 léguas a leste do Ceará e cerca de 60 a oeste do Rio Grande. A salina fica no braço ocidental do rio, coisa de 3 ½ léguas da foz”. Morris fala animado nas possibilidades inesgotáveis das salinas, abundância de viveres, como porcos selvagens, veados e avestruzes e informa que, com uma rede, podem os colonos alimentar-se de peixe. Mas solicita suprimento de centeio, cevada, favas, carne, toucinho, cem alqueires de farinha e um oxhoft ou barril de aguardente.

Em agosto de 1641 Morris parte para o Combeci (Camucim) para examinar salinas e fazer cortar o pau violeta e indagar por mais proveitos para a Companhia.

Em fevereiro de 1642 o comandante Elbert Smient depara salinas além do Ypuypanim. Denominou-se Huys der Woestyne, casa do deserto, três ou quatro léguas a leste do rio Aguamara (Aguamaré). Em janeiro de 1642 o Conselho autorizou a volta de Morris ao Ceará. É a época em que a peste de bexigas dizima os escravos negros, os indígenas e os auxiliares brancos. Morris, em abril de 1642, estava em S. Luís do Maranhão. Não mais voltaria às salinas. Morreu no massacre do Ceará em janeiro de 1644. Smient pouco demorou na sua descoberta. Jamais pisou em Upanema cuja produção bastava. As outras não foram exploradas. Tudo cessou em 1644.

Uma reminiscência possível é a ilha da Tapera, em Areia Branca, denunciando vestígios de pequena fortificação e casas de agasalho para Morris e seus trabalhadores. Conheceu, no máxi-



www.colecaomossoroense.org.br

mo e vagamente, uns quarenta quilômetros para o interior. Todo trabalho foi ao longo das praias, a menos de 1000 metros do mar. Era este rio Upanema o rio das salinas sabidas e aproveitadas. Ainda em 1784 o “roteiro ocidental para a navegação da costa e portos do Brasil” indicava: - “Dez léguas mais para diante da ponta do Mel, ao mesmo rumo, se achará o rio Upanema, em que há salinas sem cultura”⁴.

É a presença flamenga nas terras de Mossoró. O resto é lenda...

4. Raimundo Nonato

RIO MOSSORÓ OU WOROIGUH?⁽¹⁾

Uma vista pelos antigos registros históricos constata que, durante o século XVII, poucas referências se fazem aos acidentes geográficos do interior do Rio Grande do Norte.

Enquanto que, no litoral, logo nos primeiros tempos da colonização, vários pontos importantes foram identificados; no centro, essa localização só veio a ser referida, muito depois, ao

⁴ Ver Luís da Câmara Cascudo, GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDES, José Olympio editor Rio de Janeiro. É trabalho de 1945. Em sua primeira redação figurou no IV Congresso de História Nacional, 1949, sendo publicado nos respectivos ANAIS, quarto volume, 243-450, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950.

⁽¹⁾ Roteiro da Zona Oeste. Raimundo Nonato, Pongetti, Rio. 1952.



www.colecaomossoroense.org.br

tempo das primeiras entradas, quando os Terços Paulistas e os batedores de índios se atiraram, pela terra desconhecida, onde dormiam esperanças e riquezas, avidamente procuradas.

No caso da nomenclatura do Mossoró, último rio descrito, nessa faixa, de vez que, depois da chapada do lado oeste, já se estendiam as várzeas e os carnaubais do Jaguaribe, são escassas as informações e as notas desse período.

Já no século seguinte, o seu nome, porém, é repetido, aparecendo nas Cartas de Sesmarias e doações feitas naquela região.

No século XIX, a viagem do aventureiro Henry Koster, dá-lhe um registro sucinto, embora sem menção à sua denominação: “Santa Luzia fica à margem septentrional de um rio seco, em solo arenoso”.

Muito antes disso, no entanto, seu nome vinha em documentos, pois uma carta, de 1739, já fazia menção a “um lugar alagadiço de inverno, e úmido no verão com distância para menos de meia légua de comprimento e menos de largo no qual em tempo de invernia distila a água para um córrego grande, o qual vem desaguar em o rio Mossoró”.

Registro, sobretudo curioso, é o que faz Aires de Casal, na sua Corografia Brasília:

- “Este rio, assim conhecido por Upanema, recebeu, posteriormente, a denominação de Apodi, devido à sua ribeira; e deste modo é indicado em documentos oficiais. O Upanema passou para outro rio menos, seu afluente, que nele deságua, à margem direita, três léguas acima da sua embocadura”.



www.colecaomossoroense.org.br

Segundo Tavares de Lira, “até o fim do século XVIII, não havia sinonímia entre rio Apodi e Mossoró”.

Em brilhante trabalho, ultimamente divulgado e enriquecido de farta documentação, o nosso ilustre conterrâneo, José M. Brandão Castelo Branco, incansável pesquisador de nossas fontes históricas, ao estudar a situação do Rio Grande e de outros rios do centro-oeste, e citando Johanés Laet, um dos intérpretes do roteiro dos holandeses no Rio Grande do Norte, acentua: por volta de 1636, um dos chefes indígenas afirmava que os seus domínios se estendiam pelas águas de cinco rios, que ele referia, indicando a posição e a distância de cada um deles.

Reportando-se aos mesmos, escreve Castelo Branco:

- “O morubixaba CARACARA, irmão do rio JANDOVI, pela boca do intérprete PARAPOAVA, informava que suas terras se espalhavam pelo interior, a partir do Rio Grande, por cinco rios, confirmando notícia anterior, assim discriminadas: 1.) WARAUGI dos Tupis ou OCIUNON dos Tapuios; 2.) QUOA-OUGUN; 3.) OCIOURO; 4.) UPANEMA; 5.) WOROIGUH.

Esses rios eram grandes e distavam o primeiro, do Rio Grande, cinco dias de viagem; o segundo, do primeiro, um dia; o terceiro do segundo, dois dias; o quarto do terceiro, dois dias e o quinto meio dia além do quarto.

Examinando-se uma carta geográfica do Estado, poderíamos assim classificar esses rios: rio Amargoso ou Salgado, correspondendo ao primeiro, desde que CARACARA adiante que a ele-



www.colecaomossoroense.org.br

vada montanha do COWOYRY, possivelmente, a CABOGI atual, ficava aquém do rio OCIUNON; 2.) rio PATACHOCA ou este seria o OCIUNON e o CARAHÚ passaria a ser o QUOAOUGUH; 3.) o atual AÇU ou PIRANHAS, uma vez que o quarto é o UPANEMA, cujo nome ainda hoje assim se escreve.

As distâncias indicadas pelo cacique assim determinam: Cinco dias do POTENGI às nascentes do SALGADO ou do PATACHOCA, que ficam próximas uma da outra e na vertente ocidental da serra de Santana, viagem normal para índios como frisa o tuchaua, sem mulheres. Do 2º ao 3º, apenas um dia de trajeto, corresponde perfeitamente à distância do Salgado ao Patachoca, na primeira hipótese, ou deste ao Carahú, na segunda. Daí ao Piranhas, não é extemporânea a estimativa de 2 dias feita pelo chefe Tapuia, que também calculava em igual tempo a jornada para alcançar o vale do Upanema, e mais meio dia para atingir-se o Woroiguh, que só pode ser o atual Apodi ou Mossoró, uma vez que a travessia era feita pelo sertão e não pelo litoral”.

Daí, não há mais que concluir: – Em pleno domínio batavo, em território da gente potiguar, o Apodi ou Mossoró era citado pelo nome de rio WOROIGUH. ⁽²⁾

⁽²⁾ Para Luís da Câmara Cascudo o Wararocury é o Morro Branco, “outrora desaguando no mar e presentemente no Rio Mossoró”.



www.colecaomossoroense.org.br

5. José Alexandre.

DA PRESENÇA HOLANDESA EM TERRAS DO CEARÁ GRANDE

Decorria o ano de 1637, Outubro, dia 25. Defronte à praia ou enseada do Mucuripe, balançando-se ao movimento das vagas inquietas, dois hiates ostentando as cores holandesas, ameaçavam o forte português erguido na colina. Os dirigentes da Companhia das Índias Ocidentais do Brasil haviam atendido ao apelo de Maniú e agora ali estavam para despejar ferro e fogo sobre as fortificações lusitanas.

Movia-os o ferrenho ódio à Espanha sua antiga opressora, a ambição da posse de novas terras e o espírito belicosamente aventureiro do seu sangue.

Da praia, entre a baixa vegetação característica do litoral nordestino, provido de setas, tacapes, vara-paus, os Cariris esperavam. Odiavam os “pêros” seus rivais na livre posse da terra, sempre empenhados no impor de pesadas normas, que, às suas vidas por natureza desregradas, de uma insuportável intolerância se revestiam. Ressaltado entre a turba, Maniú ou Algodão o terrível chefe Caucaia – que trouxera sua gente do aldeamento fundado pelos jesuítas Luiz Filgueira e Francisco Pinto, às margens do lago formoso, – preparados todos para a disputa final.

O espírito do selvagem, - por mais simples e obtuso que pudesse ser, uma vez que era permitido escolher, entre o “peró” odioso recém-chegado e metido a dono de tudo, nada em troca



www.colecaomossoroense.org.br

oferecendo, preferia a amizade do flamengo, inteligente realizador de uma melhor política de convivência comum.

Joris Garstman, chegada a hora propícia lança o brado de “avanço” e o círculo móvel das tropas e das hordas cerca o forte português. Nuvens de setas zuniam contra as paredes do fortim, os mosquetões disparavam rápidos, avolumando-se sobre toda algazarra o troar das peças que se degladiavam.

Os portugueses não puderam resistir, reduzida que estava a guarnição do forte a seis peças e trinta e três soldados. Depressa as palissadas foram vencidas, selvagens e batavos escalaram os muros, despencando-se dentro do espaço circundado pelas fracas muralhas; o pandemônio estabeleceu-se cruel.

Os Cariris queriam sacrificar os prisioneiros vencidos, Garstman teve de fazer valer sua autoridade para conter a sede de sangue dos selvícolas cruéis. A orgia da vitória embriagara os selvagens, como bestas desenfreadas empenhavam-se pelo sacrifício dos lusos prisioneiros.

Entregue ao Tenente Van Ham, o comando do fortim assaltado, Joris Garstman regressa por terra ao Recife, aproveitando a viagem na busca de riquezas naturais que possibilitassem imediata exploração. A Holanda confiante na promessa de Maniú desejava sal para abastecer as suas necessidades de venda e consumo, espoliado que estava o seu erário no custeio das disputas freqüentes em que então se empenhava.

Pelo que se depreende no estudo de documentos da época, conquanto Joris Garstman tivesse atravessado o curso do rio Mossoró na sua volta para a “terra do açúcar”, fê-lo em ponto



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

muito próximo da foz e talvez nem tenha vislumbrado os grandes depósitos naturais do cloreto de sódio um tanto mais afastados para o interior. Ou então não se dedicou ao demorado exame das várzeas, pois não se sabe de menção sua ressaltando a enorme capacidade produtiva da ribeira salina, omissão essa que não se justifica, empenhada como estava a sua pátria na posse de grandes celeiros da preciosa substância.

Posteriormente, caberia a compatriotas seus o exame demorado das terras ribeirinhas e o conseqüente entusiasmo que lhe dominou o espírito ante a possibilidade do estabelecimento de uma grande indústria salífera nas prodigiosas terras do Mossoró.

INSUCESSO INICIAL DOS HOLANDESES NAS TERRAS DO CEARÁ

Foi verdadeiro insucesso a permanência do Tenente Van Ham no governo do recém- conquistado Fortim de S. Sebastião, na Capitania do Ceará Grande.

Arrogante e confiado o governante holandês desde o momento em que Joris Garstman regressa ao Recife, começa a exercer pressão sobre o maioral Caucaia, exigindo o imediato conhecimento das ofertadas fontes de riqueza que trouxera a campanha batava ao Ceará. Uma inabilidade de sua parte tal decisão, pois os Cariris livres há pouco tempo do jugo português julgado intolerável, esfriaram de imediato o fremente entusiasmo dedicado aos seus novos amigos.



www.colecaomossoroense.org.br

Maniú bem poderia ter levado o oficial flamengo aos almeados terrenos de salinas, que outros não eram senão os depósitos naturais do nosso rio, mas a arrogância e inabilidade do ambicioso Van Ham, fê-lo desistir do propósito inicialmente tomado.

Cauteloso, enviou à praça forte holandesa, pequena porção de sal e insignificante quantidade de “âmbar gris” apanhado nas praias do Ceará.

Van Ham, em vez de agradecer a prestimosidade inicial do chefe selvagem, espouca incontrolado chegando mesmo a insultar o Caucaia, alegando que tão insignificante oferta não chegava para contentar os seus superiores. Foi o início do rompimento nas relações com os selvagens.

De imediato os Caucais se afastaram do Fortim, concentrando-se no acampamento da lagoa formosa, coléricos e hilariantes. Somente a custo, Maniú conseguiu conter os seus guerreiros, evitando o infrutífero assalto contra as muralhas flamengas, solidamente guarnecidas, que os selvagens não conseguiram transpor.

O isolamento brusco e inesperado exasperou o Tenente Van Ham, a quem os soldados amedrontados pelo intranquilizador afastamento dos lugares, começavam a importunar com os seus Bens fundados receios.

Desse modo enervado, o oficial flamengo escreve para os Diretores da Cia. das Índias Ocidentais Holandesas, suas calorosas cartas que são, de um certo modo os primeiros informes econômicos que se conhecem sobre o Ceará.

Van Ham demonstrou com insistência aos seus superiores a inutilidade da ocupação do Ceará Grande, em sua opinião uma



www.colecaomossoroense.org.br

terra miserável e exaurida, imprópria para a criação e lavoura, totalmente desprovida de minérios. Se o interesse da Companhia era o sal, instava o batavo, esse, conquanto existisse no local era em tão diminuta quantidade que nem compensaria iniciar seu transporte. Quanto ao “âmbar gris” de que o índio fizera exagero, tudo não passava de lenda urdida por essa gente miserável.

Aliás o conceito que Van Ham fazia dos Cariris era o mais deselogioso possível, como se poderá verificar pela transcrição de certos trechos de sua correspondência:

“É uma turba selvagem e ímpia... não posso obter desses índios o mínimo serviço ou auxílio... dizem que nada, absolutamente dizem para os portugueses e muito menos hão de fazer coisa alguma para nós, porquanto a terra lhes pertence...”

Contudo, apesar de ter em mãos o depoimento fulminante do seu representante, os Diretores da Companhia Holandesa, de larga experiência nas empreitadas de Colonização, em vez de determinar a retirada da tropa, optam pela escolha de mais sagaz dirigente para o recém-conquistado Ceará Grande. Assim, com recomendações que lhe avalisam o tato e experiência, Gedeon Morris de Jonge é indicado para substituir o insensato Tenente Van Ham.

Abre-se outro capítulo na ação holandesa desenrola nas terras do Ceará e Rio Grande.



www.colecaomossoroense.org.br

GEDEON MORRIS DE JONGE

Forçosamente, uma história desta Zona, teria de reservar um capítulo especial ao homem que primeiro acreditou nas riquezas existentes nas várzeas do rio, muito tendo trabalhado para apresentar à sua Pátria sobremaneira ambiciosa, um atestado concreto do que idealizara. Esse homem foi Gedeon Morris de Jonge, substituto do Tenente Van Han no governo holandês da Capitania do Ceará Grande, a partir de 1640.

Chegado ao Ceará, Gedeon encontrou o gentio revoltado por força da gritante inabilidade do seu antecessor, cuja rudeza do trato irritou o Carirí, e quase antecipou o final do domínio flamengo no inóspito território do Estado vizinho.

Maniú, o astuto chefe Caucaia, já incitava os seus ao assalto do fortim de São Sebastião, farto das exigências do oficial holandês, tão inábil quanto o tinham sido os portugueses em épocas passadas.

Gedeon se fez amigo dos maioraes das tribos circunvizinhas e captando a confiança do gentio, rápido aquilatou o real valor da terra pródiga e rica que o Tenente Van Han menosprezara. Conseguiu convencer os Cariris de que deveriam levá-lo às terras de salinas, cuja posse fora um dos objetivos do domínio batavo na região.

Os Cariris, conquanto conhecessem bem o grande “arrombado” não eram dados à empresas marítimas, assim, aos holandeses secularmente navegadores, coube o explorar dos diversos canais que nesta data apresentava o delta dos rios Mos-



www.colecaomossoroense.org.br

soró e Ivipaním, no abraço em que misturavam suas águas antes da “pancada do mar”. Alguns dias demoraram os flamengos na sondagem dos vários braços que o conjunto fluvial apresentava, até encontrarem a entrada mais profunda e mais larga, certamente o braço mais oriental do rio, que seria por muitos anos a “Entrada” para o terreno das salinas.

As embarcações flamengas subiram por algum tempo o cursofluvial até encontrarem o verdadeiro canal do Mossoró – espécie de canal principal dos dois rios, - em cujas margens, já muito acima, ancoraram. Cariris e Flamengos, metera-se pelo pantanal das margens, perdidos na miniatura de aranhol que os dois rios caprichosos formam no litoral, até as terras mais altas onde se desdobravam as planícies imensas, cobertas de “sal branco como a neve” até aonde a visão podia alcançar.

Gedeon deslumbrou-se ante o maravilhoso espetáculo, metendo-se em longas caminhadas pelas várzeas infindáveis calculando as possibilidades que a posse de tão prodigioso terreno ofereceria à sua Companhia divagando pelas margens do IVIPANIM, cujo álveo tinha penetrado na segunda confluência, descamba para o poente e chega novamente ao Mossoró, num local onde o sal apresentava mais grossa camada, demarcando de imediato, o terreno para estabelecimento de uma salina, a primeira artificialmente trabalhada da região.

A carta do navegador holandês, datada de 14 de Fevereiro de 1641, pouco esconde o entusiasmo de Gedeon Morris pela grandiosidade dos depósitos naturais das várzeas mossoroenses, aliás denominando o rio de IVIPANIM, por uma razão que fa-



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

cilmente se compreenderá, tendo em vista o curso seguido por suas embarcações.

À época da vinda dos batavos, os dois rios apresentavam um aspecto bem diverso, constituindo provas incontestáveis dessa diferença, os antigos sulcos hoje soterrados que se divisam na atenciosa observação das dunas e dos terrenos salíferos marginais; a construção de levadas e aterros, necessários ao sistema de movimentação da água represada para o fabrico do sal, desviou antigos cursos, mas não apagou nesses terrenos os vestígios que os antigos pântanos deixaram; grossos troncos de mangues, semi-petrificados e o aspecto particular do solo, cuja pouca firmeza demonstra o soterramento de antigos valados e fossos naturais. Os dois rios uniam-se em duvidosas confluências, desde alguns quilômetros acima do desaguadouro, formando um canal único em certos trechos, para de novo se ramificarem em cinco ou seis braços, conservando os canais do nascente uma continuação natural do Ivipaním. Alagadas, as margens do citado rio, constituíam-se em vasto lençol líquido, das confluências para o mar. As galeotas batavas penetraram esse intrincado sistema pelo canal mais oriental, desaguadouro natural do Ivipaním que aliás recebera esse nome do Cariri, devido particularidades suas que o tornavam característicos dentro do “grande arrombado”. Ivipaním significa “rio de água pesada”, “águas más para o peixe”, por analogia “águas caiporas”.

Cumprir lembrar, o atual rio do Carmo ou Upanema nunca foi pouco piscoso, o vocabulário originou-se de um fenômeno que ainda hoje pode ser constatado, particularidade sua também



www.colecaomossoroense.org.br

poderia ocorrer no Mossoró, nunca porém com tanta intensidade. É que, conquanto seja um rio de cheias violetas, o rio Upa-nema encontrando no trecho final do seu curso, terreno baixo de largas várzeas, chega próximo à “pancada do mar” quase transformando em enxurrada, alagando o solo pantanoso para depois de infletir no Mossoró, alcançar as águas do Atlântico em canal bem largo e profundo. (Vale ressaltar que este mesmo canal hoje completamente soterrado pelas dunas, desapareceu). Pois bem, nesse plácido e imenso espreado intermediário, o peixe prolifera em abundância. São os habitantes naturais dos cursos fluviais nordestinos e peixes do mar que se misturam em mista saltitante convivência, para gaúdiotas aves marinhas e do sertão: galinhadágua, bico-tortos, garças de neve, massaricos, colhereiras, gaviotas, mergulhões, marrecos de todos os tipos e patos selvagens. Depressa na longa soalheira a água das enchentes ou do mar se evapora, fracionando-se em diversas porções. O líquido engrossa e começa a transformação no cloreto de sódio, que se faz rápido e mortífera para os habitantes do meio em solidificação. A água muda de coloração subitamente, e, de acordo com a resistência da espécie, os peixes começam a morrer. Os mais fortes ainda sobrevivem, lentamente torturados pela ação química dos compostos salinos que lhes corroem os órgãos, sufocando a respiração. O pescador que há semanas aguardava o momento propício de lançar-se ao pescado, entra rapidamente em ação. Antes do tempo conhecido pela prática, não seria possível apanhar o peixe engordado, com locomoção rápida assegurada pela extensão do lençol líquido; agora sim. E a pescaria tem de ser feita



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

com pressa, antes que todo peixe pareça asfíxiado. O menor erro no cálculo pode trazer ao pescador, a decepção de, em chegado com as redes, encontrar o pescado morto – sobejo das aves – pelo engrossamento das águas.

O Cariri sabia disso, assim denominava o rio IVIPANIM, termo que em seu linguajar significava, “rio de águas pesadas” ou “caipora”.

Divagando pelas margens dos rios, Gedeon certamente ouviu o Cariri enunciar o nome e com ele, denominou todo Delta. Daí a confusão que se estabeleceu em torno dos nomes holandeses para o rio Mossoró. Aliás o designativo era empregado somente pelo flamengo, que o índio, esse sabia muito bem qual a distinção entre o trecho “caipora” e o grande “arrombar” do rio irmão.

O português, treinado na idiomática ameríndia, conservou a distinção. De Ivipaním, viria a corruptela Upanema que também não ficaria definitiva, pois um estabelecimento de Carmelitas do Recife na ribeira daria outro nome ao rio “caipora” que daí por diante seria também chamado de DO CARMO.

A salina estabelecida por Gedeon, prosperou algum tempo e nela carregaram alguns barcos batavos, segundo se pode constatar. Para tanto, tornou-se indispensável a mão de obra Carirí, operariado esse que fatores naturais se encarregaram de dispensar. Como causas desse dispersamente forçado, registrou-se vagamente, o massacre levado a efeito contra os Caucaias pelos ferozes Carirísaldeitados no curso superior do rio e o dizimamento do acampamento por impiedosa moléstia de “bexigas” que espalhou invencível onda de terror entre os sobreviventes.



www.colecaomossoroense.org.br

Além de tudo, a remoção do Oficial Holandês para outras paragens onde a Colonização Holandesa reclamava sua presença valiosa, acabou por extinguir a primeira instalação organizada de extração salífera do Mossoró, reduzindo-a a escombros.

Nem mesmo se pode dizer com certeza em que exato local foi construído a primeira salina desta Zona de cuja produção chegaram os holandeses a carregar alguns barcos pertencentes à famosa Companhia das Índias.

O que queremos deixar claro é o nosso respeito e reconhecimento ao Oficial Holandês que consideramos o verdadeiro pioneiro da indústria salífera do Mossoró.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

O ATERRO “ALANDEZ” E O MALÔGRO DA EMPREITADA DE GEDEON

Contam os envelhecidos pescadores da cidade de Areia Branca a quem lhes ouça o pitoresco relato, quando empenhados nos lentos concertos das redes e apetrechos de pescarias, a história curiosa de um “aterro” erguido pelos holandeses na foz do rio Ivipaním. Não se sabe quem lhes ensinou a versão desse acontecimento tão intrigante, talvez outros pescadores mais velhos, seus pais, seus avós, coisas da tradição.

Nos tempos da invasão flamenga, conforme já foi ressaltado neste livro, bem diverso era o aspecto da costa norte-riograndense no trecho em que deságua o sistema fluvial vindo do centro-oeste do território. Delta intrincado, pontilhado de pequenas verdejantes ilhas e ilhotas, formavam os dois rios, ameaçando o nauta que se empenhasse no bordejo das praias baixas, coroadas pelas dunas alvacentas.

O canal mais profundo do conjunto era justamente o mais oriental dos desaguadouros, conforme a tradição oral registra e a toponímia confirma, conservando o designativo de “Entrada” para um arraial situado entre as dunas à cavalheiro do antigo álveo do Ivipaním.

Pelo relato dos nossos velhos pescadores, os holandeses resolveram aterrar o desaguadouro que apesar de profundo oferecia a desvantagem de ficar no percurso natural das dunas que o vento impetuoso constantemente deslocava na costa. Para tanto, começaram por entulhar a embocadura naturalmente condenada



www.colecaomossoroense.org.br

com larga muralha de pedras e argamassa, forçando as correntes do Ivipaním a infletirem violentamente no canal do Mossoró, assim aprofundando o seu desaguadouro que era justamente o mais ocidental do sistema, ainda hoje utilizado no serviço de navegação que faz a riqueza da zona. Tolhida a corrente do rio, vieram as dunas e lentamente entulharam o antigo álveo profundo. Hoje, a muralha flamenga oculta sua presença sob o leito morto do rio Upanema.

Não podemos afirmar se é verdadeira essa afirmativa dos pescadores locais; julgamos porém, se tal se deu, merece justificativa o procedimento dos flamengos, pelo fenômeno natural predominante na geografia do Ceará e do Rio Grande que faz com que as dunas soterram sempre e com mais acentuada rapidez, as embocaduras direitas dos sistemas fluviais da região, em virtude mesmo “da Constância dos ventos de SE que fazem com que as diretrizes das areias não sejam paralelas nem normais à costa”.

Quer o soterramento do antigo leito tenha sido produto do esforço humano ou decorrência de um fenômeno natural não se pode duvidar de sua concretização pelo testemunho histórico que ficou da antiga presença de um canal navegável na região. Até cerca de vinte anos atrás, quando as marés grandes, na vazante recuavam ao máximo, descobrindo grande parte do leito marítimo, era possível ver defronte à antiga “Entrada”, enegrecidos cavernames de velhos barcos naufragados no “baixio”. Um velho amigo nosso, cujas aventuras ainda serão em parte, mencionadas neste livro – o mergulhador Bagaé – certa vez lançou-se às águas e inspecionou detalhadamente o casco de velha



www.colecaomossoroense.org.br

barca portuguesa, encontrando até os vestígios da carga trazida pela nave na ocasião do sinistro que a aprofundou nas águas do mar; os portões estavam carregados de louça do Reino, estragado vasilhame das antigas exportações portuguesas para a sua colônia mais valiosa: o Brasil.

Se os holandeses estiveram empenhados na construção deste aterro intrigante, certamente Gedeon Morris de Jonge esteve incluído entre os obreiros da realização. O homem foi grande admirador dos nossos naturais recursos e não nos espantaria muito que tivesse pelo menos inspirado esse trabalho da engenharia batava pela valorização do curso navegável do rio.

Porque Gedeon chegou a lançar as bases de sua sonhada industrialização salífera, isso não se pode contestar. Então é de supor-se que os holandeses pretenderam por algum tempo estabelecer-se definitivamente por estas bandas, no que foram surpreendidos e desalojados pela animosidade dos tapuias interioranos e os surtos de varíolas que lhes destroçava a mão de obra nativa. É que o tapuia não resistia (aliás o ameríndio em geral) a essas epidemias que a vinda do branco trouxera para a saída atmosfera da América e depressa sucumbia ao contato da peste que a raça invasora suportava com certa resistência. E às primeiras mortes, o terror se apoderava do gentio ignorante, formando-se a debandada para o recesso das matas, onde a ausência do branco, a medicina dos curandeiros e as secularmente exploradas particularidade medicinais da flora prodigiosa poderiam mantê-los livres do abraço fatal da peste incompreendida. E ninguém os faria voltar ao local de uma grande mortandade, cuja



www.colecaomossoroense.org.br

ação maléfica atribuíam de imediato a poderes sobrenaturais, aos quais era conveniente fugir.

Consta bem vagamente que os holandeses animados por Gedeon ainda empreenderam o serviço brutalmente interrompido, certamente empregando outro indígena paratratamento especial do cloreto de sódio, porém nova revolta dos Tapuias locais destroçou definitivamente o malsinado acampamento.

Afastado Gedeon Morris de Jonge do comando em terras cearenses, pelas disposições da Companhia que o levaram a outra região, desistiram os flamengos de continuar a industrialização salineira pela qual tanto se empenhara o bravo oficial.

Depois os acontecimentos internacionais motivaram mudanças no quadro das disputas, outros interesses surgiam aos olhos dos mercenários filhos da Holanda e eles pressionados contra a revolta luso-nativista que se erguia de todos os quadrantes da imensa colônia, foram impelidos à partida.

Deixaram alguns vestígios – uns físicos outros espirituais – guardados ciosamente na mentalidade do povo nordestino, é natural que vem por outra surja uma história como essa que contam os velhos pescadores da foz do Mossoró: a história do aterro “Alandez” erguido no local onde hoje predominam as dunas impassíveis, como um desafio a que o homem contemporâneo descubra segredos soterrados em suas areias tão alvas como espuma.

Do livro: “Mossoró, Urbe e Zona”, que deve ser reeditado, por se tratar de uma raridade bibliográfica.



www.colecaomossoroense.org.br

José Alexandre é um Areiabranquense de inteligência,
digno desta homenagem.

O livro foi publicado pela Editora Comercial, Mossoró.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

V – GEOMORFÓLOGOS DEBATEM O PROBLEMA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DAS SALINAS DO RIO MOSSORÓ

Raquel Caldas Lins e
Gilberto Osório de Andrade

“Os sítios de Areia Branca e Grossos, sedes dos municípios desses nomes, são também croas argilo-arenosas que se defrontam com a barra de permeio. Ilhada pelas salinas, a de Areia Branca já esteve, ainda em tempos históricos, entre duas bocas do rio. Pela mais oriental dessas bocas – dantes, parece, a mais ativa e testemunhada hoje apenas pela camboa do “rio” Morro Branco e pelo esteiro salgado que conserva o nome tradicional de “barra do Upanema”⁽¹⁾ – teria everedado Gedeon Morris de Jonge (1641) afim de descobrir, por conta da Câmara da Zelândia, as salinas de que dera notícias Verdonck (1630) e que, já nos começos de seiscentos, eram exploradas por tupis mansos engajados nas tripulações de barcos que faziam a cabotagem entre Pernambuco e o Ceará⁽²⁾. “Barra do Upanema” e “rio Upanema” são tudo quanto figura na cartografia ainda até o século XVIII. Só depois é que o nome de Mossoró, atribuído ao rio em

(1) - Idem

(2) - CASCUDO, Luís da Câmara. Notas e documentos para a História de Mossoró. Pags. 17 e 25 nota 1.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

função do povoado de Santa Luzia do Mossoró, generalizou-se até a foz. Isso e mais o extenso alagamento do estuário no tempo das enchentes – alagamento que funde a várzea terminal inteira numa só paisagem líquida e baralha os eixos da drenagem – têm induzido vários a supor que, noutros tempos, o Upanema (rio do Carmo) não se juntava ao Mossoró e se lançava no mar por barra própria. Mas não se vêem sinais nem probabilidades de captura recente. Tudo quando se pode verificar é que os dois rios hão de ter tido sempre, como têm, estuários comum. O lugar da confluência é, de resto, impreciso. Antes do ponto em que se reúnem, 18km a montante da barra, correm já as águas do afluente para o coletor e vice-versa, conforme o volume relativo das descargas com que um e outro “descem”. E o encontro dá-se em plena várzea terminal sujeita à penetração d’água marinha, de sorte que não se faz propriamente num ponto, mas numa extensa área cortada de camboas e de esteiros salgados ou salobros”⁽³⁾

⁽³⁾ Rios da Carnaúba – Coleção Mossoroense – Vol.50.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

VI – GENTE DO SÉCULO XVII NA RIBEIRA DO MOSSORÓ

Ernesto Enes, conservador do Arquivo Histórico Colonial, de Lisboa, publicou, em 1938, “As Guerras nos Palmares” (1º Volume, v. 127 da Coleção Brasileira). Preciosa contribuição trouxe este livro à História da Confederação dos Janduís, sobre a qual Taunay já escrevera uma excelente monografia. (“A Guerra dos Bárbaros”, Afonso de E. Taunay, Revista do Arquivo Municipal, v.22, ano 11, abril de 1936, São Paulo).

Em Enes, ficamos sabendo que alguns soldados dos Palmares passaram, no século XVII, pela Ribeira de Mossoró. Em 1689, por aqui estiveram Manoel da Rocha Lima e Manoel Roriz de Sá. Manoel da Rocha Lima era candidato ao posto de Capitão de Infantaria, que vagara em Pernambuco, com a promoção de Manoel Pinto ao de Ajudante de Tenente. Desde 1697 estava ao serviço de Sua Majestade. Combatera nos Palmares e foi mandado, em 1689, pelo Governador de Pernambuco, Antonio Luiz Gonçalves da Cara, “por cabo de 200 homens a Ribra, do Assú para se fazer guerra ao Tapuya da Nação Jandoim pelas grandes hostilidades que haviam feito aqueles moradores, achando-se nas marchas que se fizeram em seguimento do mesmo inimigo por tempo de mais de cinco meses como foi a Ribra de Piato, travessia do Rio Paneminha, Panema Grande, Ribeira Mossoró até a Alagoa do Pody distante mais de 70 léguas do Arrayal”. Pág.298.



www.colecaomossoroense.org.br

Manoel Roriz de Sá (Manoel Rois de Saã) era candidato ao posto de Capitão de uma companhia de infantaria, do Terço do Mestre de Campo Jorge Lopes Alonso, vago por falecimento de Antônio Barbosa. Roriz servia a Sua Majestade desde 7 de outubro de 1672. Lutou também, contra os negros dos Palmares e os índios da “Confederação dos Jandoins”. Vemo-lo, ainda, na “prisão do Principal Andre Vidal e de quatro mais que o acompanharam, degoliando-se 14 e seguindo aos mais que fugiram nas marchas do Rio Paneminha, Rio Panema Grande, Ribeira de Mossoró e Alagoa de Pody” (pag.447). Observemos que a marcha dos Rio Paneminha e Panema Grande se estendem até a Ribeira de Mossoró e Alagoa do Apodi. É muito provável pois, que Pedro de Albuquerque Camara, pretendente ao cargo de Capitão Mor do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo que Bernardo Vieira de Melo, Valentim Tavares Cabral, Agostinho César de Andrade e que em 1689 tomara parte na “marcha que se fez do Olho-d’água aos Rios Paneminha e Panema Grande, até a Alagoa Pody”, (pag.228) tenham pisado o solo da Ribeira de Mossoró. Valentim Tavares Cabral foi nosso Capitão-Mor (1654-1663) (Câmara Cascudo. “Governo do Rio Grande do Norte”). Agostinho Cesar de Andrade, de 1694 a 1695, e Bernardo Vieira de Melo, 1695-1701 também nos dirigiram. No combate da Lagoa do Apodi, estiveram outros soldados como João do Montes (pg. 409) e Luiz da Silveira Pimentel (pg. 269) e é provável que tenham estado na Ribeira de Mossoró.



www.colecaomossoroense.org.br

Vindo do Açu para o Apodi, os soldados teriam passado pelos rios Paneminha e Panema Grande e ainda pela Ribeira de Mossoró.

Vê-se claramente que o rio Upanema atual é o Paneminha dos documentos do Livro de Enes e ainda que o Panema Grande de antanho corresponde ao Mossoró de hoje.

Aires do Casal na sua “Geografia Brasília ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil”, cuja primeira edição é de 1817, na edição recente da Coleção Reconquista, vol.27, 1976, pág. 279, afirma: “O Rio Apodi ao qual dão 400 léguas de curso, noutro tempo Upanema, nome que hoje se apropria a outro menor, que se lhe une pela margem direita, 3 léguas acima da embocadura”, etc.

“Deste sítio (Sta.Luzia) para baixo estão as famosas salinas de Mossoró, cujo sal é alvo como a neve e faz que aquelas paragens sejam vistosas e povoadas e o rio visitado por grande número de embarcações que o transporta a diversas partes” (pág.279).

É fácil conciliar Aires do Casal e Ernesto Enes.

O Rio Upanema é o Mossoró de hoje, o Upaneminha é o atual Rio Upanema.

Mas, dos documentos revelados por Enes surge uma pergunta: Como situar o rio Upanema na Ribeira de Mossoró, também batido pelos soldados setecentistas.

Ribeira é o terreno banhado por um Rio, ensina mestre Aurélio no Seu Dicionário. Perguntaríamos ainda por que Ribeira de Mossoró e não Ribeira de Upanema? Levantaríamos uma



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

hipótese. Pode ter acontecido que ao fim do período do batismo do Rio Upanema Grande do século XVII, começasse a surgir, simultaneamente, o novo batismo de Mossoró.

Também Tomaz Pompeu Sobrinho afirma que Upanema foi o nome adotado para o atual rio Mossoró no século XVII.

Até quando perdurou esta denominação? Seria difícil precisá-lo, mas uma recapitulação das sesmarias talvez traga algum subsídio à solução do problema.

Consultamos: “Dois temas de História Regional: Sesmarias e Abolição”, do primeiro dos autores, (Coleção Mossoroense, vol.CLXX). Panema:

Geraldo de Suny, concedeu uma sesmaria a Felipe da Silva e outros em Três Irmãos, Jaguaribe e Panema, em 1680 (Rio Grande do Norte).

Panema Grande ou Mossoró:

Salvador Alves da Silva, Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, concedeu Sesmarias a Antônio Dias Pereira no Panema Grande ou Mossoró em 1712 e 1713 (s12 e s13).

Rio Panema:

Bento Macedo Faria, capitão-mor do Ceará concedeu Sesmaria a Pedro Farto e outros pela “banda do Rio Panema”, em 1683 (s3). Ceará.

A junta provisória do Governo da Província do Rio Grande do Norte concedeu Sesmarias a Manoel de Freitas da



www.colecaomossoroense.org.br

Silva e Gonçalo de Freitas Costa, nos Rios de Mossoró e Panama, em 1820 (s3).

Rio Upanema:

Roque da Costa Barreto, concedeu Sesmaria a Gonçalo Leitão Amaro e outros no Rio Upanema, em 26/12/1678 (s1) – Rio Grande do Norte.

No governo de Bernardo Vieira de Melo, moradores do Recife receberam Sesmarias para as bandas do Rio Upanema, em 1695 (s5) – Rio Grande do Norte.

Rio Paneminha

Dom Fernando Muniz Mascarenhas de Alencastro expediu carta de Sesmaria ao Padre Frei Vicente dos Remédios, prior da Reforma de nossa Senhora do Carmo no Rio Paneminha em 26/09/1701 (s6) Pernambuco.

João de Lyra Tavares em “Apontamentos para a História Territorial da Paraíba” (Coleção Mossoroense, Vol. CCXLV) afirma (pág.67 e 68) que João da Maia da Gama, concedeu Sesmaria a D. Francisca de Souza e outros, de terras localizadas entre as Serras de Patu e Urá, em 18 de setembro de 1708.

Ali nasceria um riacho que desaguava no riacho Paenemy que por sua vez era afluente do “Sertão do Apodi”.

Paenemy devia ser o Paneminha, Upanema, Carmo ou Angicos dos nossos dias. “Sertão do Apodi”, é o Rio Mossoró atual.



www.colecaomossoroense.org.br

Panema, Panema Grande, Rio Panema, Rio Upanema estão, assim em sesmarias de 1678, 1680, 1683, 1712 e 1713, 1820.

As sesmarias de 1712 e 1713 documentam o Mossoró e o Panema Grande como sinônimos.

Rio Paneminha (Upanema Atual) está em Sesmaria de 1701 s6 – Pernambuco.

Mossoró é mencionado em Sesmarias de 1712, 1713, 1715 e 1823.

Riacho Mossoró é citado em Sesmarias de 1743.

Ribeira de Mossoró vem em Sesmarias de 1695, 1709, 1763.

Ribeira do Rio Mossoró, vamos encontrar em Sesmaria de 1810.

Rio da Barra de Mossoró aparece em Sesmarias de 1798.

Rio Monxoró surge em Sesmarias de 1710.

Rio Mossoró pode ser lido em Sesmarias de 1739 e 1820.

Em hipótese que formulamos anteriormente, admitimos que o batismo de Rio Mossoró surgiu quando o antigo Rio Panema Grande ainda tinha esta denominação, substituindo-o inteiramente em época posterior.

O Antigo Rio Paneminha ficou sendo o Rio Upanema, Carmo ou Angicos dos nossos dias.

Rio São Miguel foi a primeira denominação do Rio Mossoró, para o sábio cearense. “Identificação fácil que não comporta dúvidas, não obstante a distância consignada por Soares daí para a baía dos Arrecifes, diz ser ao contrário do caso preceden-



www.colecaomossoroense.org.br

te Jaguaribe – Arrecifes, inferior à real, em vez de 7 léguas deveria registrar 8,5.

Num grande número de mapas quinhentistas do rio Apodi ou Mossoró traz o nome do rio de São Miguel, no século seguinte mudado para Upanema (Protohistória cearense – 2ª edição, Universidade Federal do Ceará, 1980, páginas 205 e 206.

Guarino Alves também escreveu que “demais em mapas do subsequente século o apodi aparece como sendo Ipanema, de Ig, rio, Ipanema imprestável em alusão à aridez do solo com carência de água potável por efeito das grandes salinas naturais (Estudos Americanos, Revista do Instituto do Ceará, Tomo 90, 1976, pág. 65).

Noutro trecho do grande livro de Tomáz Pompeu Sobrinho, Protohistória Cearense, está escrito. As Serras Reinel traz esta expressão no plural, provavelmente para indicar a ponta da Serra do Apodi conjuntamente com as chamadas Serras Dantas de Fora e de Dentro, situadas nos limites orientais do Estado. Ficam estas serras imediatamente a oeste do rio de São Miguel, que é o atual Apodi ou Mossoró no Rio Grande do Norte.

Já no mapa de Viégas (1534) encontra-se “Serras de S. Miguel”, expressão repetida nos de Descaliers, Vaz Dourado, Doet e outros. É possível que a denominação, tirada do agiologia católico, provenha do descobrimento ou, antes, do dia em que o perfil montanhoso foi notado e batizado. Neste caso, teria isto acontecido no dia 29 de setembro de um ano qualquer, antes de 1516.



www.colecaomossoroense.org.br

De São Miguel também se chamou durante muitos anos o atual rio Apodi, curso d'água que limitava no seu trecho inferior os territórios das províncias do Ceará e Rio Grande do Norte.

A proximidade dos dois acidentes geográficos, as Serras e o rio, explicam a denominação comum, pág.220.

Gilberto Osório de Andrade e Rachel Caldas Lins em os “Rios-da-carnaúba, o rio Mossoró (Apodi)”, Coleção Mossoroense, vol.50, também abordaram o problema, pág.53, 54: “Barra do Upanema” e “rio Upanema” são tudo quanto figura na cartografia ainda até o século XVIII. Só depois é que o nome de Mossoró atribuído ao rio em função do povoado de Santa Luzia de Mossoró, generalizou-se até à foz.



www.colecaomossoroense.org.br

VII – “RELATÓRIOS E CARTAS DE GEDEON MORRIS DE JONGE

NO TEMPO DO DOMÍNIO HOLANDES NO BRASIL

José Higinio (1)

Desde os fins do século XVI e durante o primeiro terço do século XVII, os ingleses e os holandeses tentaram estabelecer colônias nas margens do rio Amazonas, que eles remontaram até grande distância de sua foz.

A invasão de estrangeiros no vale do majestoso rio, sobre o qual Espanha e Portugal reclamavam exclusivo domínio, chamou a atenção dos Portugueses e os atraiu ao Pará, logo que eles se desapressaram dos Franceses, expulsando-o do Maranhão.

Os Favelas, os Aranhas, os Teixeiras assaltaram por vezes os postos estrangeiros, destruíram fortes, capturaram navios e colonos. Um desses assaltos bem sucedidos teve lugar em 1628, rendendo-se por capitulação o forte inimigo sito no Tucujú. Cremos, que caiu então em poder dos Portugueses um aventureiro holandês de nome Gedeon Morris de Jonge, que veio a representar depois um papel na história da colonização do Ceará, e cujas informações prestadas aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais contribuíram para que estes resolvessem a conquista do Maranhão.



www.colecaomossoroense.org.br

Possuímos de Gedeon Morris dois relatórios e várias cartas, documentos inéditos, mas não destituídos de interesse, que traduzidos daremos agora à estampa.

Em ordem cronológica, o primeiro desses documentos é o seguinte relatório sobre as capitânicas portuguesas do Brasil setentrional, que Morris, tendo conseguido voltar à Holanda depois de oito anos de cativo, apresentou aos diretores da Companhia, para o fim declarado de movê-los a ocupar o Maranhão e o Pará.

“Breve descrição apresentada aos Srs. Diretores da outorgada Companhia das Índias Ocidentais, delegados à Assembléia dos Dezenove sobre os lugares situados no Brasil setentrional denominados Maranhão, Ceará, Cameté, Grão-Pará e outros rios compreendidos na bacia do famoso rio do Amazonas, onde os Portugueses tem assento, com toda a disposição e circunstâncias respectivas, como deixei no último de Novembro de 1636.

Nobres e poderosos Senhores.

Os referidos lugares não são desconhecidos a VV. S.; pelo que a respeito deles têm escrito vários autores. Como porém o tempo muda a situação e a disposição (das coisas), e a inspeção ocular e apropriada experiência valem mais do que o ouvir dizer, não posso deixar de apresentar a VV.SS. esta relação especial e verdadeira, tendo freqüentado aquelas terras durante oito anos seguidos, esforçando-me sempre por observar-lhes a situação, na esperança de poder vir a ser um dia, instrumento de VV.SS. para neste particular prestar algum serviço, e para isto mui reverentemente me ofereço.



www.colecaomossoroense.org.br

Primeiramente tratarei do Maranhão, que de todos esses lugares é o principal.

O Maranhão é uma ilha situada na boca de dois rios, um chamado Tapechrone (Itapocurú) e o outro Mony, e fica-lhe perto um outro chamado Mery.

Essa ilha demora alguns graus ao norte do Rio Grande; é muito fértil, bela e aprazível, e sofrivelmente habitada, pois contam-se na cidade do Maranhão 500 ou 600 casas e 700 ou 800 homens entre soldados e burgueses; mas a cidade é aberta sem muralhas, trincheiras ou obras exteriores, e não tem outra defesa senão dois fortes que não se recomendam por qualidades especiais, guarnecidos ambos com 20 ou 24 peças de ferro, pela maior parte pequenas. Em um deles reside o governador, cujo comando se estende sobre as capitanias do Brasil setentrional.

O lugar, pela sua fertilidade e amenidade, bem pode ser comparado no jardim do Éden; a maior parte das casas da cidade são aformoseadas com belos e aprazíveis jardins, que dão frutos durante todo o ano, como laranjas, limões doces e azedos, figos, uvas e muitas outras frutas das Índias, que entre nós não são conhecidas, e fora da cidade, tanto na ilha como no continente, os moradores tem suas casas de campo com toda a sorte de frutos sadios e agradáveis, abundância de mantimentos, de animais domésticos e selvagens, muita variedade de aves, bem como plantações de cana, fumo e algodão, que os escravos dos índios cultivam.

Segundo o meu cálculo, os índios do Maranhão, livres e escravos, são em número de dez mil, os livres pela sua maior



www.colecaomossoroense.org.br

parte se distribuem por aldeias, algumas das quais existem na ilha e outras no continente e no rio Tapechrone.

Neste rio havia um sólido forte no tempo do governador Francisco Quelligio de Carvalho*, mas foi arrasado, depois que ele morreu em outubro de 1626.

O filho desse governador** partiu em 1º de março de 1636 para as Índias Ocidentais, a fim de encontrar a frota que cada ano parte de Havana, e levou consigo duas caravelas carregadas de fumo, muitos escravos, algumas caixas com patacões, grande quantidade de âmbar gris, jóias, ouro e prata.

Além daqueles milhares de índios, que os Portugueses têm sob a sua sujeição, existem pela terra a dentro, no rio Tapechrone e outros vizinhos, diferentes nações de índios, que às vezes se levantam contra os Portugueses, atacam as aldeias indianas e apreendem ou matam todo os que eles podem haver às mãos, e isto feito, retiram-se para os matos.

Desses índios os principais se chamam Corrorics; são grandes e fortes e de costumes mui estranhos. Há uma outranação semelhante a esta em costumes, mas não tão forte; os homens são altos e secos, chamam-se Kakayes, e moram também na vizinhança do Tapekrou.

Esta é a causa porque os Portugueses nunca descobriram esse rio além de sessenta léguas para o interior. Eu porém ouvi

* Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, nomeado governador em 23 de setembro de 1623;

** Feliciano Coelho.



www.colecaomossoroense.org.br

dizer a um coronel Francês chamando Samuel Charles de Hebbert, atualmente ao serviço do rei da Polônia, e outrora residente no Maranhão, antes de o terem os Portugueses conquistado, que ele estivera no rio de Tapekron a mais de 400 léguas (da foz), e daí levava ao rei de França um mineral de puro ouro com perda ou diminuição não superior a 10%.

Foi então enviado por ordem do rei, um homem nobre chamado La Verdiere, como governador de uma companhia, para fundar uma grande colônia no Maranhão. Vendo Samuel Charles de Hebbert que não fora elevado a chefe, tendo somente ele descoberto aquela mina, resolveu partir imediatamente para a Alemanha, onde desde então tem residido, e assim a dita mina nunca mais foi aberta.

O Maranhão tem cinco engenhos, que anualmente dão cerca de 1.000 caixas de açúcar; produz também mil e alguns centos de rolos de fumo, um ano mais, outro menos. O algodão é aí abundante e com ele poder-se-ia carregar dois navios por ano.

Há pouco anoto*, porque os Portugueses não o sabem plantar. Há, porém bastante gengibre, batatas selvagens, que se usam para purgas, várias espécies de óleos e uma espécie de bálsamo muito precioso e medicinal, que é tão bom, segundo dizem os Portugueses, quanto o da Arábia, abundantes sortes de

* “Em outre ly croist divers fruits qui donnent dès teintures fort belles, dont lês sauvages sçavent hien lusage, comme estl’annoto, qui d’autres nomment orellan, qui teint la laine et principalement la soye em orange,” Johan de Laet, Le Nouveau Monde, pag. 585.



www.colecaomossoroense.org.br

excelente goma, variedades de madeira, como o pau-brasil fustete, madeira malhada, guaiaco ou pau santo em extraordinária quantidade, cedro e muitas outras espécies próprias para a construção de casas e de navios.

No Maranhão e no Pará, bem como por todo o litoral, se encontram em grande abundância as folhas de certos pequenos arbustos, que são um anil puríssimo; o que não muito antes da minha partida foi aí verificado e experimentado por um Inglês de nome Roger Freye, e depois da partida dele, por outros; de sorte que poder-se-ia fazer e exportar anualmente anil em grande quantidade.

Quanto a mantimentos, há em abundância, a saber: animais domésticos, como vaca, porcos e cabras (alguns cavalos para trabalho), e silvestres, como porcos bravios, javalis, veados, lebres, coelhos, tatus, tartarugas e muitos outros, e também aves galináceas, perús e certo pássaro semelhante ao pavão, chamado moutoc, grande quantidade de rôlas e muitas outras espécies entre nós desconhecidas e que longo seria enumerar.

Os rios são abundantes de mais de vinte espécies de peixes bonitos, sadios e frescos, pouco conhecidos entre nós, notando-se entre outros a vaca-marinha, o piera pimini semelhante à lagosta (?): excelente para comer-se, parati a modo do arenque, caranguejos de mar e de rio, ostras extraordinariamente grandes e mui boas.

Além dos frutos a que já nos referimos, há mais doze diferentes espécies de frutos de árvores e outros, que, pelo seu delicado e agradável sabor, são mui desejados e de que se fazem



www.colecaomossoroense.org.br

doces; bem como, frutos de terra, a saber, toda a sorte de raízes e grãos, como mandioca (cassave), batatas, carás e outros mais, milho feijão e arroz em abundância, couves, mostardas, salsas, salvas, beldroegas e outras ervas.

Capitania do Ceará. Fica ao sul, entre o Maranhão e o Rio Grande. Propriamente falando, não é mais do que um pequeno forte construído na costa sobre um monte de terra vermelha, habitado e guardado por cerca de vinte Portugueses para, em caso de necessidade, defenderem-no.

Esses vinte Portugueses têm sob a sua sujeição uma grande nação de índios mui hábeis e espertos no achar o âmbar gris, que é lançado em sofrível quantidade, um ano mais outro menos, na costa entre o Maranhão e o Ceará.

De ordinário aí vão ter os navios, que se dirigem para o Maranhão a fim de tomarem conhecimento da terra, e em seguida navegam ao longo da costa para o lugar do seu destino.

Os proveitos que se pode obter e esperar do Ceará são âmbar gris, alguns rolos de fumo, uma sorte de madeira que é excelente mercadoria, e certa quantidade de algodão.

Esse lugar é também muito fértil e a terra própria para cana de açúcar, fumo, algodão, tintas, gengibre, e tudo o mais que se queira plantar; o seu ar é saudável e há abundância de mantimentos.

Do Maranhão para o norte, a cinco dias de viagem em canoa, fica um rio chamado Merketscme, em cuja foz há uma ilhazinha, que os Portugueses chamam Ilha do Ouro. Segundo dizem pessoas fidedignas, assim Portugueses como Ingleses e



www.colecaomossoroense.org.br

outros, existe ali uma rica mina de prata, e para exata confirmação disto, declaro ser verdade o seguinte fato. Um certo Inglês chamado Raph More, que serviu o governador durante oito anos, me afirmou e jurou, que ele viu e tratou, na casa do mesmo governador, um mineral da dita mina, e apurado o mineral viu-se que rendia e produzia boa quantidade de prata pura.

Continuando a seguir a costa para o norte fica, a quatro ou cinco dias de viagem, a capitania de Caieté (Caeté)*, onde há apenas um fortim situado em uma angra ou enseada (Kreke) a 10 ou 12 léguas da costa. Tem duas pequenas columbrinas de ferro, e o lugar PE ocupado por não mais de quinze portugueses, que têm sob a sua sujeição cerca de mim índios, uns livres e outros escravos. Os escravos fazem anualmente cerca de 30.000 libras (?) de algodão e algumas centenas de rolos de fumo. Dá grande quantidade de laranjas, e diferentes espécies de belas madeiras. A terra é também própria para cana de açúcar e tudo o que aí se quiser plantar, há muitíssimo mel e cera, e grande abundância de carne, peixe, vacas marinhas, etc.

Seguindo sempre a costa para o norte e em distância de oito ou dez dias de viagem de Caeté fica a capitania do Grão-Pará, que tira o seu nome de Grand Prairie, o que significa grande planície, dando-se com isto a entender, que é um grande ajuntamento das águas dos diferentes rios que ali vão ter.

É esse o último lugar situado na costa do Brasil setentrional, ou melhor é o primeiro lugar situado na bacia do famoso

* Bragança



www.colecaomossoroense.org.br

rio Amazonas, cuja ponta meridional é como a separação entre a água salgada e a doce.

Tem um forte com uma meia lua à borda do mar, e está guarnecido com 16 peças de ferro.

O forte e a cidade ficam bastante altos. A cidade, segundo conjecturo, conta 300 ou 400 casas, e 500 Portugueses entre burgueses e soldados, e há seguramente 10.000 índios, tanto escravo como livres, dentro da compreensão do Pará, os quais se acham distribuídos em derredor por várias aldeias e casas de campo, de sorte que podem reunir-se em 24 horas, se a ocasião o pedir.

Há aí abundância de algodão, fumo e laranjas, o que dá para carregar fortemente dois navios por ano. Também dá em grande abundância a cana de açúcar, bastante para alimentar continuamente dois engenhos. A gente do Pará, porém não faz açúcar por falta de caldeiras e de outros utensílios.

Queiram VV.SS. notar, que a cana de açúcar é aí mais grossa e melhor do que em qualquer outro lugar; alonga-se muito, atingindo altura superior a de um homem alto, e é mais grossa do que o meu braço. Tenho ouvido muitas vezes os Portugueses e outras pessoas dizerem, que o solo nessa região é muito próprio para a indústria do açúcar do que Pernambuco e Bahia.

O ar é muito ameno e saudável, nem muito quente nem muito frio.

Dá também várias sortes de madeiras, amarela, vermelha, preta, malhada, guáico, muito cedro e uma espécie de madeira cheirosa.



www.colecaomossoroense.org.br

Quanto à fertilidade, excede muito em excelência e uberdade o Maranhão, tendo em muito maior abundância toda a sorte de mantimentos e de frutas agradáveis; e, segundo dizem vários Portugueses dignos de fé e de consideração, há nas cercanias minas de prata.

Mas para não entreter VV. SS. com notícias de ouvir dizer, declaro por verdade pura e não duvidosa ter eu visto em casa de um certo Alexandre coisa de meia libra de um mineral, que um Português aí levava, a fim de saber o que continha, e esse mineral, segundo o meu juízo, era mui rico de prata, apresentando o aspecto de limalha de prata em uma massa cozida, mui preta e quebradiça. Um ouvires inglês, mui perito em apurar minerais, e por isso geralmente afamado, achando-se também aí presente, quando trouxeram o dito mineral, igualmente julgou, que era mui rico de prata. Essa mina dista cerca de quatro léguas do Pará.

Posteriormente, estando eu alojado em certa aldeia de índios, chamada Orytupe ou mato de corvos, e achando-me certa igreja velha feita pelos índios, cujo soalho fora elevado um pé por meio de certa terra vermelha, apanhei com as minhas próprias mãos cerca de quatro onças de mercúrio puro, que procedia da dita terra e havia sido lançado fora.

Cerca de 24 léguas do Pará, para o lado do noroeste, fica um belo rio chamado Cometa (Cametá), que é habitado por 15 ou 20 Portugueses e 1.000 índios, livres e escravos, distribuídos por seis aldeias e algumas casas de campo. As terras desse rio são mui próprias para fumo e cana de açúcar; aí se fazem anualmente cerca de 2.000 rolos de excelente rumo. Dá muita cana,



www.colecaomossoroense.org.br

e quando eu aí estava faziam-se grandes preparativos para botamento de um engenho, que já estava meio feito.

Vem desse lugar o melhor fumo, que o Brasil produz. Também dá muito algodão e laranjas.

O rio Cameté e suas dependências podem ser facilmente conquistados, porque não tem forte e é muito pouco guardado.

É em Agosto ou Setembro, que embarcam as mercadorias em caravelas para Lisboa.

Como o Cameté é muito aprazível e fértil, costumava residir aí o filho do governador, mas depois da morte do pai partiu para as Índias ocidentais como já foi dito.*

Finalmente esse rio é muito abundante de mantimentos e de peixes bonitos e sadios.

Coisa de seis dias de viagem para o lado de noroeste de Cameté fica a capitania de Corpanie, que é uma aldeia de índios, onde os Portugueses fizeram um pequeno forte guarnecido com duas ou três columbrinas de ferro; é defendido por trinta soldados, que tem sob a sua sujeição mil índios distribuídos por diversas aldeias e casas de campo.

Anualmente fazem-se aí mais de 1000 rolos de fumo. Dão em abundância algodão e anoto, várias sortes de madeiras e o solo é excelente para cana de açúcar, o gengibre e tudo o que se quiser plantar. É também abundante de mantimentos.

* A capitania ou sesmaria de Cameté pertencia a Feliciano Coelho, que aí fundou a Vila do mesmo nome.



www.colecaomossoroense.org.br

Tenho assim tratado resumidamente de todos os lugares do Brasil setentrional e do rio Amazonas, onde os Portugueses habitam. Pedirei agora a atenção de VV. SS. para os seguintes pontos gerais.

A conquista do Maranhão importa a de mais de 400 léguas de costa, segundo a conta dos Portugueses, e nessa extensão existem quando muito 1.400 ou 1.500 Portugueses e cerca de 40.000 índios, que se acham sob o seu domínio e sujeição; o que tudo, com o favor de Deus e um milhar de homens, VV.SS. poderão conquistar; e isto por muitas razões:

1^a) Todos os fortes e fortificações (os de que tratei) são pouco defensáveis. 2^a) Os Portugueses não têm as suas forças reunidas, mas espalhadas e disseminadas por largos espaços. 3^a) Aquela grande multidão de índios lhes é sujeita mais por medo do que por amor. É até presumível, que os índios suspirem, e com todas as veras desejem e aspirem ver-se livres da opressão e jugo tirânico dos Portugueses, como ainda recentemente (16 meses antes da minha partida dali) ficou bem patente, pois quase todos entre só concertaram e juraram destruir os Portugueses de uma vez, e teriam realizado o seu intento, se não fosse este revelado por certa índia concubina dos dominadores.

Também a mim os mesmos índios e outros inquiriam com muito calor e interesse: por que razão os nossos amigos (a nossa nação) não vêm repelir e sujeitar os Portugueses, como fizeram em Pernambuco? Que, se os nossos tal fizessem, eles abandonariam os Portugueses e voluntariamente sujeitar-se-iam à nossa obediência.



www.colecaomossoroense.org.br

Passo em silêncio a grande discórdia, as murmurações e rebeldias, que muitas vezes se manifestam entre os soldados portugueses por causa do mau governo e falta de pagamento; o que por vezes os tem levado a levantar-se contra os seus chefes, e até, tomados de desânimo e desespero, a prorromper em blasfêmias e injúrias, dizendo que se os holandeses os viessem procurar, eles saberiam o que haviam de fazer.

Além da dita multidão de índios, que os Portugueses têm sob a sua sujeição, há no rio Amazonas e outros rios vizinhos mais de 100.000 índios, que às vezes levantam-se e fazem grande guerra aos Portugueses, e todos eles, por intermédio de VV.SS., poderiam ser em breve tempo trazidos à nossa obediência e voluntária sujeição, por serem a nós mui inclinados, porquanto já anteriormente trataram com os nossos, assim Franceses, como Holandeses e Ingleses.

É, pois de supro, que, vendo eles os Portugueses, seus inimigos, conquistados, viriam voluntariamente pôr-se sob a nossa proteção e amparo.

E bem podem VV. SS. claramente entender os proveitos, que tirariam dessa grande cópia de índios, se eles forem empregados em beneficiar todos os frutos que as ditas terras dão. O trabalho desses índios, que não são escravos, é retribuído com uma mesquinha paga, pois por um machado e um facão trabalhavam voluntariamente um ano inteiro, notando-se que os Portugueses não costumavam dar-lhes mais do que três varas de pano ou um machado, e muitas vezes nada absolutamente lhes davam.



www.colecaomossoroense.org.br

Os frutos que VV. SS. obteriam dos referidos lugares são, como fica dito, belos açúcares, fumos (que eu há três meses vendi em Hamburgo por 28,30 e mais stuivers) algodão, laranjas, anil, bela tinta, cor de laranja, vários óleos e preciosos bálsamos, gengibre, gomas e várias sortes de excelente madeira. Acresce, e isto é fora de dúvida, que com diligência e indústria várias minas de prata e outras poderão ser descobertas, bem como achar-se-á anualmente certa quantidade de âmbar gris.

É digno de particular consideração, que VV. SS. poderão traficar com milhares de escravos das nações estrangeiras (indianas) que ali são circunvizinhas, e si VV. SS. não os quiserem empregar na terra, poderão mandá-los para Pernambuco, como os Portugueses faziam outrora, antes de começar a guerra naquela capitania, e este era o seu maior negocio.

Em segundo lugar, queiram VV. SS. considerar o grande auxílio, que esses lugares lhes prestariam, podendo todos os navios que partissem de Pernambuco a sotavento ir aí refrescar e abastecer-se, e podendo-se até enviar dali para Pernambuco navios carregados de viveres, servindo assim os ditos lugares de celeiros (brotschapray) do Brasil.

Releva acrescentar, que há ainda diferentes regiões e rios que nunca foram descobertos, a não ser em parte, e em primeiro lugar o afamado rio Amazonas, que tem suas origens nos montes auríferos do Perú, onde certamente mais tesouros se acham ocultos do que os que até o presente têm sido descobertos, pois os Portugueses afirmam ser verdade, que os índios da parte superior do rio têm muito ouro e muita prata. São esses os montes de



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

que o rei da Espanha tem tirado os seus inumeráveis tesouros, e com eles vexado e perturbado o mundo inteiro.

Espero, que VV. SS., pelo decurso do tempo, tirarão proventos tais das mesmas terras que todos os países baixos ficarão ricos e oficiosamente ofereço estas informações para mover VV. SS. a conquistá-las. Poderá então o rio Amazonas ser facilmente descoberto, e destarte VV. SS. dominarão os muitos milhares de índios, que nele habitam.

E para que VV. SS. melhor e mais claramente e com o seu sábio critério apreciem as vantagens do dito cometimento, não devo deixar de mencionar o proveito das mercadorias, que VV. SS. acharão indubitavelmente prontas no Maranhão e no Pará, chegando-se ali em maio ou junho, antes que os navios as tenham levado.

Primeiramente, grande quantidade de patacões, que os moradores do Maranhão houveram pelo comércio com os de Pernambuco, enviando-lhes de quando em quando escravos, antes de começar a guerra naquela capitania; 2^o certa quantidade de âmbar gris; 3^o cerca de mil caixas de belos açucares; 200.000 libras (?) de precioso fumo; 10.000 varas de pano de algodão; 50 fardos de algodão; grande quantidade de anoto; grande quantidade de várias sortes de madeira, como amarela, malhada, guáiacó, pau-brasil, madeira cheirosa, cedro e outras; quantidade de gomas, óleos e preciosos bálsamos, bons para medicamentos e outros usos; muita munição de guerra para prover 2.000 homens e uma porção de canhões de ferro que os Portugueses tomaram à nossa e a outras nações, cujas colônias eles por vezes destruíram.



www.colecaomossoroense.org.br

Tudo isto bem considerado, convém, respeitosamente falando, não dormir por muito tempo sobre feito tão notável, pois em que parte do mundo inteiro se poderia conquistar com mil homens terra tão grande, bela, rica e fértil, entrecortada e regada de formosíssimos rios e angras, cercada e cheia de tantas ilhas proveitosas, habitada por tantos milhares de índios, que em mui breve tempo submissamente trabalhariam para VV. SS.?

Em que outro lugar conquistar-se-ia indubitavelmente, tão depressa aí se chegasse, todo aquele retorno? Tudo isto é incentivo e auxílio bastante para compensar três vezes as despesas.

Nem VV. SS. devem receiar, que os Portugueses destruam os ditos bens, como fizeram os de Pernambuco. Não sucederá assim por esta razão, que lhes é bem conhecida.

Quase toda a costa do Brasil foi conquistada por VV.SS., e se lugares tão poderosos, como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande, não puderam resistir às armas de VV.SS., muito menos resistirão aqueles que não tem mais do que dois ou três fortes, e esses pouco defensáveis. Por isso eles não ousaram destruir os ditos bens de medo que nós também os destruamos, quando os tivermos a nós sujeitos. Também eles não podem fugir para outro lugar, pois, se fugirem para os matos, correm o perigo de serem vítimas dos índios selvagens, e até dos seus próprios índios.

Em segundo lugar VV.SS. salvarão cerca de 100 prisioneiros, holandeses, ingleses e irlandeses, que podem prestar aí muitos serviços, porque todos eles falam a língua do gentio, e a portuguesa, e servem como de comissários aos Portugueses para



www.colecaomossoroense.org.br

a indústria do açúcar e do fumo por meio dos índios que os Portugueses disto incubem.

Além da minha pessoa, todos estes prisioneiros pedem a VV. SS., que tomem entre mãos esse notável empreendimento na primeira oportunidade, e antes que o inimigo faça mais forte, e isto por quatro razões importantes: 1º essa empresa redundará em hora de Deus, pois por esse meio não somente terminará a execrável idolatria, o ateísmo e a impudicidade e muitas outras abominações que ali reinam, senão também muito gentio cego será convertido; 2º trará grande proveito a VV. SS. e prosperidade à pátria; 3º libertará tantos pobres prisioneiros cristãos, alguns dos quais sairão em serviços de VV. SS.; 4º servirá para abater os nossos fidalgais inimigos e para tomarmos vingança das colônias e navios nossos, que eles destruíram.

E recomendando-me às boas graças de VV. SS., rogo, que se dignem de tudo aceitar com a mesma disposição e obsequiosidade com que lhes é oferecido por quem é e será sempre de VV. SS. humilde servo. Gedeon Morris de Jonge.

Entregue em Middelbourg a 22 de outubro de 1637*.

* Extraído do registro da Comp. Das Ind. Occ.n.s. 258, 1636-1643 real arquivo de Haya.



www.colecaomossoroense.org.br

II

O segundo relatório de Gedeon Morris foi apresentado dois anos depois do primeiro. Deram-lhe ocasião as últimas notícias do Maranhão recebidas por intermédio de um outro aventureiro de nome João Maxwell, que também lá estivera durante anos como prisioneiro.

“Breve relatório acerca do Maranhão apresentado a 3 de Fevereiro de 1640 por Gedeon Morris e Jean Maxwell.

Respeitáveis, poderosos, avisados e mui prudentes senhores diretores da Companhia geral e outorgada das Índias Ocidentais, delegados à câmara da Zelândia.

Meus senhores:

Apresentei e entreguei a VV.SS., há dois anos, uma exposição ou relatório por mim escrito a respeito das coisas do Maranhão, Grão-Pará e lugares vizinhos situados a oeste de Pernambuco, entre o Rio Grande e o afamado rio do Amazonas, onde estive detido perto de oito anos, como prisioneiro; o que é a VV.SS. bem notório.

Nesse relatório por mim apresentado tratei não somente da situação e das fortificações, senão também da fertilidade e do notável préstimo de ditas regiões para assim mover VV.SS. a conquistar esses excelentes lugares na primeira oportunidade, e o meu escrito agradou tanto que VV. SS. me deram cartas de recomendação dirigidas a S. Ex. (o Conde João Maurício) e aos altos conselheiros secretos do Brasil a fim de que eu lhes expusesse igualmente o negócio, e isto fiz eu com toda a diligencia,



www.colecaomossoroense.org.br

logo que ali cheguei; mas como os senhores (do Supremo Conselho) estavam nessa ocasião muito ocupados com a expedição para a Bahia, e o que eu propunha não vinha então muito a propósito, recebi a seguinte resposta: “que S. Ex. tomaria oportunamente em toda a consideração e levaria a efeito esse negócio, e que, quando fosse tempo, me convidaria a comparecer perante SS.SS para tratar do assunto”*.

Tendo eu sido desde então enviado ao Ceará para levar a Pernambuco uma certa presa, ventos contínuos do sul me afastaram da costa do Brasil, de sorte que a coisa, com grande pesar meu, ficou até agora sem seguimento.

Com presentemente sou de novo admitido ao serviço de VV.SS. com destino a Pernambuco, não posso deixar de, ainda uma vez, avivar a memória de VV.SS. e de algum modo tratar desse negócio, já que não pouco dele depende a prosperidade da vossa louvável Companhia, e obsequiosamente peço, que VV.SS. se dignem de tornar a recomendar a S.Ex. e aos altos conselheiros secretos do Brasil queiram tomar em toda a consideração tão importante assunto, porquanto, depois de minha partida daqueles lugares, ocorreram mui notáveis mudanças,

* Em carta de 19 de Março de 1638 o Supremo Conselho do Brasil acusou a recepção da carta da Companhia de 15 de Dezembro do ano anterior, recomendando o serventuário da igreja do Westwood (den commys van uestuou derkerk) Gedeon Moris, que, tendo habitado por muito tempo no Maranhão e observado com atenção toda a sua situação, podia prestar aí serviço. Nós o examinaremos sobretudo, diz o Conselho, e em tempo oportuno que agora não é dele nos serviremos; no entretanto e empregaremos aqui em outra coisa.



www.colecaomossoroense.org.br

principalmente no Maranhão e lugares vizinhos, que fazem o dito cometimento ainda mais recomendável e proveitoso; e isto sei, porque me afirmaram não só várias pessoas fidedignas, recentemente vindas do Maranhão e que por lá andaram muito tempo, senão também e particularmente um amigo meu, pessoa de mim muito conhecida, o Sr. Johan Maxwell, irmão de Maxwell do Lirio Florentino de Middelburg, o qual de presente aqui se acha, tendo vindo há dez meses do Maranhão, depois de haver passado dez anos seguidos aí nas terras confinantes e observando cuidadosamente as suas coisas.

Com muito zelo e desejo Johan Maxwell quer ter a honra de ser comigo empregado no mesmo cometimento, e para isso oferecemos e apresentamos à VV.SS. com toda a officiosidade as nossas pessoas e serviços. E querendo, podem VV.SS. (caso recebam bem a proposta empresa) inquiri-lo e interrogá-lo atenta e circunstanciadamente a tal respeito.

As principais mudanças ocorridas nos referidos lugares me foram por ele declaradas verbalmente e eu tomei as seguintes notas, a saber:

Que, depois da minha partida, levantaram nas cercanias do Grão-Pará mais três engenhos. Ergo esse lugar se tornou por isso mais notável e proveitoso.

Que pelo mês de Novembro de 1637 chegaram do Maranhão oito Espanhóis da província de Quito do Peru, sendo dois padres, um mineiro ou afinador e cinco soldados. Essas oito pessoas vieram miraculosamente de Quito pelo rio do Amazonas



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

e ao longo dele até o Maranhão, e são os primeiros descobridores, ou melhor, inventores dessa passagem de Quito para ali.

Não me parece escusado, antes julgo necessário fazer uma breve narração histórica a este respeito, e espero, que a leitura da seguinte exposição não será desagradável aos olhos e aos ouvidos de VV. SS.

Como o mineiro espanhol estava enfermo em consequência dos prolongados trabalhos que passara na viagem, foi-lhe recomendado, que se alojasse para tratar de sua saúde na casa de Johan Maxwell no Maranhão, porquanto Maxwell, atento a sua experiência tanto em medicina e cirurgia, como especialmente em farmácia, gosava ali de muito boa reputação, e era geralmente conhecido e estimado por todos. Alojado pois o mineiro em casa de Maxwell para curar-se, referiu cordialmente a este a sua admirável e aventureira viagem de Quito pelo modo seguinte:

Fomos enviados pelo governador de Quito com cerca de quarenta homens a uma província, que fica a leste de Quito, para abirmos certa mina de prata, a qual, não havia muito, tinha sido descoberta. Sendo nós chegados a esta nova mina de prata, a qual, não havia muito, tinha sido descoberta. Sendo nós chegados a esta nova mina, os moradores da mesma província fingiram, que lhes era agradável a nossa presença, e nos deram todas as mostras de amizade até que viram ensejo de surpreender-nos, e então com medonha grita e de todos os lados nos assaltaram e atacaram com tal fúria e presteza, que não tivemos tempo para deliberar ou tomar disposições conforme a ocasião pedia. Puse-



www.colecaomossoroense.org.br

mo-nos em desordem, cada qual procurou a sua salvação na fuga, e eles mataram todos os que não puderam fugir.

Nós oito, fugindo, tomamos por uma estreita vereda, e fomos ter a um pequeno rio, onde felizmente encontramos uma canoa, e nela nos metemos e avançamos à força de remos até pormo-nos fora do perigo do inimigo que tão duramente nos perseguia. Respiramos então um pouco e lamentamos a morte dos nossos amigos, que tínhamos por certo haverem sido cruelmente mortos.

As sombras da noite nos serviam de manto para nos ocultarmos aos nossos inimigos, e posto já estivéssemos muito fatigados, o medo não nos permitia descansar, e vivamente pusessemos em movimento as mãos e os braços para avançarmos.

Ao romper do dia chegamos a um rio bastante largo, cujas águas desciam um tanto tesas. Vimos aí vaias correntes d'água, as quais todas vinham despejar naquele grande rio, de modo que ficamos confusos, sem saber que caminho tomar para melhor podermos voltar a Quito. Remando contra a corrente na direção de oeste não podíamos avançar muito, por sermos inexperientes em tal ofício e não estarmos bem aparelhados de remos, sendo os que tínhamos apenas acomodados a nossa necessidade e situação.

Vendo-nos, pois em tal apuro, resolvemos entre nós deixar que a corrente nos levasse e ver que saída Deus nosso Senhor nos depararia*. Deveríamos assim durante alguns dias, nutrindo-nos com

* “Dos religiosos leigos, llamados fray Domingo de Brieva y fray Andrés de Toledo com seis soldados em uma embarcation pequenã se dexarom llevar de la corriente rio abajo”. Acunã. Nuevo descubrimiento Del rio de las Amazonas.



www.colecaomossoroense.org.br

o alimento que então podíamos haver, entre outros alguns frutos saborosos, sendo os rios piscosos o nosso armazém e maior consolo.

Afinal chegamos à vista de uma aldeia de índios. Estando nós sem viverem e postos em tal aperto, assentamos ver si por súplica ou por donativo poderíamos obter algum mantimento. Quando alcançamos a dita aldeia, estavam numerosos índios na praia armado de arcos e setas; de medo quase perdemos o animo e teríamos sucumbido, se um dos padres (que sabia habilmente fingir ao modo dos jesuítas) não nos desse coragem. Pondo ele a nossa causa nas mãos de Deus, tomou para servir de presente a melhor vestimenta que tínhamos, saltou em terra, e lançou-se (segundo o modo da terra) aos pés daquele que lhe pareceu ser o chefe; este o recebeu bem e repartiu os viveres que tinha.

Os índios contemplavam os Espanhóis com admiração, e por sinais davam a entender que nunca tinham visto nem ouvido falar de tais homens brancos, e estavam em dúvida sobre si esses estrangeiros era ou não deuses.

O mineiro afirmava, que esses índios traziam pendentes das orelhas brincos ou arrecadas de ouro fino e de várias feições.

Sendo muito longa a narração de todas as circunstâncias e particularidades dessa aventureira viagem, referirei somente o que importa ao meu propósito.

Os oito Espanhóis, depois de alguns dias de demora, partiram Dalí, rio abaixo, sem saber que rio era nem onde iriam ter. Foram assim navegando com a corrente durante cerca de dois meses, e de passagem viram muitas aldeias e diferentes nações, algumas das quais os trataram bem e outras lhes tomaram as roupas.



www.colecaomossoroense.org.br

Os campos que durante a viagem observaram eram mui férteis e de aspecto aprazível, como o de um paraíso terrestre; viram também numerosas ilhas, bem como rios e ribeiros, os quais todos afluíam para aquele grande rio e nele despejavam.

Pelo fim do segundo mês já se haviam adiantado tanto que encontraram a maré, e nessa paragem descobriram e visitaram dois montes, mui ricos de prata, segundo declarou o mineiro, dizendo que ele empenhava a sua cabeça em como os ditos montes eram abundantes de prata.

Sendo chegados mais abaixo, dois dias depois que desses montes partiram, encontraram uma nação de índios que nós chamamos Tapajós, atiradores de setas hervadas. Esses índios, vendo os oito Espanhóis assim desprovidos de tudo e em estado de mal poderem cobrir a sua nudez, converteram a própria crueldade em compaixão e amizade, e comunicaram aos fugitivos, que dentro de poucos dias chegariam a lugares onde haviam homens brancos, como eles eram; com o que os Espanhóis cobraram ânimo, e partindo dali, foram ter a uma aldeia chamada Matrou, onde encontrou Portugueses.

Desse lugar passaram-se ao Grão-Pará, e daí foram levados ao Maranhão para irem ter com o governador, que os recebeu e tratou de modo muito amistoso, entretendo diariamente muitas relações de amizade com os dois padres e o mineiro.

E depois de ter o governador conferenciado e praticado com os dois padres pelo tempo de dois meses ou mais, fizeram-se preparativos no Maranhão (para uma expedição) e assentou-se, que cinquenta dos primeiros burgueses partiriam em quarenta



www.colecaomossoroense.org.br

canoas para verificarem se era possível seguir viagem do Maranhão até Quito e de lá voltar.

A expedição partiu do Maranhão a 28 de Janeiro de 1638, com os oito Espanhóis que tinham vindo de Quito e um experimentado piloto português para tomar as alturas e observar tudo o que necessário fosse para descobrir e assinalar o dito caminho*.

Pouco depois de nove meses da partida da expedição chegaram dois mensageiros ou próprios par poste e a toda pressa com a desejada e grata notícia de que o verdadeiro caminho estava achado e que eles tinham viajado sem grande trabalho pelo rio Amazonas até Quito, onde foram recebidos pelo governador, a quem traziam cartas do Maranhão*.

Quanto ao modo porque eles descobriram e abriram essa memorável passagem, nunca antes achada, manteve-se muito em segredo, mas a grandíssima alegria da burguesia do Maranhão revelava o segredo do caso, bem como que os expedicionários, de caminho, tinham encontrado coisas muito estranhas e notáveis. Os modos dos burgueses eram todos os dias prazenteiros, e este o seu estribilho: “Somos bastante ricos, podemos tra-

* Segundo o padre Acunã, a expedição partiu do Pará “a los 28 de Outubro de 1637 anos com 47 canoas de buen porte y em ellas 70 soldados portugueses, 1200 indios de boga y guerra, que com las mujeres y muchachos de servicio passarian todos de 2000 personas” N.D

* O padre Acunã não diz, que tivessem sido mandados esses mensageiros. A viagem de ida durou cerca de um ano, e a de volta cerca de dez meses, recolhendo-se a expedição ao Pará em 11 de Dezembro de 1639. N. 1D.



www.colecaomossoroense.org.br

ficar com os de Quito, pois lhes venderemos o nosso pano de algodão por patacões!”.

Note-se, que os moradores do Maranhão e do Grão-Pará fazem todos os anos grande quantidade de pano de algodão, com que carregavam caravelas inteiras e as mandavam para as índias Ocidentais.

O dito comércio com os moradores de Quito era tão desejado e importante que o governador do Maranhão despachou imediatamente um navio (conquanto estivesse à carga) com cartas a S. M. o rei de Espanha, para comunicar-lhe aquele descobrimento e pedir licença para comerciar com Quito.

Indubitável é, que esse comércio fará o Maranhão muito rico de dinheiro, como bem se pode conjecturar pelo exemplo do Rio da Prata.

O tempo dirá se ele será permitido; mas creio que não dormirão sobre o caso.

O que tenho em vista com a narração desse fato e de suas circunstâncias é afirmar e fazer sentir, que na verdade existe uma passagem cômoda pelo rio do Amazonas para Quito, e consequentemente de Quito para todas as províncias do Peru. E sendo assim, segue-se necessariamente, que a conquista do Maranhão é um negócio da mais alta importância e de mais subido interesse para a louvável Companhia de VV.SS. Conquistado o Maranhão e as suas dependências, com o favor de Deus, pela Companhia, VV.SS. terão não somente obtido um bom porto, como terão achado uma entrada e em caminho cômodo, por onde, com o andar do tempo, alcançarão até o coração de Quito.



www.colecaomossoroense.org.br

Cumprir notar, que as fronteiras do lado de cá do Peru não se acham fortificadas, e assim por nenhum modo convém demorar o feito do Maranhão, mas pelo contrário realizá-lo quanto antes, pois é de receiar que o rei da Espanha, tendo em atenção à passagem recentemente descoberta, faça brevemente guarnecer e fortificar bem o Maranhão; o que já se depreende da terceira mudança ali ocorrida, a saber, o governador do Maranhão, depois do descobrimento do dito caminho e por deliberação própria, assegurou e contornou com uma muralha de terra metade da cidade por traz, a qual antes estava em aberto.

A quarta mudança é, que, depois da minha partida, chegou ao Maranhão uma sofrível leva de soldados com o novo governador Bento Maciel. Houve, porém no Maranhão e no Grão-Pará uma grande mortalidade, que os enfraqueceu tanto quanto o referido socorro os tinha fortalecido.

Resumidamente expostas, são estas as principais mudanças ou alterações ocorridas no Maranhão depois que de lá parti.

Vindo agora ao meu propósito, que é mover VV.SS. a tomar a peito o dito cometimento devo responder a uma objeção, que VV.SS. poderiam com razão opor, isto é, se a conquista do Maranhão cobrirá as despesas a fazer com a execução da empresa, e que proveitos poderá a Companhia ali obter.

Sirvam de resposta as considerações, que faço sobre estes seguintes pontos, as quais VV.SS. apreciarão, segundo o valor que tiverem:

1º. Que condições ou privilégios serão guardados aos Portugueses por ocasião da conquista?



www.colecaomossoroense.org.br

2º. Qual a disposição e fertilidade de todos esses lugares?

3º. Quais os proveitos que de presente se obtêm aí atualmente?

4º. Que proveitos se deve esperar dos mesmos lugares, quando VV.SS. os tiverem conquistado?

Quanto ao 1º ponto, são estas as condições ou privilégios, que os Portugueses conservaram por ocasião da conquista.

Podendo ser perfeitamente postos sob a obediência de VV. SS., com o favor de Deus e 1.000 ou 1.200 homens, o Maranhão, o Grão-Pará e lugares vizinhos (os quais todos estão sob o governo do Maranhão), não é razoável, que aos Portugueses daquelas regiões se concedam privilégios, isenções ou liberdades idênticas ou semelhantes as que foram por VV.SS. concedidas aos Portugueses de Pernambuco, notando-se que quase tudo o que os do Maranhão usurparam e possuem por violência é esbulho ou presa tomada a nós e a outras nações amigas e aliadas nossas. Não somente eles colheram o que nós semeamos, e arruinaram, ou se utilizaram dos nossos fortes e fortificações, senão também violaram as suas promessas juradas perfidamente e contra todos os usos da guerra, e, além disso, cruelmente mataram e assassinaram mais de trezentas pessoas, cujos corpos sem cabeça foram lançados nos rios para servirem de pasto aos peixes. Essa barbaridade clama ainda vingança, e por esse respeito os Portugueses do Maranhão não merecem, que se lhes conceda mais do que a vida, e os meios de vida, que é ainda tratá-los mui favoravelmente. Quanto à posse de todos os ditos lugares, por



www.colecaomossoroense.org.br

eles usurpada, é justo, que seja convertida e aplicada em proveito e vantagem de VV. SS.

2°. Com relação à comodidade ou fertilidade destas terras, refiro-me ao relatório que já apresentei, no qual tratei da situação e disposição delas, bem como ao que a tal respeito escreveu o Sr. Johan de Laet* na sua descrição do Brasil.

3°. Quanto aos proveitos, que atualmente ali se obtém cada ano, consistem nos seguintes artigos e mercadorias, que, além de outros, são só principais frutos anualmente produzidos e obtidos naquelas terras:

1°. mais de 1.500 caixas de açúcar; 2°. mais de 5.000 rolos de fumo (cada rolo pesa duas arrobas), pela maior parte tão bom como o melhor fumo do Brasil; 3°. cerca de 100 fardos de algodão; 4°. mais de 100.000 varas de pano de algodão; 5°. grande quantidade de laranjas, anoto ou certa tinta vermelha assim chamada; 6°. uma boa quantidade de várias madeiras tanto para tinturaria como para construções.

Passo em silêncio a abundância de grãos, arroz, favas, farinha e outros frutos semelhantes e o mais (que é também excelente) já mencionado no meu aludido relatório.

Releva particularmente notar, que, quando se quiser levar a efeito a empresa, se deve guardar a quadra oportuna, de modo que se encontre a maior parte dos frutos acima mencionados,

* Refere-se à História do Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais de João de Laet.



www.colecaomossoroense.org.br

preparados e prontos e sejam logo embarcados, e assim facilmente tomados; o que, com o favor de Deus, não pode falhar.

4º. Para dar a conhecer claramente os proveitos e as vantagens, que se pode obter depois da conquista, devo mostrar primeiramente e de um modo breve o que se estende por Maranhão, e o que a conquista dele em si mesmo compreende.

O Maranhão leva os seus limites ao rio do Amazonas, estendendo-se até uma certa aldeia chamada Matrou.

Segundo a conta dos Portugueses, essa região compreende 250 léguas de costa; em muitos lugares excede pela sua fertilidade os campos e as províncias de Pernambuco; é geralmente regada por inúmeros rios piscosos e cercada de férteis e belíssimas ilhas.

Aqui poderá alguém perguntar por que então não se fazem no Maranhão tantos açúcares como em Pernambuco? A resposta é fácil; há 150 anos que Pernambuco é habitado e cultivado, ao passo que a cultura do Maranhão não conta mais de 40 anos.

No âmbito dessa região existem dois lugares, que tem o nome de cidade, a do Maranhão, que é a cidade capital e tão grande quanto à Paraíba, e a do Grão Pará, um pouco menor, menos edificada e povoada. Na mesma região contam-se cerca de 40 aldeias, que estão sob a sujeição dos Portugueses, além daquelas que contra eles fazem guerra. As herdades ou casas de campo e plantações são inumeráveis, e não se pode fazer um cálculo exato a tal respeito; entre elas contam-se oito engenhos, muitíssimos canaviais e belos terrenos com plantações de fumo.

Os moradores portugueses, que ocupam todo esse país, não excedem de 900 homens em estado de trazer armas, ou ap-



www.colecaomossoroense.org.br

tos para a defesa, e tem sob a sua sujeição cerca de 7.000 escravos e 14.000 índios livres, habitantes das ditas ladeiras, os quais por uma mesquinha retribuição prestar-se-iam a lavrar a terra para a cultura de todos os frutos que podem dar proveito.

Por aí podem VV.SS. facilmente julgar dos grandes proveitos e vantagens, que depois da conquista esses lugares férteis e populosos proporcionariam, e com o favor de Deus e 1.000 ou 1.200 homens, eles podem ser conquistados e postos sob a nossa obediência, como já foi dito.

Convém também lembrar, que, feita a conquista, VV.SS. poderão guarnecer os referidos lugares com 500 ou 600 soldados, e assim somente à custa do soldo de tão pequena guarnição VV.SS. gozarão da plena posse e de todos os proveitos e rendas dessas terras ricas com suas cidades, aldeias, engenhos, escravos e outros acessórios e dependências.

E sobretudo deve-se notar, que VV.SS. não somente terão a posse e a propriedade dessas terras, senão também dominarão e possuirão todo o rio do Amazonas e as inumeráveis aldeias das nações indianas, que nele e nas suas cercanias habitam e destarte em poucos anos as nossas fronteiras se estenderão até os limites ou dentro dos limites da província de Quito, de que acima tratei; tanto mais quanto todas essas nações, que têm algum conhecimento dos Portugueses (mesmo diminuto), se acham tomadas de ódio mortal contra eles, e pelo contrário tem particular afeto e amizade para com a nossa nação, visto como anteriormente tratamos e praticamos com muitos deles de um modo afável e amistoso, pois é notório que a 16 anos (antes de serem destruídas colônias ou plantações



www.colecaomossoroense.org.br

nossas e de outras nações) três ou quatro navios faziam anualmente excelentes viagens, explorando somente o comércio das laranjas, do algodão e do fumo ali produzidos e obtidos.

Assim deve necessariamente seguir-se, que, depois da conquista, embarcaremos anualmente muito mais mercadorias do que os Portugueses o fazem agora, por terem eles tantos inimigos. Afirmo eu ser fora de dúvida, que em poucos anos, e pelas causas já referidas, obteremos embarcaremos de ano a ano mais do triplo do que os Portugueses atualmente embarcam cada ano.

Por outro lado, não são desconhecidos a VV.SS. os proveitos e as vantagens que a Companhia tiraria dos colonos desejosos de fundar e assentar ali colônias, principalmente dos amadores e aventureiros, tanto da Holanda (província), da Zelândia, como de outros lugares, os quais folgariam de estabelecer-se em tão desejada situação, seguros de que as suas colônias não seriam mais (como outrora) perturbadas e destruídas pelos portugueses.

Passo em silêncio o grande e notável proveito, que VV.SS. poderão obter com o tráfico dos escravos, porque já tratei particularmente deste ponto no meu primeiro relatório.

Também é certo, que há toda a aparência da existência de minas de ouro e prata nesses lugares descobertos, que, a não ser assim, devemos ter por falsas as asserções de tantas pessoas fidedignas, assim Portugueses como Holandeses, se VV.SS. quiserem interrogar muitas pessoas que de lá vêm, verão, que unanimemente e como por uma só boca afirmarão, que na verdade lá existem minas de ouro e prata, principalmente minas de prata, de que eu mesmo tive várias vezes boa amostra, vendo e tratan-



www.colecaomossoroense.org.br

do o mineral, como mais circunstanciadamente referi no relatório por mim apresentado, ao qual me reposto.

Desejamos, pois de coração, que se realize a empresa do Maranhão (e quanto mais cedo melhor), a fim de que por fatos se torne patente o que aqui representamos simplesmente por palavras, tanto mais quanto a situação nolo está indicando e a isso nos convida, quer por causa da fraqueza e desordem do inimigo, quer pelo nosso poder e disposição de gente e de navios.

Aqui poderão VV. SS. objectar-me, que, conquanto a empresa do Maranhão seja conveniente e deva ser efetuada quanto antes, todavia a situação da Companhia não permite, que ela o faça agora, visto como tem de atender a outros negócios de maior importância, de que a mesma Companhia depende.

A isto respondo, que, se VV.SS. querem empregar as forças de que presentemente dispõem no sul (do Brasil), aquela empresa pode ser convenientemente executada sem impedimento ou prejuízo desta outra, isto é, com alguns hiates ou navios ligeiros, quando as forças tiverem feito o seu dever e as suas provas no sul.

E se VV. SS. pretendeu mandar as presentes forças para o ocidente (Índias Ocidentais) também podem elas, de caminho, efetuar comodamente o dito cometimento, porquanto todos os navios que vão para o ocidente devem passar por aqueles lugares.

Recomendamos, pois outra vez este importante negócio a vossa atenção e consideração não duvidando que vós, meus senhores da câmara da Zelândia, tereis em tudo particular cuidado para a pronta realização da empresa, pois que ela particularmente interessa a vossa Companhia e mais de perto lhe toca do que a



**Banco do
Nordeste**



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO
MEMÓRIAS
MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

qualquer outra câmara, por pertencer a esta sob o departamento da Zelândia (segundo me consta) a maior parte dos ditos lugares, e principalmente o rio do Amazonas, de sorte que o melhor dos frutos vindos de lá será trazido para a Zelândia; o que certamente provocará um grande comércio aqui no país e concorrerá para aumentar o seu florescimento*; e firmemente confiamos, que o Senhor (pois esta empresa serve à propagação do seu santo Evangelho e reverte em honra sua) a levará ao termo feliz e desejado; o que de todo o coração pedimos.

Recomendando VV.SS., nossos amos, à proteção do Altíssimo, e oferecendo nossos serviços nesta e em outras ocasiões, em que VV.SS. nos queiram dar as suas ordens, ficamos sendo, enquanto vivermos, de VV.SS. fieis e submissos servidores. Gedeon Morris. John Maxwell.

Flessinga 3 de Fevereiro de 1640*

* Na margem do trecho sublinhado lê-se a seguinte nota: “as palavras sublinhadas devem ser suprimidas na cópia”. Os diretores da câmara da Zelândia acharam indiscreta ou inconveniente à reflexão do autor do relatório.

* Extraído do registro da Companhia das Índias Ocidentais.n.258.1637 -1643; real arquivo de Haya.



www.colecaomossoroense.org.br

III

Abrimos aqui um parêntese para dar notícia da ocupação do Ceará, segundo documentos oficiais de origem holandesa.

Em carta de 25 de Agosto de 1637 o Conselho Supremo do Brasil escreveu aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais:

“Chegaram aqui, há algum tempo, dois índios do Ceará** cujo bando em número de cerca de quarenta pessoas ficara no Rio Grande. Declararam ter sido pelos seus enviados para pedirmos, que tentássemos um empreendimento, pois eles queriam entregar-nos o castelo do Ceará, ajudar-nos a expelir os Portugueses e fazer-nos senhores daquela região; e para mais nos animar, disseram, que havia naquelas cercanias belas salinas, que podiam dar muito sal (1.2) bem como se encontrariam também muito âmbar e algodão. Estávamos bem dispostos a tentar o cometimento; mas como todos os nossos navios se achavam no mar diante da Bahia, e ainda não estava finda a nossa expedição a Mina, pelo que então a ocasião não era oportuna, nem o foi desde então, contentamos os índios (com presentes) e dissemos, que voltassem a reunir-se com os seus no Rio Grande, prometendo-lhes que, apenas nos pudéssemos preparar, enviaríamos uma frota ao Ceará; e assim partiram. Entretanto aguardaremos uma ocasião oportuna para de passagem apoderarmos desse lugar e assim repelir os Portugueses para mais longe das nossas fronteiras”.

** Os Holandeses escreviam Syara.



www.colecaomossoroense.org.br

Essa ocasião não se fez esperar muito, e em carta de 17 de Novembro do mesmo ano de 1637 o Conselho Supremo comunicou o seguinte:

“Em nossa carta anterior avisamos a VV.SS., que um bando de índios do Ceará aqui viera ter para pedir aliança conosco e nos mover a expedir tropa que tomasse o castelo e vencesse os Portugueses, e assim fazermo-nos senhores daquela capitania, prometendo eles o auxílio e assistência de todos os índios, que habitam no Ceará e nas suas vizinhanças.

Por muito tempo os detivemos com boas palavras, esperando ocasião oportuna, mas como eles continuaram a insistir, e finalmente pediram que resolvêssemos, pois queriam voltar para a sua terra, examinamos mais atentamente a importância e a exequibilidade da empresa, e achamos, que podia ser efetuada com uma pequena força, cuja ausência não nos enfraqueceria aqui, bem como não nos pareceu conveniente despedir esses índios malogrados no seu intento e portanto descontentes. Assim resolvemos mandar ao Ceará os hiates Brack e Camphaen com 126 soldados sob o comando do major George Gartsman. Fizeram-se daqui a vela em 14 de outubro. Queira o Senhor Deus conceder-lhes a sua proteção! Aguardamos todos os dias a notícia dos acontecimentos, a qual não pode tardar muito*.

* Os Dagelykshe Notulen, actas ou registro diário das resoluções do Conselho Supremo do Brasil e dos principais acontecimentos da colônia, contém o seguinte sobre o mesmo assunto:

Tendo, há algum tempo, chegado ao Rio Grande uma partida de índios do Ceará, enviaram daí primeiramente deputados a S. Ex. e aos altos conselheiros para saudar-nos e oferecer o seu auxílio, e pedir que nós os livrássemos dos Portugueses que ocupam o forte do Ceará, depois veio todo o bando com o seu chefe e renovou instantemente o mesmo pedido, representando-nos



www.colecaomossoroense.org.br

A carta de 13 de janeiro de 1638 dá notícia do êxito feliz da expedição:

“Escrevemos na nossa carta anterior a respeito da expedição do Ceará; Deus fez a graça de abençoá-la. Tendo os nossos sarpado a 22 de outubro do Rio-Grande, ancoraram a 25 na

que a empresa poderia ser efetuada com pouca gente, e os lucros de âmbar-gris, algodão, tintas, etc.; a obter no Ceará, compensavam as despesas, e caso aos nossos negócios não conviesse expedir tropa para lá, pediam que os provéssemos de todas as armas de mão, pólvora e chumbo, pois queriam entregar-nos o forte.

Por então não se achou conveniente expedir tropa, nem tampouco despedir os índios sem contentá-los; foram detidos durante certo tempo com promessas, até que ultimamente tornaram a insistir, e como as nossas coisas o permitissem, resolvemos tentar um cometimento contra o castelo do Ceará para dele nos apoderarmos.

Foi, pois resolvido empregarmos nesta empresa a seguinte força de soldados e oficiais:

Da companhia do capitão Hous com oficiais.....	35 homens
Da companhia do major Bayer.....	14
Da companhia do major Bylart.....	13
Da companhia de Jan Ernst.....	14
Ao passar no Rio Grande tomariam	50

Soldados..... 126

Essa tropa, com os viveres e munições necessários e previamente ordenadas embarcaram com destino ao Ceará, nos hiates Camphaen, capitão Claes Arentz Langmau, e Brack, capitão Teunis Janaz, tripolados ao todo por 58 marinheiros. Embarcaram também nos mesmos hiates 25 índios do Ceará.

O comando superior da tropa e a direção e execução do feito foram confiados ao major George Gartsman; anexou-se-lhe o capitão Hous. O tenente Ham teve também ordem de seguir, para, depois do bom êxito da empresa (Deus o permita), lá ficar de guarnição com 30 ou 40 homens e comandá-los. O comando dos hiates e marinheiros foi dado ao capitão Langman. Resolveu-se prover a tropa com os seguintes viveres...

S. Ex. e os altos conselheiros deram ao major Gartsman, aos capitães dos hiates e ao tenente Van Ham as respectivas instruções por onde têm de regular-se, e cujas cópias constam do registro.

Com essas provisões e providências sobre tudo dadas, os hiates se fizeram à vela a 14 de outubro. O senhor Deus seja servido guiá-los.

Esta exposição não foi lançada in actis a tempo, e antes de decorrer um ou dois dias da partida dos hiates, para melhor guardar-se o segredo da expedição.



www.colecaomossoroense.org.br

Bahia de Marcoripe (Mucuripe), e na tarde desse mesmo dia começaram a desembarcar, mas como os botes viraram com a arrebatção do mar, tiveram de adiar o desembarque para o dia seguinte, em que todos efetivamente desembarcaram e seguiram para o Ceará com os índios sob o mando do seu rei Algodão, que à noite viera ter com os nossos. Ali chegaram pelas quatro da tarde e primeiramente atacaram algumas casas situadas sobre uma colina junto da cidadezinha de ...* de onde podiam descobrir o forte, viram, que este era quadrado, sem flancos especiais, tendo duas torres nos dois ângulos, e o atacaram por dois lados. A muralha do forte era de pedras soltas sobre postas sem cal, da altura de homem e meio ou dois homens, e foi imediatamente assaltada pelos nossos soldados. Apesar de alguma resistência oposta pela guarnição do forte, os nossos o tomaram, ficando alguns mortos do inimigo e da nossa gente poucos feridos.

A guarnição inimiga compunha-se de 33 homens, que os índios, já rendido o forte, queriam matar, tomando-os aos nossos soldados e oficiais, e foi necessário empregar a força para salvá-los.

Acharam-se no forte quatro peças de ferro de quatro libras e uma de duas libras, com alguma pólvora e munições. Ficou aí de guarnição o tenente van Ham com 45 soldados.

O major Gartsman, com uma parte dos soldados e índios e alguns prisioneiros (entre eles o governador e o sargento-mor) veio para cá por terra, visitando de caminho diversos sítios onde se dizia existirem salinas, e achou lugares apropriados, mas que

* A lacuna é do texto



www.colecaomossoroense.org.br

devem ser fechados, porque com a maré ficam inundados. Em alguns achou também sal, mas como a quadra era de maré viva, estavam debaixo d'água (3).

O capitão Hous embarcou com o resto da tropa e dos prisioneiros nos dois hiates, um dos quais, o hiate em que ele se achava, chegou aqui a salvo, mas teve de atravessar a linha, subindo até a altura de 25° antes de poder regressar.

O tenente van Ham teve ordem de informar-se mais circunstanciadamente, e veremos o que a experiência nos poderá mostrar, pois, a não ser assim, não sabemos de que proveito esse lugar nos será. É certo, que ali se acha âmbar, mas por isso não vale a pena manter uma guarnição no Ceará, se abaixo dele não se encontrassem salinas.

Tomado, como se acha, o Ceará, o inimigo ou os Portugueses não ocupam nenhum outro lugar até o Maranhão.

Há ali várias aldeias de Tupis (Brazilianen) e Tapuias, aos quais na primeira oportunidade enviaremos faquinhas de ferro, tesourinhas, espelinhos, corais, etc; a ver se podemos obter alguns bons artigos e âmbar gris*

* Os Notulen consignam as seguintes notícias sobre a tomada e a ocupação do forte do Ceará.

“26 de dezembro de 1637 – Cartas do major Gartsman, em data de 15 de dezembro e enviadas do Potosi, capitania do Rio Grande, comunicam, que ele chegou a 25 de outubro na Bahia Macoripa que fica três léguas ao sul do Ceará. Imediatamente enviou três índios ao chefe chamado Algodão para informá-lo de sua vinda, e na seguinte noite Algodão veio ter com ele. Dali partiu a 25, marchando ao longo da praia para o Ceará e levando consigo uma



www.colecaomossoroense.org.br

As informações prestadas três meses depois pelo tenente van Ham na seguinte carta eram pouco favoráveis e confirmaram o fraco conceito que o Supremo Conselho formava a respeito do Ceará:

“Bem nascido conde e gracioso senhor”.

O major Gartsman, que partiu daqui a 11 de novembro do ano passado, há de ter, sem dúvida, prestado minuciosas in-

das pequenas peças. Sendo os nossos chegados perto do forte, os Portugueses opuseram certa resistência com os seus canhões e mosquetes, mas os nossos, notando que a fortificação nada tinha de particular, a atacaram e dela se aposaram. Gartsman partiu daí em... Novembro com 33 ou 34 soldados, 50 índios e 18 prisioneiros para o Rio Grande, e o capitão Hous com o resto da gente embarcou no mesmo dia nos dois hiates e se fez a vela para voltar ao Recife, Deus seja louvado pelo bom êxito da empresa”.

“30 de dezembro de 1637 – Compareceu (perante o Conselho) o major Gartsman, que veio da conquista do Ceará. Referiu à que fez-se à vela do Rio Grande a 22 de outubro e a 25 chegou ao porto Macoripe sito três léguas a leste do Ceará. Os índios apresentaram-se na praia com bandeirinhas brancas, e os nossos começaram a desembarcar, mas como o mar rebenta com muita força, foram ao fundo os dois botes e só saltaram em terra nessa tarde nove pessoas, as quais se reuniam à noite o rei Algodão com 200 índios. A 26 a nossa tropa, então em número de 400 homens, marchou para o Ceará, e às 4 da tarde chegou aí ou ao forte chamado S. Bastian (S. Sebastião).

A guarnição inimiga defendeu-se pelo melhor modo, mas os nossos tomaram o forte de assalto, pois não era mais do que um muro quadrado de pedras empilhadas sem cal com cerca de 10 pés de altura. Do inimigo morreram dois e foram feridos oito, eram ao todo 33 homens. Os índios queriam matar a todos, e não foi fácil impedir que o fizessem. Os nossos tiveram somente cinco homens feridos”.



www.colecaomossoroense.org.br

formações a V.Ex. a respeito da situação deste forte, desta terra e de seus habitantes. Depois que ele partiu, tenho também procedido a indagações sobre o mesmo assunto, tanto quanto me era possível, e outra coisa não posso informar a V.Ex. senão que a terra arenosa e de ruim montanha, imprópria para o plantio de cana de açúcar e levantamento de engenhos, não tem madeira nem outras coisas que dêem proveito.

Também não existem absolutamente salinas. Há, é certo, alguns lugares no interior onde se acha sal, mas de péssima qualidade, bem como outros junto da praia (1.4), que não produzem sal bastante para um carregamento. Quanto ao âmbar-gris, os índios foram muito exagerados nas declarações, que fizeram a V.Ex. e aos altos conselheiros; não tenho visto até agora mais do que quatro pedacinhos com o peso de cerca de três onças, que me trouxe o principal da aldeia pequena, chamado Koyaba.

Tenho tratado os índios daqui melhor que posso, dando-lhes comida, bebida e toda a sorte de presentes, para que eles, tanto quanto possível e mais diligentemente, percorram as praias à procura do âmbar; mas voltam sempre protestando nada ter achado.

Os habitantes têm duas aldeias, uma grande e uma pequena. Uma delas está a duas horas de viagem daqui e a outra a quatro, cada uma tem o seu principal; o da aldeia grande chama-se Diogo Algedor, o da pequena Koyaba.

A 10 de janeiro eles festejaram o seu AreleTijisado (?) junto a uma grande lagoa que é muito piscosa.

Celebram todos os anos essa festa, a que todos devem assistir. Fui convidado, e chegando aí encontrei reunidos mais de



www.colecaomossoroense.org.br

2.500 índios, entre pequenos e adultos, homens e mulheres, além dos velhos que já não podem andar.

Desses índios a terça parte não habita nas aldeias, mas em vários lugares, onde têm as suas roças ou plantações de mandioca. É uma turba de gente moça, selvagem e ímpia; os homens têm duas ou três mulheres, nada fazem senão comer e beber, durante todo o correr do ano ingerem toda a sorte de bebidas, com que costumam embebedar-se, isto é, vinho de caju, e também de batata e de milho.

Alguns têm roças, mas os mais deles procuram o alimento nos matos.

Não posso obter desses índios o mínimo serviço ou auxílio sem pagar.

Dizem, que nada absolutamente fizeram para os Portugueses e muito menos hão de fazer alguma coisa para nós, porquanto a terra lhes pertence. Tenho por certo, que eles acham muito âmbar-gris; mas levam-o para o Rio Grande e outros lugares, pois andam todos os dias a correr acima e abaixo sem ciência minha.

Não são poucos os índios, que aqui chegam da Paraíba e do Rio Grande e fazem esta viagem para levarem o âmbar-gris; conviria, que V.Ex. mandasse para cá alguns índios antigos das aldeias da Paraíba e do Rio Grande, que conhecessem a sua gente passada e reenviassem todos esses adventícios.

Pode-se levar dos índios daqui uns cem ou trezentos para reforçarem as aldeias do Rio Grande.



www.colecaomossoroense.org.br

Também não seria mal (se V.Ex. o aprovar), que se ponha em casa aldeia um capitão da nossa nação ou que eu seja autorizado a escolher uma pessoa para isto capaz. Poder-se-ia assim ter melhor inspeção sobre tudo, fazer voltar um ou outro índio que viesse em correria do Rio Grande ou outros lugares e trazer os índios daqui sob melhor direção, a fim de percorrerem as praias*.

Além de ditos índios, habitam aqui duas sortes de Tapuias, que são amigos nossos. O principal chamado Kitayo mora a sete horas de viagem do forte; tem uma grande aldeia que se compõe de bonitas xoupanas. O outro principal, que se cham Jercheria, veio, há poucos dias, habitar aqui com toda a sua gente, e até o presente tem-se conservado na aldeia grande junto de Algodão; mas querem fazer também uma aldeia nesta terra.

É gente de quem pouco ou nenhum proveito se pode esperar; nada sabem fazer, a não ser correr pelos matos à procura do alimento. Vêm visitar-me todas as semanas, ficam um ou dois dias a comer e a beber, e retiram-se, declarando que querem estar sob a obediência da Companhia e de V.Ex., e a bel-prazer deixar-se empregar em seu serviço.

Depois da tomada deste forte, o major Gartsman, tendo ouvido dizer que alguns outros índios habitavam mais para o oeste, cerca de trinta léguas daqui, em um lugar chamado Juriquaqua, e que eram amigos nossos, enviou para lá alguns índios

*Brasilianen é a denominação com que os Holandeses designavam em geral os Tupis.



www.colecaomossoroense.org.br

a fim de saber se esses tais queriam entreter amizade com a Companhia e com V.Ex., mas não pode esperar a resposta, porque os enviados demoraram-se muito.

Depois da partida do major, chegaram aqui a 19 de Dezembro dois principais, um chamado Tiago Demerethie e outro Filipe Amiassú com 150 índios, bem como dois principais dos Tapuias chamados Itbeapebuca e Watickene com 70 Tapuios, os quais passaram aqui dez dias e ofereceram os seus serviços à Companhia e a V. Ex., e desejam estar sob a sujeição e obediência de V. Ex. no que os quiser empregar.

Dão a entender que nas cercanias de sua habitação há abundância de madeira, de que provavelmente V. Ex. há de ter recebido uma amostra pelo major Gartsman, e dizem mais, que outrora os Franceses com isso carregavam navios inteiros.

Quanto ao gado que aqui existe, fiz o possível para reunir 221 cabeças. Segundo dizem os Portugueses, deviam ser 227; mas, o major Gartsman mandou matar algumas e os índios mataram outras. Reparti o gado por três currais, e pus em cada um deles um índio para servir de guarda. Atualmente há 250 cabeças, contadas as reses e as crias, e aumentam diariamente.

Depois da partida do major Gartsman, fiz cercar o forte com palissadas. As baterias são más e não podem ser remediadas por falta de carrinhos de mão.

Toda a gente que aqui está goza ainda saúde, exceto dois homens que se acham muito fracos. Falta-nos um cirurgião. O commandeur Verdoes tinha dois no Rio Grande, mas não os quis deixar vir.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Envio a V. Ex. a relação e distribuição (dos viveres) do nosso armazém.

Encarreguei a um conducteur de dar a ração à tropa, conforme a ordem deixada pelo major Gartsman.

Quase todos os barris de carne trazidos pelos capitães de navio estavam somente cheios até a metade, como toda a gente pode testemunhar.

A rede de pescar, que nos foi dada pelos senhores altos conselheiros, não valeu nada, como o major Gartsman bem viu. Os soldados não puderam servir-se dela durante quatorze dias, pois apodreceu completamente; com o que aumentou o encargo de nosso armazém.

Estamos ainda sofrivelmente providos de pólvora e chumbo, mas a mexa não tardará a faltar-nos, pois o major Gartsman não nos deixou mais de 400 libras, e não tenho pasta (?) para fazer uma só mexa brasileira (eemsaembrasilichelont).

Se aprover a V. Ex., que aqui nos demoremos, o armazém não nos poderá alimentar por muito tempo. Aguardo as ordens de V. Ex., pois não posso contentar os soldados com a ração ordenada; procuram forçar-me a matar gado, e até vão aos currais e a tiro deitam por terra as reses.

Peço, que V. Ex. queira enviar-me uma ordem expressa, por onde eu me tenha de regular no dar a ração e com relação ao gado.

A farinha também breve faltará, porque todas as semanas tenho necessidade de 12 alqueires e em 23 semanas consumiram-se 300 alqueires.



www.colecaomossoroense.org.br

Convém pois fazer quanto antes novas roças e plantações de mandioca, as quais só podem ser feitas pelos índios, visto como os soldados nenhuma inteligência tem desse mister.

Anteriormente os Portugueses tinham 12 índios especialmente incumbidos do mesmo serviço e para isso os pagavam; e se eu os quiser empregar, deverei também pagá-los.

Peço pois, que V. Ex. se digne de enviar-me pano para o pagamento desses índios, e necessárias são, pelo menos, 300 varas, porque eles pedem mensalmente três varas.

Poderei assim pagar também os que guardam os currais, aos quais tanto prometi; eles insistem diariamente pelo seu pagamento, e faltando este, não os poderei por mais tempo conservar no serviço.

Tenho também necessidade de ferro e de machados para abater o mato (e preparar o terreno) para plantações. Aos soldados é muito penoso o preparo da farinha, porque não têm uma roda; a que havia aqui os índios fizeram em pedaços para tirar o cobre. Quebrei o meu próprio caldeirão, e dele fiz um ralador, que, a não ser assim, teríamos de comer as raízes inteiras.

Rogo, pois, que V. Ex. me proveja de uma roda ou cobre, visto como o ralador arruinou-se.

Depois que aqui estamos tem passado várias vezes navios perto de terra para o Maranhão. No dia 1 de Novembro passou um, a 6 de Dezembro dois, e a 17 de janeiro dois, que estiveram fundeados cerca de três horas de viagem daqui. Mandeí imediatamente um sargento com dez soldados e quarenta índios para lá, mas, quando chegaram, viram que tinham levantado



www.colecaomossoroense.org.br

âncoras e partido. Se eu dispusesse de um bote havia tê-lo guardado como me fosse possível.

Como disponho de pouca gente pelo, que estes soldados (portadores da carta) voltem na primeira oportunidade, pois já dei dois dos meus comandados ao major Gartsman para verem um certo passo, e segundo me consta, o capitão Verdoes os reteve e não os quer deixar voltar. Dei a um deles um arcabuz novo de armazém. Chama-se Andries Braner, é da companhia do major Bayer; o outro chama-se Jan Poulusen, é da companhia do capitão Verdoes, V. Ex. queira sobre isto resolver como entender melhor.

Actum no forte de S. Sebastião do Ceará a 19 de Abril de 1638. Hendrick van Ham.

Dois meses depois o tenente van Ham escrevia de novo o Supremo Conselho do Brasil fazendo sentir a inutilidade da ocupação do Ceará.

“A 8 do corrente, diz o Conselho em carta aos diretores da Companhia de 29 de Junho de 1638, chegaram do Ceará, e pedindo para ser retirado com a sua guarnição. Adiamos a solução deste negócio até recebermos ordens de VV. SS., que aqui esperamos. Enviamos pois a VV. SS. cópia da carta do tenente van Ham a fim de verem o que ele escreveu e sobre isso mandarem-nos VV. SS. a sua resolução”.

Na coleção dos documentos que temos sob a vista, não encontramos a segunda carta do tenente van Ham, nem a resposta dos diretores da Companhia à consulta do Supremo Conselho do Brasil sobre o abandono da capitania do Ceará.



www.colecaomossoroense.org.br

Certo é porém, que o tenente van Ham conservou o comando da guarnição do Ceará ainda durante mais de um ano, e foi substituído por Gedeon Morris, que para este fim partiu do Recife a 23 de Novembro de 1640.

Em carta de 10 de janeiro de 1641 o Supremo Conselho comunicou aos diretores a partida de Gedeon nestes termos:

“A 23 do dito mês de Novembro partiu daqui Gedeon Morris na galeota Fuymsluyper para estacionar no Ceará como commandeur.

Desde muito a guarnição do Ceará e o tenente van Ham, que a comandava, nos tinham pedido para serem dispensados, porquanto ali estavam desde a conquista daquela capitania, e como esses Gedeon Morris (que nos fora sumamente recomendado pela câmara da Zelândia em atenção á representação por ele apresentada à respeito da situação do Maranhão e do Grão-Pará, onde ele assistira por muito tempo) oferecia-se para o dito comando, e pelo seu bom comportamento e pelas suas boas qualidades o merecia, confiamos-lhes o cargo com vencimento de tenente.

Acreditamos, que ele prestará ali mui bons serviços à Companhia, e se VV. SS. tentarem um dia algum cometimento contra o Maranhão e as regiões confinantes, podem esperar desse indivíduo ótimos serviços por causa de sua experiência e conhecimento das línguas. Agora ele tenciona descobrir a costa ulterior do Ceará até o cabo Piriá e entrar em comunicação com os índios dessas regiões”.

Gedeon Morris correspondeu a essa expectativa, descobrindo as salinas do rio Upanema (Mossoró).



www.colecaomossoroense.org.br

IV

O tenente van Ham, substituído no comando da guarnição do Ceará por Gedeon Morris, recolheu-se ao Recife, e foi portador de uma carta do seu sucessor com data do 1º de janeiro de 1641, em que ele anunciava a existência das salinas do rio Upanema (1.5).

Do conteúdo dessa carta temos apenas notícia pelos *Dagelyksche Notulen*; mas possuímos a segunda que Gedeon Morris dirigiu ao Conselho Supremo, dando conta de sua viagem aquele rio. É a seguinte:

“14 de Fevereiro de 1641, rio Janduwasson”.

Laus Deo. Saúde e desejo felicidade a V. Ex. e aos nobres senhores (membros do Conselho).

Confio, que a minha última do 1º de Janeiro, de que foi portador o *commandeur Hendrick van Ham*, já tenha chegado ao seu destino.

Nela tratei do que se passou e da minha resolução de ir observar a situação das salinas do rio *Iwypanim* e de outros lugares.

Isto fiz com toda a diligência, e Deus seja louvado por as ter achado tais que admiram-me já não se houvesse feito maior diligência para examiná-las, porquanto é de V. Ex. e de VV. SS. bem conhecida a importância da navegação do sal, negócio este que em sumo grau interessa à pátria e à Companhia, sendo para desejar que os navios de Pernambuco, que devem seguir vazios para as Índias Ocidentais e para a França a fim de receberem carregamento de sal, vindo aqui, o pudessem tomar.



www.colecaomossoroense.org.br

A Companhia ganharia milhares no afretamento de navios, e, além disto, que grande proveito não tiraria daí?

Que grande dano não causaria aos nossos generais inimigos, se o sal deles (pois o sal é uma das principais minas de Espanha e de Portugal) não tivesse mais consumo, e os nossos navios evitassem os milhares de perigos provenientes dos Turcos a que se expõem para buscá-lo?

Tudo isto é melhor conhecido de V. Ex. e de VV. SS. do que de mim; mas essas considerações atuaram em mim com tanta força, que com o favor de Deus formei o propósito de não dar descanso aos meus membros antes de ter levado, no todo ou em parte, este negócio à perfeição, se V. Ex. e VV. SS. me quiserem conservar, pois, tendo eu anteriormente representado à câmara da Zelândia e aqui a V. Ex. e a VV. SS. sobre a utilidade da conquista do Maranhão, nunca pude obter satisfação; o que atribuo somente aos penosos trabalhos, que tem sobrevindo e que por diversas vezes o têm impedido.

Como porém a execução da empresa requer pouca, confio, que V. Ex. e VV. SS. a tomarão a peito, e passo a referir em termos breves como achei, depois da minha partida do Ceará, a situação das salinas do rio Ywipanim e de outros lugares.

Tendo partido do Ceará para aí a 4 de janeiro, encontrei ventos tão favoráveis ao longo da costa que em oito dias cheguei ao rio, conquanto nesse espaço de tempo estivesse parado durante três dias por impedimento ocorrido entre nós.

Tendo chegado ao dito rio, e depois de dois dias de indagações, tomei o verdadeiro braço, que me levou às salinas, de



www.colecaomossoroense.org.br

que anteriormente tinha tido notícias, como comuniquei a V. Ex. e a VV. SS. na minha descrição do Ceará.

O rio Ywipanim demora cerca de 50 léguas a leste do Ceará e cerca de 60 a oeste do Rio Grande. A salina fica no braço ocidental do rio, coisa de 3 ½ léguas da foz e a três quartos de légua da margem, de sorte que os barcos e os botes que vieram tomar sal poderão aproximar-se até três quartos de légua da salina.

Esta tem de extensão a distância que eu pude percorrer em meia hora, e de largura um tiro mosquete, apresentando-se o sal tão branco como a neve e em alguns lugares com a espessura de 1, 2 e 3 dedos; pelo que calculei, que vinte navios não poderiam carregar todo o sal aí existente.

Aquele belo espetáculo satisfaz os meus fatigados sentidos, mas não completamente, porque o sal fica muito longe do rio e é incômodo embarcá-lo. Pensei então se não aprouveria a Deus, que eu descobrisse nessa região uma salina melhor situada do que aquela, e caminhando assim cerca de uma hora para o ocidente ao longo da margem da campina (Campine), vi tudo branco diante de mim, justamente como se tivesse nevado. Segui para aí, e encontrei uma ótima salina com a extensão de quase uma légua (que percorri caminhando sobre o sal), e tendo de largura seguramente a oitava parte de uma légua. Em alguns lugares o sal tem a espessura de um, dois ou três dedos e no circuito de um quarto de légua a grossura de uma mão; pelo que suponho que 50 navios não poderão carregar o sal que vi nessa salina; e o que mais é, esse sal é tão belo que excede o de S.



www.colecaomossoroense.org.br

Fouvrís*. Pelo portador desta envio a V. Ex.e a VV. SS. uma amostra do sal dessa salina e também de uma outra pequena.

Descoberta essa excelente salina, segui para o rio a fim de ver quanto dele dista, e verifiquei, que dista apenas uma meia hora de marcha, e que com poucas despesas poder-se-ia fazer um canal até a salina, porquanto em razão de ser a terra baixa, toda a maré viva cobre com um ou dois pés d'água a planície, que fica entre a salina e o rio.

Tendo assim achado a dita salina, parti imediatamente para foz do rio a fim de sondá-lo, e não só o sondei como o assinaliei com pequenas balizas, de sorte que, com o favor de Deus e uma maré viva, eu ousaria meter pela barra um navio que não demandasse menos de 15 pés d'água. E no rio há água bastante para subir por ele até légua e meia de salina, onde o navio receberia a carga em poucos dias com o auxílio de uma galeota ou barco (que demandasse somente dez pés d'água) e do seu bote.

Para V. Ex. e VV. SS. melhor apreciarem a disposição do rio e as salina, eu os desenhei, conforme pude, no pequeno mapa junto, e para mais propriamente informar a vossas nobrezas sobre o que puderam fazer fundamento, a balanço-me a dizer, com o favor de Deus, que um navio poderá carregar em 14 dias, uma vez que V. Ex. e VV. SS. mantenham aqui constantemente uma galeota com dez homens experientes e despendam 200 florins no carregamento de cada navio com o pagamento

*Talvez St. Ubes



www.colecaomossoroense.org.br

dos índios, que se empregarem no transporte do sal da salina para a galeota.

Para maior segurança verifiquei, que um índio pode em um dia levar cinco alqueires de sal da salina para a galeota; portanto cem índios podem em um dia pôr a bordo 500 alqueires de sal; o que corresponde segundo suponho, a 10 lastos, e por aí V. Ex. e VV. SS. podem calcular em quão poucos dias um navio carregará na referida salina.

Releva especialmente notar, que em todo o muno não se pode encontrar um rio mais próprio para fazerem-se salinas, havendo lugares onde os navios podem atracar e levar as suas pranchas (stelingen) até a salina mesma, e isso não só por causa da tranqüilidade (das águas) na margem do rio como porque o mesmo rio tem, de todos os lados, belas várzeas de solo plano e argiloso e de duas, três e quatro léguas de extensão, que as marés vivas cobrem com um ou dois pés d'água. Essas planícies são por natureza tão inclinadas à produção do sal, que vi em diversos lugares, onde havia penas alguns pequenos poços rasos, a água em repouso congelar-se em sal, e até nas pegadas deixadas por pessoas que por aí andaram; de sorte que no espaço de poucos anos, enquanto se levar o sal já feito nas salinas para bordo dos navios, poder-se-á fazer outras junto ao rio, por existirem aí lugares tão capazes, como fica dito.

Também esse rio se recomenda pelas suas boas pescas: com uma rede podem alimentar-se constantemente de peixe fresco cem pessoas; e nele abundam os porcos selvagens, os



www.colecaomossoroense.org.br

veados e as avestruzes; o que será um grande suprimento para a alimentação dos que se empregarem no trabalho das salinas.

Exposta assim a situação e as boas qualidades do rio Ywypanim, devo também fazer conhecido de V. Ex. e de VV. SS. o que o mesmo rio tem de mau. O seu defeito não passa de um único, a saber: não há nas cercanias do rio e até a distância de quatro ou cinco léguas água doce; pelo que é necessário manter aí um bote grande somente, e para prover d'água as pessoas que trabalharem no sal. Espero, porém, que esse inconveniente no decurso do tempo será remediados, cavando-se ou descobrindo-se poços capazes.

Isto é, resumidamente, o que tinha a dizer sobre as salinas e a situação do Ywypanim (1.6).

Segue-se a situação da salina do rio Meiritupe. Conquanto seja grande e boa e vinte navios não possam transportar o sal que rende anualmente, está situada muito para o interior, de modo que não se pode contar com ela (1.7).

A salina do rio Wararocury está situada cerca de cinco léguas rio acima e no braço ocidental dele; tem apenas um tiro de mosquete de comprimento e oitenta pés de largura; mas é muito boa e copiosa de sal, e pode dar carga anualmente para alguns navios.

Poucos dias antes da minha vinda, o sal aí existente tinha bem dois pés de grossura, mas como havia chovido muito, também dias antes de chegar eu aqui, metade do sal se fundira. Todavia o encontrei ainda com a espessura de um pé debaixo da salmoura, que se elevava sobre o sal mais de pé e meio.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Esta salina oferece boa comodidade de água doce, que se encontra do lado oposto e em distância não superior a um tiro de columbrina do rio. Este porém é tão raso que o sal deverá ser levado em grandes botes (1.8).

Não sei se podem entrar navios nesse rio. Fui forçado, por falta de víveres, a regressar ao Ceará, e não tive tempo para examinar a situação; mas sei ao certo, que podem subir o rio até a distância de uma légua da salina barcos que demandem somente oito ou nove pés d'água.

Eis aqui em termos breves a minha informação a respeito das salinas situadas a leste do Ceará, as quais nunca foram anteriormente examinadas pelos nossos, nem eram conhecidas no tempo dos Portugueses (1.9).

Peço pois officiosamente a V. Ex. e a VV. SS. que, à vista desta carta, queiram enviar-me os seguintes necessários auxílios para secar o mais depressa possível o sal e assegurá-lo, antes que venham as chuvas iminentes e que já começam a cair aqui diariamente.

Não ousou pedir ainda navio, porque não estarei seguro do sal antes que o tenha posto a seco em montes.

Primeiro que tudo tenho grande necessidade de um dos botes grandes com seis homens experientes e os respectivos víveres para seis meses, de modo que eu possa prover de água os índios, que, de quando em quando, puserem o sal a seco; são necessários cem alqueires de farinha de 64 Kannen, da qual precisarei para fazer aguada; e mais seis barris de centeio e um oxhoft ou barril de aguardente, e tanta cevada, ervilhas, favas,



www.colecaomossoroense.org.br

carne e toucinho, quanto V. Ex. e VV. SS. quiserem enviar-me, considerando que eu terei de alimentar todas as pessoas que empregar no trabalho do sal, pois atualmente os índios em toda a capitania do Ceará não têm um punhado de farinha. Quatorze pessoas que comigo trouxe para o descobrimento das salinas, tive de alimentá-las do meu armazém. Para conserto do armazém das casas e baluarte do forte, preciso de 2.000 pregos de toda a sorte.

Tão depressa esses objetos me cheguem às mãos, empregarei toda a diligência para pôr o sal a seco, e então avisarei a V. Ex. e VV. SS. sobre a quantidade de navios que convirá primeiramente enviar.

Não posso deixar de dizer uma palavra sobre um assunto que quizera antes passar em silêncio, pois prefiro louvar a acusar alguém. O commandeur Ham prejudicou muito à Companhia e ao Estado do Ceará com tirar das aldeias mais de sessenta dos melhores índios para acompanhá-lo e à sua gente, bem sabendo que estávamos na melhor quadra para o trabalho de secar o sal.

Se eu tivesse disposto desses homens, asseguraria o carregamento de vinte ou trinta navios com sal. Além disto, é agora o melhor tempo para plantar roças, de que eles ficaram também privados.

O capitão da galeota Tuynsluyper cometeu também uma grande falta, porquanto no primeiro dia em que se fez à vela e com infração das suas instruções afastou-se da costa para atravessar a linha. Entretanto eu declaro em consciência, que, se ele se tivesse conservado ao longo da costa, poderia em três semanas chegar ao



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Recife, pois durante seis semanas tivemos aqui ventos do norte; espero, porém que nesta data já tenha aí chegado.

É portador desta JemsHester, um bravo soldado, que há muitos anos serve à Companhia; viu toda a situação das salinas, a cujo respeito V. Ex. e VV. SS. podem interrogá-lo. Dignem-se de presentear-lhe uma alabarda*, se suas informações o merecerem, bem como queiram deixá-lo voltar no bote grande, que ele ajudará a bem conduzir ao seu destino.

Também vai com o meu irmão o indivíduo Daniel Jans, que, por certa pequena falta cometida em Tamaracá, veio de lá fugido para o Ceará com medo do castigo. Peço, que V. Ex. e VV. SS. o queiram perdoar, tendo em atenção que ele prestou aqui bons serviços à Companhia, sondando e examinando os rios acima mencionados, e que para o futuro poderá servi-lo nessas paragens.

Concluindo assim, etc. Gedeon Morris (1.10).

O Conselho Supremo do Brasil apressou-se em transmitir aos diretores da Companhia a notícia do descobrimento feito por Gedeon Morris.

“A 15 do corrente (escreveu o Conselho em carta do último de março de 1641) recebemos de Gedeon Morris, commandeur do Ceará, uma carta com data de 14 de fevereiro e escrita no Jandouwassou, na qual trata da situação das salinas por ele de novo descobertas nos rios Upanema, Waeruvery e Meirituppe. Como por certas comodidades recomenda de preferência às outras a salina do Upa-

* A alabarda era o distintivo do sargento.



www.colecaomossoroense.org.br

nema, dela nos enviou em desenho. Junto remetemos as cópias da carta e do desenho, afim de que V. Sa., devidamente informados de tudo, resolvam aplicar as despesas às salinas, que julgarem ser mais úteis e proveitosas à Companhia.

As boas qualidades, a vivacidade e o cuidado desse commandeur nos dão grande esperança de que achará alguma coisa excelente a fazer em proveito da Companhia nestas dilatadas regiões, sobre que se estende a sua direção. Se houver aí alguma coisa a fazer, acreditamos, que ele porá em evidência o seu esforço e seu conhecimento de ditas regiões (1.11).

Entretanto o Conselho havia dado um despacho, que vivamente contrariou o explorador do Ceará. Nos Dageysche Notulen de 4 do mesmo mês de Março, lê-se: “Andries Oloffs diz, que há no Ceará uma inumerável multidão de índios, que e acham divididos em várias aldeias. O seu grande número é para eles uma causa de incômodos, ao passo que poucos existem no Rio Grande, e por isso os daí pequena resistência podem opor às invasões do inimigo.

O suplicante oferece-se para levantar uma aldeia no Rio Grande, onde há muitas arruinadas e abandonadas. Observa, que os da aldeia Consava ou pequena aldeia situada no Ceará desejam muito habitar no Rio Grande, que anteriormente foi o lugar de sua residência. Além disto muitos dos índios, que no Ceará habitam, iriam de bom grado para o Rio Grande; o que redundaria em proveito da Companhia, pois em ocasiões de aperto e de guerra é necessário ir procurar os índios com grandes despesas até o Ceará, ao passo que no Rio Grande estariam à mão; pelo que pede ser nomeado capitão da preterida aldeia.



www.colecaomossoroense.org.br

O pedido do suplicante é deferido; tirará do Ceará tantos índios quantos julgar convenientes para levantar uma aldeia, cujo capitão será (1.12).

Autorizado por este despacho, Andries Oloffs apresentou-se no Ceará para recrutar índios, sem contar com a resistência de Gedeon Morris.

Este dirigiu ao Conselho a seguinte carta.

“Laus Deon. Forte de S. Sebastião no Ceará 4 de Agosto de 1641.

Ilustríssimo conde, gracioso senhor, e nobres senhores do Supremo e Secreto Conselho.

Desejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

A 24 de Julho último chegou aqui o capitão Andries E-dolffes com um ato de V. Ex. e de VV., o qual reza que, entendendo vossas nobrezas haver aqui grande abundância de índios, podiam eles ser transportados para a capitania do Rio Grande.

A fim de verificar isto com segurança. Fiz a 28 e a 29 de julho uma revista dos índios de toda a capitania e publicamente os interroguei se havia algum que estivesse disposto a ir com o capitão Andries morar no Rio Grande, e ordenei, que os que o quisessem declarassem os seus nomes. Dentre eles não se acharam mais de 22, que com o capitão quisessem partir, cujos nomes vão mencionados na relação junta.

Ordenei então ao capitão Andries, que dentro de 14 dias seguisse com esses índios, posto que eu não tivesse recebido ordem de V. Ex. e de VV. SS. para transporte de tais voluntários, nem a carta de 28 de Maio, que recebi de vossas nobrezas,



www.colecaomossoroense.org.br

continha a mínima referência a tal ato, pois, pelo contrário, recomenda-me, que promova o povoamento desta capitania.

Não ficando contente com a minha ordem, o capitão Andries disse-me, que queria demorar-se aqui, pelo menos, um mês, esperando, entretanto persuadir ainda a umas trinta pessoas; a isto respondi que de nenhum modo era intenção de V. Ex. e de VV. SS., que ele tirasse daqui os índios inconstantes por meio de falas doces ou de grandes promessas; que fizesse o seu esforço, mas que não havia de levar um só dos índios antes de ter eu recebido ordem especial de V. Ex. e de VV. SS.

Assim, pois, se é intenção de vossas nobrezas tirar daqui alguns índios, queiram enviar-me ordem a tal respeito, mas V. Ex. e VV. SS. considerem, que isto concorrerá grandemente para prejudicar e embarçar o meu plano, porquanto neste verão pretendo seguir com 150 índios para o rio Iwypanim a fim de por o sal a seco (1.13). O auxílio desses índios nos é muito necessário, e devo também deixar ficar gente aqui para fazer as plantações, de modo que por falta de viveres não venhamos a sofrer penúria.

Eu esperava, que V. Ex. e VV. SS. me prestariam todo o auxílio e assistência a bem do meu intuito, como vossas nobrezas já o tinham começado a fazer, enviando-me o barco Scheveling e os viveres que já chegaram.

Confio que não me retirarão nenhum índio, e pelo contrário, para o andamento do negócio das salinas, merestituirão os indivíduos que foram levados desta capitania pelos Portugueses e pelo commandeur Ham (1.14).



www.colecaomossoroense.org.br

Os chefes (dos índios) me têm pedido, que de sua parte eu apresentasse a V. Ex. e a VV. SS. a petição junta, e muito humildemente rogo, que se sirvam atendê-la. Se alguma coisa há que a isto os possa mover, representem vossas nobrezas a esperanças, que eu já tinha concebido a respeito desta capitania; pois que podem os índios fazer o Rio Grande que aqui não possa ser feito?

Têm eles ali sal? Eu tenho ainda mais.

Tem ali um engenho?

Eu espero dentro de três anos e com o auxílio dos meus amigos ter um outro; para esse fim já plantei mais de três tarefas (terrefen) de canas, e agora fiz vir um barco e bote com canas de meu irmão.

Plantam eles fumo? Nós também.

Tem pau-brasil? Nós temos pau violeta, o único conhecido, mas espero com o auxílio de Deus fazer outros conhecidos.

Se no decurso de seis meses eu não satisfazer a vossas nobrezas de modo a formarem um bom conceito desta capitania, V. Ex. e VV. SS. estarão sempre em tempo de chamar estas aldeias.

Observo ter sido a exposição do commandeur Ham, que fez crer a V. Ex. e a VV. SS. haver aqui alguns índios que pediam para serem transportados; mas a verdade está tão longe disto que a metade dos índios levados por ele à força voltaram para aqui antes de chegarem ao meio do caminho.

Pesou ao commandeur Ham não ter podido arrastar consigo toda a capitania, e da memória junta podem V. Ex. e VV. SS. ver se ele tratou sinceramente com vossas nobrezas.



www.colecaomossoroense.org.br

Depois da minha última carta conclui o forte e reparei o barco em todos os sentidos, aparelhei-o com mastros novos, guarnecio-o com estoas, de sorte que agora está pronto para velejar.

Tenciono partir dentro em quatro dias para Commeçi (Camucim), a fim de examinar a situação de certas salinas e fazer cortar uma porção de pai-violeta, e indagar os demais proveitos que ali possam ser obtidos para a Companhia; pois, como aqui ainda chove todos os dias, decorrerão bem dois ou três meses antes de poder pôr-se algum sal a seco (1.15).

Entretanto rogo a V. Ex. e a VV. SS., que me enviem o bote grande e as outras provisões requeridas.

O portador desta carta é Jems Regs, pessoa capaz para ter mando sobre os índios, cuja língua sabe sofrivelmente falar. Se V. Ex. e VV. SS. anuírem ao pedido dos principais, peço que o tenham como recomendado e o provejam de um ato (de nomeação); o que será para mim particular favor; porquanto com essa gente eu começaria a levantar uma aldeia na vizinhança das salinas e em solo fértil para nelas poder empregar os índios em todas as ocasiões.

Com Jems Regs vai Fernandes, tenente da aldeia Opavapin, que é um índio de muitos serviços V. Ex. e VV. SS. queiram recebê-lo amistosamente (1.16).

Pedirei a vossas nobrezas, que me remetam uma dúzia de lanças para presenteá-las aos sargentos das aldeias, a fimde que eles possam manter maior autoridade entre os seus.

Terminando assim, encomendo V. Ex. VV. SS. à proteção do Onipotente, para que os abençoe agora e sempre. Amém.

De V. Ex. e de VV. SS. fiel servidor. Gedeon Morris.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

V

Resolvida a conquista do Maranhão, o Conselho Supremo do Brasil quis utilizar-se dos serviços que Gedeon Morris tantas vezes lhe oferecera em suas cartas e representações.

Nas instruções dada a 28 de outubro de 1641 ao almirante Jan Corneliszoo, ao coronel Hans Van Koin e ao conselheiro político PieterJansen Bas sobre a conquista do Maranhão lê-se a seguinte recomendação:

“Art. 9 – Na execução do que fica dito ouvirão particularmente o parecer do commandeur do Ceará, Gedeon Moris, que, tendo freqüentado durante muito tempo todas essas regiões, é nelas muito versado, e como conhece a língua dos índios, à força mantidos na escravidão dos Portugueses, os moverá a vir em nossa assistência. E para ainda mais predispô-lo a isto, conferimos-lhe o comando de todos os índios por um ato expresso, e se lhe dará assento no conselho ao lado dos capitães”.

“Art. 28 – Como o commandeur Gedeon Morris conhece a situação do Maranhão e dos lugares vizinhos, mandamos, que ele lá fique até ordem nossa ulterior para assistir o Sr. Diretor com os seus conselho e pareceres, e terá o comando dos índios; mas os índios que forem levados do Ceará serão enviados para as suas aldeias”.

Antes de passar a expedição pelo Ceará, Gedeon Morris dirigira ao Supremo Conselho uma carta, de que os Dagelysche Notulen de 28 de Novembro de 1641 dão notícia.



www.colecaomossoroense.org.br

Ai se lê: “Recebeu-se uma carta de Gedeon Morris, commandeur do Ceará, com data de 8 de outubro, na qual nos comunica ter descoberto mais uma outra boa salina junto de Comeni (Camucin). A salina dista apenas 1.700 passos da borda do mar, e há aí um bom porto para navios, de sorte que podem carregar convenientemente. A certo Jacob Cryiz, que estacionava em Commeni por parte da Companhia, já havia ele ordenado, que pusesse a seco uma boa quantidade de sal, a fim de que os navios, que lá fossem ter, pudessem encontrar carga.

Comunicou mais, que esforçar-se-ia por descobrir as regiões internas, pois havia nas vizinhanças seguramente trinta nações diversas de Tupuias, das quais apenas dez viviam em amizade conosco. Ele procuraria com afabilidade e bom tratamento atrair para o nosso lado todas as outras, e assim viria melhor a conhecer toda a situação dessas regiões.

Tinha também mandado preparar uma certa quantidade de pau-violeta, a fim de ser remetido nos primeiros navios para Holanda.

Quanto à nossa ordem sobre os índios (que deviam seguir para o Maranhão), ele a tinha plenamente observado, pelo que não duvidava, que ficássemos contentes”.

Desta vez os atos não corresponderam às palavras: nem Gedeon Morris apresentou tantos índios quantos lhe foram pedidos, nem pode prestar as informações que dele se esperavam.

A carta de Lichthart, van Koin e Bas, dirigida ao Supremo Conselho do forte de S. Luiz do Maranhão em 3 de Dezembro de



www.colecaomossoroense.org.br

1641, dando notícia do êxito feliz da expedição, contém o seguinte curioso trecho relativo à passagem da armada pelo Ceará:

“A tarde de 5 (de novembro) a galeota Amsterdam veio do Ceará ter conosco, trazendo Gedeon Morris, commandeur dos índios. Chegando à fala, disseram, que, havia muito, tínhamos passados o Ceará e que estávamos seguramente a 30 léguas a oeste desse lugar. Morris, vindo a bordo, declarou depois de algumas considerações, que não podia fornecer o número determinado de índios, tanto por causa das bexigas que os assolavam, como porque as suas salinas, então bonitas, segundo a sua expressão, tinham necessidade de muitos índios e até 150, e não os podiam dispensar sem prejuízo da Companhia; entretanto trazia 70, e mais alguns Tapuias e Tupis (Brasilianen) obtidos em caminho de uma aldeia que fica perto de Comestry, (Camuci). Assim Morris nos trouxe, quando muito, 80 homens, número muito inferior ao que fora fixado.

Sobre a situação do Maranhão, o melhor modo de entrar no canal e penetrar no rio, os baixos e as profundezas e o melhor lugar para o desembarque da tropa, pouca ou nenhuma informação Morris podia dar, pois ele mesmo nunca aí estivera; alguma coisa sabia por ouvir dizer, mas não fazia nisso fundamento, de sorte que nós não podíamos absolutamente confiar em tais informações.

Trouxeram de Comestry um capitão dos índios chamados Jacob Cryis, que conhecia bem a terra e não ignorava completamente os baixos e os lugares profundos; ele porém não quis tomar sobre si o encargo de servir de piloto para manter os navios no rio do Maranhão, incumbindo-se somente de prosseguir na



www.colecaomossoroense.org.br

viagem, depois de entrarmos, e de indicar os lugares profundos e levar os navios diante do forte. Faltava-nos, pois um piloto.

Esta comunicação de nenhum modo abalou a confiança, que o Supremo Conselho depositava em Gedeon Morris.

Em carta de 21 de Janeiro de 1642, dirigida para o Maranhão e em resposta à que anunciara a vitória, ordenava o Supremo Conselho:

“Resolvemos enviar para aí, como commandeur dos índios do Maranhão e suas vizinhanças, Johanes Maxwell, que nos prestou bons serviços na expedição de Angola e São Tomé e, confiamos que aí particularmente nos servira por ter anteriormente freqüentado esses lugares e por ser conhecedor de línguas; na sua ausência comandará os índios Jacob Crynis, que por isso ordenamos aí fique”.

VV. SS.deixarão, que o commandeur Gedeon Morris volte ao Ceará, a fim de que ele administre essa capitania, na expectativa que dela tem e a bem do serviço da Companhia, por que receamos, que, indo outrem que não conheça toda a situação da mesma capitania, possa ser cometido algum erro.

E a 18 de Fevereiro de 1642 o Conselho escrevia aos diretores da Companhia:

“O mal, que sofreram as outras capitancias com a mortandade dos negros, sobreveio a esta capitania (do Rio-Grande), bem como a da Paraíba e de Itamaracá com a morte dos índios, pois a enfermidade das bexigas (a mesma que nos tem levado os negros) grassou tão violentamente entre eles que aldeia inteiras quase se extinguiram de todo, retirando-se os sobreviventes para



www.colecaomossoroense.org.br

os matos, por não ousarem permanecer por mais tempo em suas habitações. O seguinte fato patenteia quanto esse mal se tem generalizado na América: ao passo que a Bahia não está livre dele, a galeota Amsterdam, indo do Maranhão e Cammuci (aldeia que fica no meio do caminho entre Ceará e o Maranhão) para, de passagem segundo suas instruções, tomar carga de pau malhado, não encontrou aí um só homem são, e forçoso foi, que partisse sem nada ter feito.

Essa enfermidade também deu causa a que os três navios, de que tratamos na nossa carta anterior, não pudesse haver sal em Upanema, pois os índios, que foram para ali mandados a fim de secar o sal e pô-lo a bordo dos navios, fugiram com medo da doença (1.17). Qualquer que seja a probabilidade de estabelecer-se a navegação do sal ou em Marituba, ultimamente descoberta pela gente de ElbertSmient, nada se pode esperar sem o auxílio dos índios ou dos negros.

VV. SS. encontrarão nas nossas notas de 4 do corrente o relatório, que ElbertSmient nos apresentou na costa noroeste do Brasil.

Em substância esse relatório nada mais contém senão a grande salina e a pequena, Aguamara e Carwaratama, conhecidas desde tempo antigo, sendo providas de gente bastariam para fornecer sal a esta conquista por um preço razoável, e que tal foi a intenção dele Smient, contratando com VV. SS., segundo diz, e não cogitou de fornecer sal bastante para os navios alugados, que dali partem vazios.

Que o rio Marituba, sito a cinco léguas a oeste da salina grande, tem na entrada com a maré doze pés de água, e pois não



www.colecaomossoroense.org.br

passa de um porto dependente da maré; a meia légua porém da foz do rio para o mar há bom ancoradouro, onde os navios bem podem surgir para carregar.

A salina fica meia légua rio acima e do lado oriental; não há mais de 200 ou 300 passos a percorrer para o transporte do sal; pelo que se supõe, que com o auxílio de 10 a 12 brancos, de 10 a 12 negros e 20 a 30 índios, achar-se-iam anualmente 200 lastros de sal.

No rio Upanema há o inconveniente de que o sal seco da salina deve ser transportado por uma distância de 2.700 a 2.800 passos; o que é um longo caminho. A experiência cedo mostrará qual das duas salinas é a mais própria e útil, uma vez que se disponha de gente para trabalhar nelas.

Gedeon Morris (1.18) commandeur do Ceará, nos pediu, que como primeiro descobridor da salina de Upanema e em reconhecimento deste serviço, lhe fosse permitido transportar constantemente sal para aqui em um barco sem pagar reconhecimento. Submetemos o seu pedido à consideração de VV. SS. lhe concederão o que pede ou alguma outra coisa razoável (1.19).

Queiram VV. SS. também mandar-nos suas ordens a respeito do nosso modo de proceder para com o commandeur Elbert Smient, porquanto, em razão das chuvas e de lhe terem fugido os negros, a sua estada na pequena salina em nada tem aproveitado à Companhia. Como o afastamento dos nossos limites até o Maranhão nos promete (o descobrimento) outras salinas, não sabemos onde será mais conveniente empregá-lo.



www.colecaomossoroense.org.br

Em Abril de 1642 Gedeon Morris se achava ainda no Maranhão, donde escreveu a seguinte carta à câmara da Zelândia, explicando porque a conquista do Maranhão não correspondera às esperanças por ele dadas.

Laus Deo. S. Luiz do Maranhão em 7 de Abril de 1642.

Desejando felicidade a VV. SS., saúdo.

Sabem VV. SS. quão solícito eu fui em persuadir essa câmara a tomar a peito a resolução sobre a conquista do Maranhão, e apresentando para esse fim a VV. SS. várias representações, em que tratei da situação, da fertilidade e utilidade desta região, bem como da probabilidade de obter-se com a conquista um bom retorno; mas como de fato não se achou tanto quanto eu por escrito anunciara, faz-se necessário, que eu dê as razões porque o efeito não correspondeu ao prometido, para que não pareça, que iludi a VV. SS., quando aliás procuro respeitar a verdade em todas as minhas ações.

A primeira razão é, que não efetuamos a conquista do Maranhão, como eu a representei, pois por conquista do Maranhão se entendem o Grão-Pará e o rio do Amazona, que pertencem ao mesmo governo, e tão necessários são entre si que um não pode bem subsistir sem o outro.

Na primeira ocasião, com os mesmos navios e a mesma gente, podíamos facilmente ter conquistado o Grão-Pará e o rio Amazonas, depois de tomada a ilha (do Maranhão); mas parece, que S. Ex. (o conde João Maurício) e os altos conselheiros não estavam perfeitamente esclarecidos sobre a correspondência, que necessariamente deve haver entre a ilha do Maranhão e o



www.colecaomossoroense.org.br

Grão-Pará e o Amazonas. Adiante tratarei mais largamente dessa correspondência necessária.

A segunda razão é, que deixamos aos Portugueses o gozo e demasiada liberdade, ficando eles completamente na posse e ocupação de todos os seus bens, e não é de admirar, que, tendo-se-lhes deixado quase tudo, pouco tenha cabido à Companhia. Pois onde se viu em todo o Brasil que um Português, tendo sido a terra tomada há apenas quatro meses, embarcasse por sua conta cem caixas de açúcar, como fez o provedor-mor Ignácio do Rego, que se passa nestes navios para as Índias?

Se prevalecesse a minha opinião, ter-se-ia feito uma conquista absoluta de todas as posses dos Portugueses para a Companhia; seriam expulsos da terra os mais ricos e nas posses deles por-se-iam como feitores os pobres, que perceberiam anualmente uma certa quantia pelo seu trabalho, e por este meio a Companhia reservaria para si todas as posses e obteria anualmente todos os frutos que aqui se obtém.

Provavelmente alguns políticos em razão das suas particulares opiniões, zombaram da minha proposição; eu porém digo, que, não se adotando aqui um outro modo de governo, não posso atinar onde virá (renda) para manter-se uma guarnição dispendiosa. Não serão o dizimo e a recognição de 1.000 a 1.200 caixas de açúcar, produzidas anualmente aqui no Maranhão, que cobrirão as necessárias despesas, que a Companhia fará.

Outros consideraram um caso de consciência privar-se os Portugueses de tudo, e não me terão na conta de cristão, porque o proponho; mas a esses tais responderei, que ignoram o rigor com



www.colecaomossoroense.org.br

que os Portugueses desta região trataram a nós e a pessoas de outras nações no Amazonas; quantos inocentes colonos eles assassinaram, quão perfidamente violaram os seus compromissos jurados!

A posse deles teve começo em um roubo sobre os da nossa e de outras nações, e eu entendo, que é melhor que a grossura da terra locuplete a gente de fé do que a um grupo de ímpios, idolatras, pois muitos deles, possuindo de 20 a 30 escravos, outra coisa não fazem senão levar uma vida indolente e regalada, ao passo que aqui os nossos soldados apenas recebem o necessário para matar a fome.

E com isto, dignos senhores, tenho dado as razões por que não coube maior proveito à Companhia na conquista do Maranhão.

Vou agora tratar da correspondência necessária entre o Maranhão e o Grão-Pará e o rio do Amazonas, o qual consiste no visto: o Grão-Pará e o rio do Amazonas são os únicos lugares donde os do Maranhão recebem a remessa dos escravos, com que cultivam as suas terras e fazem moer os seus engenhos. Faltando esse fornecimento de escravos e perecendo os que cá estão, os engenhos, no decurso de 4 ou 5 anos, terão de parar, máxime dando-se mortandade como a que ente eles tem havido desde a nossa vinda, pois creio terem morrido de bexigas no espaço de quatro meses 1.000 indivíduos entre livres e escravos, e ainda morrem diariamente de um modo lamentável.

Aqui surge a questão de saber se o nosso governo permitirá, que nós compremos e vendamos os índios, como fazemos com os negros, porquanto os índios no Brasil são reconhecidos como livres.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

A isto se pode responder, que não somente é muito proveitoso à Companhia, senão também cristão, tolerar-se tal comércio nestas regiões, uma vez que dele não se abuse, porquanto no rio do Amazonas existem mais de trinta diversas nações de índios, que fazem guerra entre si. Os prisioneiros que fazem de parte a parte, eles os comem, não havendo quem lhes queira comprar. O tráfico deve pois ser permitido para conservar-se a vida de tais escravos, e com este intuito o rei de Espanha o tolerou.

Os Portugueses porém, pela sua avidez de escravos, abusaram cruelmente do tráfico, visto como, não achando escravos a seu contento, forçam muitas vezes os índios livres a lhes vender os próprios filhos, e tiram os índios livres de suas aldeias e os levam ao Maranhão para vendê-los.

Tratando desta matéria de escravos, não posso deixar de trazer ao conhecimento de VV. SS., que aqui entre os Portugueses existe um grande número de escravos da nação dos Arrouwaens, Fokans e Wackeans, que conjuntamente foram escravizados por nossa causa, por eles nos deram auxílio e assistência.

Peço pois humildemente, por amor deles e por serem das referidas nações, que se lhes restitua a sua anterior liberdade, que perderam por nossa causa, a fim de que os gemidos desses pobres escravos não sejam lançados a nossa conta.

A liberdade deles não pode em coisa alguma prejudicar à Companhia; os que são livres só têm o nome de livres, e de fato são escravos, pois é bastante servo quem está obrigado a trabalhar um mês por três varas de pano, que tal é aqui o seu salário ordinário.



www.colecaomossoroense.org.br

Com relação à utilidade e proveito que se pode esperar do Grão-Pará e do Amazonas, caso os conquistemos, eu considero esses lugares de maior importância do que o Maranhão mesmo, conquanto lá existam somente dois ou três engenhos; pois os campos são mais férteis e próprios para o fumo e a cana de açúcar. Além disto, a terra é mais populosa, por existir aí uma inumerável multidão de índios, os quais podem ser utilizados para a cultura da terra. Lá se faz o tráfico de escravos, como fica dito, e o de vacas marinhas, de tintas e de algodão, e à procura destes produtos numerosos navios fizeram anteriormente boas viagens. Também é lá, que mais provavelmente se encontram minas de ouro ou prata, e se estabelecerá o comércio do ouro, que os Portugueses viram no descobrimento do caminho do Quito.

Um certo capitão chamado Bento Rodrigues, que também foi a Quito pelo rio do Amazonas, me referiu como coisa verdadeira, que cerca de 100 e de 60 léguas do lado de cá do Quito ele fez tráfico de ouro com os índios, ouro afeiçoado de formas diversas para ser trazido nas orelhas ou em outras partes do corpo.

Os Portugueses levaram oito meses nesse descobrimento, porque muitas vezes se desviaram do caminho por causa da multidão dos rios; mas pode-se ir comodamente a Quito no espaço de três meses.

Pareceu-me necessário comunicar isto a VV. SS. para que tenham inteiro conhecimento de quanto interessam o Grão-Pará e o Amazonas, a fim de que esses lugares sejam postos sob a nossa obediência por guerra ou por compra; e sendo eles a nós sujeitos, eu desejava que VV. SS. se dignassem de favorecer-



www.colecaomossoroense.org.br

me, confiando-me a direção dessa capitania para que eu mostre por fatos o que aqui tenho escrito. Procuraria demonstrar o meu reconhecimento por leis serviços, e asseguro que ninguém poderá tomar mais a peito o serviço de VV. SS. do que aquele que durante os seus sete anos de prisão nestas regiões observou com exatidão tudo quanto pudesse ser proveitoso à Companhia.

E como suponho, que as regiões do Amazonas estão sob o departamento da Zelândia, parece razoável, que sejam governadas por um zelandês.

S. Ex. e os altos conselheiros me conferiram o comando dos índios, e tenho assento no conselho de guerra como capitão mais moço. Levado porém por certas razões, eu lhes pedi para voltar à minha antiga (?) administração do Ceará; o que me foi concedido.

Para lá seguirei dentro de quatorze dias, e neste verão espero conseguir, que vinte a trinta navios possam anualmente tomar aí carga de sal.

Antes da minha partida do Ceará, havia nas salinas do Wypanim carga para quatorze navios; ignoro o que se fez depois que de lá me ausentei. Ouvi dizer, que três navios lá foram carregar (1.20).

Ia-me passando comunicar, que há três semanas trouxemos presos dois Portugueses, de um lugar chamado Cajete (Caeté) que fica no meio do caminho entre o Grão-Pará e o Maranhão. Declaram eles, que os Portugueses do Grão-Pará estão constantemente com as armas nas mãos. Declaram eles, que os Portugueses do Grão-Pará estão constantemente com as armas nas mãos, esperando cada dia ver-nos lá chegar, e desejam so-



www.colecaomossoroense.org.br

mente um bom acordo; mas até o presente não temos ordem para tentar coisa alguma.

Também vieram ter conosco os índios de Cajete (uns 230 indivíduos). Alguns (índios) do Grão-Pará teriam sem dúvida vindo, se não fora o cuidado com que são vigiados.

Sobre a situação e o estado das coisas neste lugar, VV. SS. serão amplamente informados pelo Sr. diretor Victor Bas.

Na convocação (?) dos índios achei 2.300 e tantos indivíduos, conquanto um grande número deles tenha morrido depois que aqui chegamos.

E assim concluindo, encomendo VV. SS. à proteção do Altíssimo para que abençoe a VV. SS. agora e sempre. Amém.

Fico sendo

NOTA

Eis a informação por Smient, conforme consta dos Dagehysche Notulus de 4 de Fevereiro de 1642.

“O assessor refere, que pela exposição do commandeur Elbert Smient se informara da disposição das salinas situadas na costa noroeste do Brasil, a qual é a seguinte:

A salina denominada por Smient, Casa do Deserto (Huys der Woestyne), onde ele tem residido, está situada três ou quatro léguas a leste do rio Aquamara. Um dos braços deste se prolonga pelo interior até a dita salina, onde com a maré se encontra a água do rio, e isto principalmente sucede na lua nova, conjuntura em que as águas mais sobem ali. A salina dista do mar 500 ou 550 passos; o solo é de areia, de modo que ele não pode obter água se não do dito braço do Aquamara.

O porto desta salina não tem abrigo ou defesa, o fundo é bom, mas raso, tendo de maré baixa três braças a menos de... léguas da costa. Quando a bri-



www.colecaomossoroense.org.br

De VV. SS. fiel servidor
GEDEON MORRIS

sa, que aí sopra ordinariamente na estação seca, acalma sobre a tarde, tem-se ensejo para carregar os navios desde o anoitecer até de manhã.

Esta salina faz sal todos os meses, contanto que se tenha o cuidado de deixar nela correr a água salgada no tempo seco e se conservar em seguida fechados os esgotos ou regos; mas se não houver aí constantemente alguém que isto faça, nada se pode esperar com segurança desta salina, porque o sal já feito trasvaza com próxima maré e se reduz a nada.

Podem ser vistos desta salina os baixos que lhe ficam a leste e que se estendem da terra firme até três léguas mar em fora; mas a uma légua da costa, onde fica a verdadeira passagem, não se encontram de maré baixa dez pés. Nas marés mortas as águas descem oito pés; a lua a sudoeste faz aí as marés mais altas. Esses baixos são parceiros, que se descobrem de maré baixa.

A cinco ou seis léguas a oeste de Carwaratama ou salina grande fica o rio chamado Maritomba, que é o segundo desse lugar para o lado do ocidente. Aí foi recentemente descoberta pela gente de Smient a nova salina.

De maré viva e com as águas mais altas este rio não tem na entrada mais de 12 pés; é pois um porto dependente da maré. A meia légua da foz do rio para o lado do mar há bom ancoradouro, onde os navios bem podem surgir de maré baixa em três braços.

A salina fica coisa de meia légua rio acima e no lado oriental dele; o sal tem de ser carregado pelo espaço de 200 ou 300 passos. A salina é mui própria para fazer sal, e segundo se supõe, pode fornecer 200 lastros de sal por ano com o auxílio de 10 a 12 brancos, 10 a 12 negros e 20 a 30 índios.

A cinco ou seis léguas da Casa do deserto fica a salina grande chamada Carwcaratama, onde, para fazer uma experiência, ele introduziu por meio de um rego água do mar na altura de 1 ½ pé, e fez sal no espaço de três meses.

Nenhum conhecimento tem da salina do Upanema.



www.colecaomossoroense.org.br

VI

Se a Companhia das Índias Ocidentais pretendia alargar as suas conquistas na América, razão tinha Gedeon Morris em aconselhar-lhe, que ocupasse o vale do Amazonas.

Seguindo esse avisado conselho, ela viria a dominar uma vasta e riquíssima região, atravessada pelo maior rio do mundo e situada relativamente perto da Holanda; expeliria dali o elemento português, então muito fraco; tiraria proveitos inéditos dos produtos espontâneos do solo e asseguraria pelo lado do norte a posse das capitâneas já conquistadas na parte setentrional do Brasil.

Vistas bem diversas porém predominavam no Conselho Supremo do Brasil holandês, que, de acordo com a Assembléia dos Dezenove, preparava-se para conquistar Buenos Aires e ocupar o Rio da Prata, sem atender que a Companhia não tinha forças bastantes para disseminá-las por tantos e tão distantes lugares situados na África e na América.

O forasteiro holandês foi mais perspicaz do que o hábil e experimentado governador do Brasil.

João Mauricio não cogitou de ocupar o Pará, ao passo que ligava suma importância à conquista de Buenos Aires, e tinha tal pressa em levar essa empresa a efeito, que superou todas as dificuldades provenientes da falta de viveres, de soldados e de navios, estimulando pelo receio de que os Portugueses precedessem os Holandeses no Rio da Prata.

A expedição contra a colônia espanhola teria partido do porto do Recife no fim do ano de 1642, se a notícia da revolta



www.colecaomossoroense.org.br

dos moradores do Maranhão e da ilha de São Tomé e o receio de um levantamento geral dos moradores das outras capitanias não o obstassem.

Esses fatos se acham autenticados por um notável documento inédito, as atas secretas do Conselho do Brasil (Secrete Notulen Gehoudenbysyn Excellentie ende de Ed. Necren van den Hogeende Sicreten Raed*) das quais transcreveremos as seguintes soluções concernentes à expedição destinada ao Rio da Prata.

“Quinta-feira, 21 de Agosto de 1642- S. Ex. observa, que aproximando-se do seu termo a estação invernosas, convinha cuidar na execução do cometimento contra...*, a respeito do qual déramos esperanças certas aos Srs. diretores na carta que lhes enviamos por intermédio do Sr. coronel Koin; e que tanto mais conveniente era darmos seguimento à dita empresa, quanto podíamos ser prevenidos pelos Portugueses, que têm também esse lugar em vista”.

“Tomando em consideração a nossa situação, verificamos, que dispomos de navios bastantes para o transporte da gente destinada a apoderar-se da praça; que estamos bastante providos de hiates e embarcações pequenas (o que sobretudo importa) para navegarem rio acima de algum modo tirar (da guarnição) a gente necessária para o cometimento. A lista porém do comissário dos víveres mostra, que nos armazéns da Companhia não há

* Arch. de Haya. Coll. do Inst. de Pern.

* A lacuna é do texto.



www.colecaomossoroense.org.br

presentemente mais do que 200 barricas de farinha (de trigo), 200 barris de carne e 100 de toucinho; o que apenas nos pode dar alimento para um mês”.

As circunstâncias, a que as resoluções aludem, não deixam dúvida sobre a praça a conquistar. Era, uma colônia espanhola, situada na América Meridional, à margem de um grande rio, no caminho do Chile e do Peru e na vizinhança das possessões portuguesas.

“Não permitindo, pois os nossos armazéns o pretendido equipamento, resolvemos que ficasse a empresa sustada até que, em razão da nossa carta a Assembléia dos Dezenove, tenhamos em depósito maiores provisões”.

“Sábado, 22 de Novembro de 1642. – Hoje S. Ex. lembrou ao Conselho, que desde muito, isto é, quando se aproximava o verão (segundo consta da resolução secreta tomada a 21 de Agosto) ela fizera sentir quão conveniente julgava ser nesta conjuntura para a Companhia o cometimento contra..., e a boa vontade com o que o faria executar, se então não o impedisse a falta de toda a sorte de viveres e principalmente de farinha ou pão. Como porém os navios Elias e Utrecht, chegados ontem da metrópole, não só nos trouxeram alguns viveres, embora escassos (bem como o fizeram outros navios recentemente chegados), senão também uma boa leva de gente, não podia deixar de pôr de novo em deliberação, enquanto a estação ainda o permite e a fim de não sermos prevenidos pelos Portugueses, se é possível, sem prejuízo da segurança desta conquista, organizar uma expe-



www.colecaomossoroense.org.br

dição com tropa, viveres, navios e embarcações, que seja capaz de conquistar e conservar o dito lugar.

Lidas e bem consideradas as memórias e as notícias que dele temos, bem como examinadas as listas da nossa tropa, viveres, navios e embarcações, etc; resolvemos deixar a matéria em consideração até segunda-feira para então expendermos os nossos pareceres”.

“Terça-feira, 25 de Novembro de 1642 – Hoje foi de novo considerada em conselho a nossa situação sobre a possibilidade da expedição contra..., tendo sido exibidas as listas dos soldados e marinheiros, navios e embarcações e viveres, que os respectivos comissários possuem.

Tendo primeiramente em atenção a fortalezas dos lugares (a conquistar) e o número de homens em estado de trazer armas que o inimigo pode reunir para a defesa, entendemos, que, para poder atacar com probabilidade mil soldados e quinhentos ou seiscentos marinheiros. E como a fraqueza das nossas guarnições, causada por expedições e ocupações fora da terra, não permite, que delas levantemos tanta gente, sem pôr em perigo este Estado, consideramos, que, para achar e formar a força de que precisamos, pudemos lançar mão da leva de 100 homens, que os navios Elias e Utrecht há poucos dias trouxeram e dos mais que forem chegando em virtude da resolução ultimamente tomada pela Assembléia dos Dezenove, bem como que algumas guarnições podiam ser feitas por índios.



www.colecaomossoroense.org.br

Quanto à falta de marinheiros, em grande parte pode ela ser suprida por pessoas de trem, que em muitas guarnições desta conquista se tem por inúteis e por isso são chamadas.

Há bastantes navios grandes à disposição para o transporte da tropa expedicionária; mas o principal e o mais necessário para a execução do cometimento vêm a ser os hiates e embarcações pequenas, nas quais a tropa deve ser levada às obras (do inimigo), pois os navios grandes não podem chegar a 40 ou 50 léguas do lugar, e achamos, que há grande escassez de tais vasos pela maior parte navegados e estragados em consequência das anteriores expedições, não existindo nesta costa mais de quatro hiates e quatro galeotas. E para que semelhante falta não seja estorvo (à empresa), entendeu-se, que o remédio, está no afretamento ou compra de barcos pertencentes a particulares, porque há muitos que dos seus barcos querem dispor.

A maior dificuldade se apresenta na matéria dos viveres; porque, segundo a praxe ordinária, são necessários para 1.400 homens pelo tempo de seis meses 127.400 libras de pão duro (ou na falta dele 351 barris de farinha) 83 barris de carne, 61 de toucinho, 18.200 libras de peixe seco (stochvis), 115 barris de centeio, 92 de ervilhas, 91.000 pintas de vinho de Espanha, 4.550 de azeite, outras tantas de vinagre, e para esta provisão não se encontra nos armazéns da Companhia nenhum vaso de ervilhas, de fava ou centeio, e apenas 90 barris de toucinho, 200 de farinha de trigo, bem como não se encontra aqui na terra provisão de pão duro.



www.colecaomossoroense.org.br

Não obstante, querendo nós nesta ocasião levar ao extremo o nosso esforço e fazer tudo quanto de algum modo estiver ao nosso alcance, entendemos, que não é conveniente adiar o cometimento para a primeira oportunidade, sendo de recear que os Portugueses nos precedam ou que lá cheguem socorros tais da Espanha que nada mais possamos tentar.

Primeiramente mandamos que, para suprir a falta de pão, os padeiros da Companhia cosam constantemente tanto pão duro quanto lhe for possível, e que os navios grandes sejam providos de fornos para o fim de utilizar-se a farinha e os hiates e embarcações pequenas terem pão duro. A farinha de trigo que faltar será suprida com a de mandioca, e os alimentos que se guardam em vasos (potspsen) pelos que se puder obter aqui ou na Bahia, e dar-se-á em maior quantidade o bacalhão em lugar de peixe seco, toucinho, e o que faltar em outros víveres.

Vemos que nos faltam provisões de trens e equipagens; mas como é de esperar, que o lugar seja conquistado por assalto, pareceu conveniente reunir todo o material que por aí exista e o que ainda acaso venha da metrópole e com isto contentar-nos.

Podendo remediar assim as dificuldades que surgem, resolvemos fazer empregar toda a diligência para reunir e aprestar os navios e as embarcações necessárias com a possível pressa, antes que sobrevenha e nos estorve a próxima estação invernos.

“Sexta-feira, 12 de Dezembro de 1642 – Hoje foi posta em deliberação a carta recebida ontem à tarde do Maranhão a respeito da revolta dos Portugueses.



www.colecaomossoroense.org.br

Estes, apesar de já terem sido publicadas as tréguas dos dez anos, não somente mataram em Tapicurú os soldados, que se achavam espalhados pelos engenhos, e se apoderaram do forte Monte-Calvário, como também puseram cerco ao forte ou cidade de São Luiz, de sorte que se os nossos não forem socorridos a tempo, o dito lugar cairá necessariamente em poder dos revoltosos; com o que ficará perdida toda aquela conquista.

Tomou-se também em consideração a situação de todo este Estado do Brasil, pois os moradores portugueses, pela diferença da religião, da língua, dos costumes e por outras causas, têm aversão ao nosso governo e somente por violência podem ser mantidos em sujeição.

Considerou-se, que, sob o pretexto de se defenderem contra os bandoleiros, eles já estão providos de armas, e com a notícia de ter sido bem sucedida a revolta do Maranhão poderão ficar atentos, e conforme a ocasião, procurar meios para também se revoltarem, ao que parece que são induzidos da Bahia, pois o governador se mostra pouco propenso para o nosso lado.

Que presentemente, por falta de farinha, somos supridos pelos da Bahia com o melhor deste gênero; e que as nossas guarnições, em razão da ocupação de lugares conquistados fora da terra, estão bastante enfraquecidas.

Que a tudo isto acresce o que o comissário Grewinek, o capitão do Blauwe Haen e outros, souberam na Bahia, isto é, que estavam prestes em Lisboa 22 navios, 8 no Porto, 7 em Vianna, 4 na ilha Terceira, formando todos juntos uma frota de 41



www.colecaomossoroense.org.br

navios que viria ao Brasil, e que Camarão partira com um troço de índios para o Rio-Real, sito nas nossas fronteiras.

Todas essas apreensões são de tal importância que convém bem e avisadamente considerar se temos presentemente tantas forças que possamos assegurar esta conquista de todo o assalto de dentro ou de fora contra nós tentado, enviar aos nossos no Maranhão o necessário socorro para o estabelecimento daquele arruinado Estado, e além disto ainda poder efetuar o cometimento contra...; para o que já temos feito tão grandes preparativos.

Tratando-se de deliberar sobre a matéria e considerando-se as dificuldades que se oferecem de um e outro lado, o enfraquecimento das guarnições nesta ocasião ou o abandono de um feito tão útil ao nosso estado, e de tanta probabilidade de bom êxito na execução, pareceu a deliberação de tanto peso e consequência que se resolveu refletir até amanhã (o caso do Maranhão não sofre mais longo adiamento) para então assentarmos finalmente o que julgarmos mais conveniente nesta situação para a Companhia e levarmos a efeito a resolução tomada.

“Domingo, 14 de Dezembro de 1642 – Examinadas de novo todas as razões anteontem alegadas, tendo nós bem refletido sobre tudo quanto concerne à matéria e considerando que, apesar das dificuldades que podem resultar do enfraquecimento destas guarnições, já grandes despesas se fizeram com a expedição, e que a expedição mesma é de tanta importância para a Companhia; que a remessa da gente de guerra, que de quando em quando se deve esperar da metrópole, segundo a promessa da Assembléia dos Dezenove, somente isto visa (?) que não é de



www.colecaomossoroense.org.br

crer, que, vigente o tratado das tréguas dos dez anos e pendente a solução do pedido feito a suas altas Potências sobre a solução de Angola, os da Bahia atentem contra nós; que a isto acresce, que, sustarmos nesta ocasião a execução do dito cometimento, seremos no ano vindouro prevenidos pelos Portugueses, ou acharemos o lugar de tal modo ocupado e fortificado que com as nossas forças não o possamos tomar, resolvemos desarmar para maior segurança e com toda a diligência os moradores portugueses e prosseguir no nosso equipamento para emprendermos a expedição com Deus e quanto antes”.

“Quinta-feira, 25 de Dezembro de 1642 – Tomada a nossa resolução de 14 do corrente, sobre a prossecução da expedição contra... recebemos a 21 pelo navio Gulde Rhee aviso de São Thomé, que aportaram em Santa-Anna duas caravelas com soldados de Portugal, os quais se fortificaram e animaram os moradores a subtraírem-se à nossa obediência; de modo que os nossos tiveram de retirar-se da cidade e de recolher-se ao castelo, onde se tem mantido encerrados, sem ousarem entrar pela terra.

Também chegaram aqui na quarta-feira última os navios Amsterdam, Endracht e Abrahams Offerhand com o Sr. Hendrick Brouwer, que traz ordem da Assembléias dos Dezenove para, no desempenho da comissão a que foi despachado, ser aqui auxiliado com um hiate e a gente de guerra que faltar às guarnições dos navios Amsterdam e Endracht, e com mais dois navios devidamente providos e guarnecidos, se a situação o permitisse; no que o dito senhor tem insistido com muito afinco para melhor poder corresponder à intenção dos Srs. Diretores.



www.colecaomossoroense.org.br

Pelo que foi hoje posto em deliberação (só ontem à tarde os Srs. Bullestraten e Codde voltaram de sua excursão à Várzea e a São-Lourenço para o desarmamento dos moradores) o que devemos empreender à vista do estado das nossas forças em gente, navios, hiates, etc.; a fim de ficar seguro o que se ganhou para este Estado, e fazermos ainda os progressos que o serviço da Companhia presentemente mais exigir.

Primeiramente e antes de tratar de novos desígnios, as-sentou-se, de acordo com a nossa anterior resolução, socorrer os nossos no Maranhão com 300 soldados e 200 índios do Ceará, que para lá irão sob a direção do tenente coronel Hinderson no navio Blauwe Haen e em 7 barcos, visto como é sabido, que sumamente interessa à Companhia reduzir os moradores do Maranhão pela força das armas à razão e de novo pô-los sob a nossa obediência, não só porque as regiões do Maranhão são contíguas a esta conquista, senão também e principalmente para que a impunidade e o êxito da revolta contra os nosso governo não animem os moradores das outras capitânicas a fazer outro tanto; por onde se vê, que o restabelecimento do Maranhão no estado anterior deve ser considerado como uma coisa de grande consequência para toda esta conquista.

Outrossim tomou-se em consideração o socorro levado de Portugal aos moradores de São Tomé, os quais, assim reforçados, se retiraram da nossa obediência, e fazendo-se fortes em Santa-Anna (como se sabe que assim sucedeu), obtiveram um porto livre para navios, trato e comércio, donde resultou tornar-se infrutuosa e de nenhum préstimo a nossa ocupação da fortaleza.



www.colecaomossoroense.org.br

Nesta matéria há principalmente a considerar, que o atentado de São Tomé não podia dar-se sem conhecimento do rei de Portugal, donde se deve concluir, que o tratado das tréguas dos dez anos não é entendido em Portugal de modo que em virtude dele os Portugueses não possam empreender cometimentos contra as nossas conquistas recentemente feitas do Maranhão, São-Tomé, Angola e capitania de Sergipe Del-rei; e assim temos plausíveis razões, a julgar pelo que sucedeu em São Tomé, para recear que outro tanto suceda em relação a Angola, pois eles têm sumo interesse no comércio com o dito reino.

Nestas condições pôs-se em deliberação se é mais útil à Companhia prosseguir na nossa empresa contra... para a qual já tão grandes preparativos e despesas se fizeram e foram pedidos 800 soldados, ou adia-la para a primeira oportunidade e auxiliar o nosso colega o Sr. Brouwer com os dois navios e o hiate, que as suas instruções recomendam, a fim de poder ele com maior reputação executar o seu desígnio, pois efetuar ambas as empresas ao mesmo tempo não é possível com as forças que temos, sem expormos a extremo perigo esta conquista.

Quanto ao primeiro ponto, teve-se em atenção a importância do lugar pela sua capacidade e incorporação de terras vastas situadas na parte meridional da América, pela passagem do Perú e do Chile, e pelos muitos proveitos que daí provirão, assim como considerou-se a necessidade de preceder os Portugueses, que têm também os olhos fitos nessa região, e que podem estar prontos antes de nós no ano vindouro, e nesse entre-



www.colecaomossoroense.org.br

tanto o dito lugar pode ser guarnecido e fortificado de modo que depois seja difícil conquistá-lo.

Em contrário a isso há a ponderar o desprovemento completo do nosso poder naval e de marinheiros, o perigosíssimo enfraquecimento das nossas guarnições, pois, além dos 300 soldados para o socorro do Maranhão, levantar-se- iam mais 800 (para o aludido cometimento); o adiantamento do ano e a escassez de embarcações pequenas, já desfalcadas dos sete barcos que levaram o socorro ao Maranhão.

Quanto à expedição do Chile sob a direção do Sr. Brouwer, foram considerados os motivos e as razões, que moveram a Companhia a efetuar o dito equipamento, e especialmente considerou-e, que bem pode ser que por esse caminho obtenhamos o efeito desejado e pelo qual nos esforçamos com o cometimento contra...

Além disto, sendo nós informados pelo nosso colega que a Companhia, para sustentar-se nestes tempos, tem necessidades de empresas, que prometem proveitos prontos (razão porque a Assembléia dos Dezenove as considera de maior importância), e supondo e entendendo a mesma assembléia que, conforme todas as aparências, deve-se esperar esses proveitos antes da navegação e trato da costa do Chile do que da conquista de... e (por outro lado) podendo nós formar a frota sob a direção do Sr. Brouwer, como recomendam os Srs. Diretores, com menos perigo para esta conquista, ao passo que (no outro caso) arriscaríamos tudo, resolvemos sustar por este ano o cometimento contra... e acrescentar aos navios Amsterdam e Endracht, que S. S. trouxe, os navios Flessinger e Orangeboom e o hiate Dolphin, os



www.colecaomossoroense.org.br

quais serão guarnecidos e providos de acordo com as instruções dos mesmos diretores, para que assim o Sr. Brouwer possa com maiores forças executar o desígnio da Assembléia dos Dezenove sobre o Chile.

A pequena frota, que levou ao Maranhão as forças sob o mando do coronel Hinderson, partiu do Recife a 31 de Dezembro de 1642, Gedeon Morris.

Este comunicou na seguinte carta ao Supremo Conselho o primeiro encontro com os revoltosos:

Desejando felicidade a V. Ex. e aos nobres Srs. membros do alto Supremo Conselho, saúdo.

Servem estas poucas linhas para comunicar a V. Ex. e a VV. SS., que os dois dias depois de chegarmos ao Maranhão, fizemos uma sortida contra inimigo com 420 brancos e cerca de 160 índios. Vinte arcabuzeiros e 12 índios, sob o mando dos alferes do capitão Sauderlans, formavam a guarda avançada, que eu seguia a certa distância. O capitão Wilschut me auxiliaria com 400 mosqueteiros.

No primeiro cometimento entrei nas trincheiras do inimigo e lhe tomei uma casa forte, que nos fazia muito dano, matando 8 Portugueses e alguns índios. Isto feito, avancei com os índios até a obra próxima, onde o inimigo tinha o melhor de suas forças. Os índios e os brancos que eu tinha comigo deram tão furiosamente sobre a obra que muitos chegaram até acima dela; com o que os Portugueses já começavam a retirar-se.

O capitão Wilschut, que me auxiliaria com 400 mosqueteiros, avançou e chegou tão perto da dita obra que a alcançaria,



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

atirando-lhe o cachimbo; e ai esteve em batalha, avançando ou retirando-se até que tivemos cerca de 100 homens entre os feridos e mortos.

Como eu fui gravemente ferido e foram quase todos os meus oficiais, começaram os índios a retirar-se de junto da obra, pois viram, que os mosqueteiros não atacavam (3).

O inimigo está fortemente entrincheirado em todos os lugares; os brancos são pouco mais ou menos tão fortes quanto nós, e têm muitos índios do Grão-Pará.

Quisera ter ainda 200 índios de Pernambuco; com o auxílio de 400 brancos faria o inimigo abandonar apressadamente as suas posições.

Hoje passou-se para nós um índio dos Portugueses. Disse, que, quando atacamos, os Portugueses e os índios fugiam, e que levava a sua artilheria, as suas mulheres e meninos em canoas. Presumimos que pretendem retirar-se para Tapicurú.

Assim terminando, encomendo V. Ex. e VV. SS. à proteção do Altíssimo. Amém.

Maranhão 18 de Janeiro de 1643. Gedeon Morris.

Onze dias depois, Gedeon Morris escrevia de novo ao Supremo Conselho:

“Laus Deo. – S. Luiz do Maranhão 29 de Janeiro de 1643.

Desejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

Na minha carta anterior informei claramente a vossas nobrezas sobre o resultado do primeiro encontro resta referir o que passou a 25 do corrente.



www.colecaomossoroense.org.br

Era insuportável aos rebeldes estarem ao alcance de nossa artilharia, e na noite de 24 retiraram-se para fora dos limites da cidade, abandonando as suas obras. Sendo de presumir que eles se retirassem com todas as suas forças para Tapicurú, assentamos mandar o capitão Jacob com 100 índios verificar ao certo onde o inimigo tinha ido.

O capitão Jacob internou-se cerca de duas léguas, e chegando ao mesmo lugar onde o capitão Sanderlans fora batido, deparou com o inimigo fortemente emboscado.

Ou por descuido ou por obstinação, o capitão não observou a ordem e encargo que eu lhe dera, pois lhe foi positivamente recomendado, que fizesse seguir duas guardas avançadas diante de sua batalha na distância de um quarto de légua, cada guarda composta de seis índios, indo uma a direita e outra à esquerda do caminho através do mato, sem se aproximarem do caminho um tiro de mosquete, e que assim seguissem diante da batalha para descobrirem todas emboscadas; mas ele apenas pôs uma guarda avançada, e esta seguia pelo caminho e tão perto que podia ser vista da batalha.

Deste modo marcharam, até que caíram completamente na emboscada do inimigo. Este cortou aos nossos o passo pela retaguarda e então deu bravamente sobre os nossos de todos os lados.

Os da nossa retaguarda, voltando à direita, atacaram com muito valor e coragem os contrários, que lhes tinham cortado o passo por traz, e depois de um rude combate os romperam.

Os da vanguarda, vendo-se separados em razão da estreiteza do caminho e grande aperto do inimigo, retiraram-se à di-



www.colecaomossoroense.org.br

reita para o mato, procurando cada qual o melhor meio de escapar. Enfim, os nossos chegaram com perda de 19 mortos e com 35 feridos, cujos nomes vão na lista junta.

Se nesses dois encontros não tivéssemos tido mau sucesso, creio que viria logo pôr-se sob a nossa direção o troço dos índios do inimigo; mas observo, que Deus nos castiga por causa da grande e opressiva impiedade aqui praticada pelos nossos para com os moradores.

Como V. Ex. e VV. SS. me recomendaram, que eu indagasse donde resultou a aversão contra os nossos, sou em consciência obrigado a revelar a verdade. A origem de todo mal é somente a cobiça da inconstante riqueza.

Por cobiça têm sido de tal modo vexados e constrangidos os pobres índios, homens e mulheres, a trabalhar para os Portugueses (e isto sem o devido pagamento), que os índios, em vez de receber de nós alívio, ficaram sujeitos à maior capitivero.

Por cobiça o capitão Schade extorquiou 80 arrobas de açúcar ao padre Barreto, porque em seu escravo comprara o fâção de um soldado. Por cobiça fizeram extorsões a outros moradores (extorquiram a um 40 arrobas e a outro ainda mais), por terem em suas casas a peça de uma lança, visto como no edital não se fez menção de lanças.

Por cobiça deixaram armas nas mãos dos senhores de engenho.

Estes e muitos outros fatos que tais deram-se aqui, e a seu tempo virão à luz por meio de inquérito.



www.colecaomossoroense.org.br

Não podia calaristo a V. Ex. e a VV. SS., pois não sei se aprouvera a Deus, que eu os torne a ver, estando a gente na guerra exposta a todos os perigos.

Peço a V. Ex. e a VV. SS., que não deixem de socorrer-nos com índios e soldados, a fim de não largarmos este lugar com quebra da nossa reputação, tanto mais quanto temos agora uma boa ocasião para pôr sob a nossa sujeição os do Grão-Pará, visto como eles socorram os rebeldes. E tendo posto sob a nossa sujeição os Grão-Pará, vossas nobrezas poderão gozar dos frutos da terra.

Os índios pedem instantemente, que lhes sejam dadas armas brancas ou deilharga, que aqui não há V. Ex. e VV. SS. queiram enviar na primeira oportunidade 160 pedarnes.

Se Deus permitir, que derrotemos sequer uma vez os Portugueses e apreendamos uns 40 ou 50 deles, tenho fé, que os índios (contrários) logo se reunirão conosco. Até agora só se passaram dois.

Hoje mandamos seis espões a observar o que o inimigo faz. Assim concluindo etc.

GEDEON MORRIS



www.colecaomossoroense.org.br

VII

Em carta de 12 de Junho de 1643, o Supremo Conselho expunha assim a situação do Maranhão aos diretores da Companhia: “Antes de chegar aqui o navio Witte Hoope (pois o navio Brouwer fretado pela caram de Groninga, em vez de trazer-nos seis lastros de farinha, como reza a carta da mesma câmara, entregou-nos apenas uma barrica) estávamos em uma grande penúria do viveres.

Tendo-nos sido avisado de Porto-Calvo, do cabo de Santo-Agostinho, de Iguarassú, de Itamaracá e de Paraíba, que, na impossibilidade de obter-se por mais tempo dos moradores fornecimento de farinha, não se poderia prevenir o perecimento das guarnições, se não fossem de pronto socorridas com farinha de trigo, nós não pudemos dar-lhes assistência, e além disto seríamos forçados a conservar surta aqui a última frota com despesas excessivas para a Companhia.

Os viveres que recebemos pelo dito navio, consistentes em 298 barricas de farinha, 100 de cevada, 30 de ervilhas, 120 de carne e 40 de toucinho, nos tiraram de dificuldades quanto à frota, e de algum modo nos proporcionaram meios para prover, ainda que por pouco tempo, as guarnições das mencionadas praças. Achamo-nos porém completamente embaraçados, e não vemos probabilidade de enviar aos do Maranhão, na penúria em que estão, a pedida provisão de viveres.

A 15 de Maio nos foi descrita a situação do Maranhão pelo tenente-coronel Hinderson e pelo ministro van der Poel, especialmente delegados para este fim pelo diretor e pelo conse-



www.colecaomossoroense.org.br

lho de guerra daquele lugar. Disseram-nos, que, quando de lá partiram a 7 de Fevereiro último, deixaram alimento somente para oito semanas, e esse mesmo tão exatamente contado, que cada homem não poderia ter por semana mais de dois vasos (Kannen) de farinha e duas libras de bacalhão.

Tendo-lhes sido nesse entretanto apenas remetidos pelo barco de pesca Sperwear 15 barris de farinha de trigo, 10 de cevada e 25 de carne e toucinho, e havendo lá cerca de 950 pessoas, contados os índios e os Portugueses com suas mulheres e meninos recolhidos ao forte, era duvidoso se os nossos já tinham abandonados ou não a praça, porquanto o diretor Bas resolvera esperar o socorro até restarem-lhe os últimos quatorze dias de alimento, e não recebendo até então víveres, partiria a sotavento com toda a sua força para as Índias Ocidentais, onde procuraria servir a Companhia conforme as ocasiões que se oferecessem.

A 18 de Maio tínhamos resolvido, a bem de conservação do Maranhão, enviar para lá todos os víveres, que de algum modo pudessem ser aqui dispensados; mas provendo esta frota cuidando das guarnições de fora acima mencionadas (o que não podíamos deixar de fazer), não nos foi possível realizar o nosso intento antes de tomarmos para a Companhia os víveres do navio Engel Gabriel. Tivemos assim ensejo de enviar para lá o hiate Brack com os víveres, que as nossas atas especificam, esperando conservar ainda o dito lugar para este Estado, e entretanto dar conhecimento a VV. SS. da situação em que ele se acha, a fim de verem se podem chegar a um acordo a respeito dele com o rei de Portugal ou com o seu embaixador.



www.colecaomossoroense.org.br

O tenente-coronel Hinderson pensava, que os nossos eram bastantes fortes para defender esse lugar ou cidade de São Luiz contra as forças dos moradores portugueses, como elas então se achavam; mas não sabia, que proveito pudesse daí advir à Companhia enquanto não nos assenhoreássemos, como o fizemos dantes, do rio Tapicurú (pois os engenhos estão situados ao longo deles), e bem assim do Grão-Pará, para o que oferecia os seus serviços, incumbindo-se de executar a comissão, se lhe fossem dados mil soldados, além da maruja para a condução das embarcações precisas. Como porém, ainda pondo de parte todas as dificuldades resultantes das tréguas, não temos conosco meios para o cometimento, deixamos até agora a coisa ficar nisto.

Juntas vão as cópias dos papeis e documentos, que nos foram enviados do Maranhão, bem como a cópia da carta que para lá dirigimos pelo barco Sperwer acerca da ordem, que provisoriamente estabelecemos sobre o governo do Maranhão.

Confiamos a Gedeon Morris, com o título de subdiretor, a inspeção dos prepostos, a fim de que os artigos da Companhia sejam devidamente administrados e (os agentes) por eles respondam; e como Morris conhece a língua e os costumes dos índios, demos-lhe também o encargo especial de declarar livres os índios (que estão com os nossos?) e de tratá-los bem para predispô-los para com este Estado e poder com o auxílio deles repor tudo na situação anterior.

Gedeon Morris apressou-se em agradecer a honra, que lhe fora conferida, dirigindo ao Supremo Conselho a seguinte carta:



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Ilustre conde e gracioso senhor, e nobres senhores membros do alto Supremo Conselho, etc.

Desejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

Chegou-me às mãos a carta de vossas nobrezas de 23 de Abril, a qual me obriga a demonstrar-vos a mais subida gratidão, que cabe nas minhas poucas forças, por me terem julgado digno do honroso cargo a que me promoveram.

Confio que o bom Deus me ajudará a preenchê-lo congnamente.

Como vossas nobrezas declararam apenas em dita carta os cargos, que o commandeur Wilschut e eu assumiremos, peço, caso entendam que eu continue aqui, queiram prover-me com um ato (de nomeação) e com instruções, a fim de que, sabendo eu qual é o meu encargo, possa dignamente desempenhá-lo, e nenhuma desinteligência surja entre mim e o commandeur Wilschut sobre as nossas funções, tanto mais quanto estamos longe do Recife, e em prazo breve não podemos receber aviso de vossas nobrezas.

Noto também, que alguns procuram falsear a seu talante a intenção de V. Ex. e de VV. SS. expressa em dita missiva; sobre o que queiram providenciar.

Quando ao pau-violeta, falo-ei cortar quanto antes, pois tenciono partir na primeira oportunidade com a metade dos índios para o Ceará, a fim de providenciar sobre todos. Desde 8 de Janeiro nos temos servidos aqui no Maranhão de quase todos os índios do Ceará e eles podem instantemente para irem ter com suas mulheres e meninos, e que se lhes paguem os serviços pres-



www.colecaomossoroense.org.br

tados; o que em parte tenho feito; mas como o armazém está apenas provido de cassave (farinha de mandioca) corrompido, queiram vossas nobrezas enviar sem falta, no primeiro ensejo, o resto do pagamento, de acordo com a memoriazinha junta, a fim de que eu possa, em obediência às ordens de vossas nobrezas, continuar, a tê-los dedicados para conosco e animar e atrair os estranhos, como verem que tratamos com eles de boa fê, pagando os que nos servem, como se fazia antes de vir eu para aqui com os índios.

A causa (desta impontualidade) é, que o estado do nosso armazém não permitia, que eles recebessem a devida ração, de sorte que as mais das vezes tive de alimentá-los com boas palavras, e não obstante eles tem prestado aqui muitos serviços à Companhia. Desde 1º de Abril tem feito seguramente 710 alqueires de farinha, além de fazerem (pela falta já apontada) o seu próprio serviço e ração.

A 10 de Maio, precedendo consentimento do Conselho, parti na velha embarcação para Tapicurú com o capitão Vries, 100 brancos e 80 índios, para observar como as coisas aí estavam dispostas. Em caminho encontrei uma das canoas do inimigo, que persegui com duas outras que comigo tinha e a alcancei, mais os indivíduos (que nela estavam) a desampararam e fugiram para o mato não pude apreender nenhum deles.

A 12 chegamos ao forte Monte-Calvário, que o inimigo havia abandonado. As casas por toda a parte queimadas; os engenhos do rio Tapicurú completamente arruinados, com exceção dos de Antônio Teixeira, do governador e de Antônio Muniz,



www.colecaomossoroense.org.br

que ainda em parte existiam, mas estavam queimadas as argolas (argoles) e as moendas, e tinham sido levadas tosas as obras de cobre, de sorte que este Estado está todo arruinado.

De volta ao Maranhão, chegamos a Tapitapera, onde achamos o inimigo sob a proteção das obras novas que fizera. Como éramos muito fracos para tentar alguma coisa contra eles, o Sr. Bas pediu-me, que me aproximasse com uma bandeira branca a ver se o inimigo queria vir à fala conosco. Sendo isto observado por eles, acudiram imediatamente, vindo à praia também com uma bandeira branca.

Perguntaram o que queríamos; respondemos, que o Sr. Bas desejava conversar com eles, e se a isto estavam dispostos, podiam mandar à bordo um capitão, em troca do qual mandaríamos outro à terra. Retorquiram, que se o Sr. Bas tinha alguma coisa a pedir-lhes, o fizesse por escrito, que eles responderiam. E isto se fez imediatamente.

A nossa carta e a resposta, que lhe deram não de ser enviadas a vossas nobrezas pelo Sr. Bas ou pelo commandeur Wilschut.

Quanto ao valor da resposta do inimigo, que é um tanto absurda, discutiu-se em nosso conselho se devíamos responder ou não ao que eles nos disseram.

O Sr. Bas e a maioria dos votos entenderam, que a carta do inimigo não merecia resposta; eu e outros porém sustentamos, que convinha responder por várias razões, visto como eles nos acusavam: 1º. de termos sido tão vilões para com eles; 2º. de termos tomado o Maranhão ilegalmente; 3º. de que nenhum deles tinham conhecimento de algum acordo concluído de parte a parte.



www.colecaomossoroense.org.br

Se não respondêssemos a estas graves acusações, suspeitar-se-ia, que assim é, pois, segundo um provérbio vulgar, quem cala consente; seria, pois acertado, ao meu ver, responder ao escrito do inimigo.

Onde eles se queixam do gravame, que se lhes fez, e de terem sido maltratados pelos nossos, como escravos (o que em parte bem pode ser verdade), lhes pediria, que nomeassem as pessoas, e declarassem o lugar, o tempo e os casos, em que foram maltratados a fim de podermos devidamente informar a V. Ex. e a VV. SS. a respeito das pessoas, que deram causa aos agravos e à revolta; nem o que eu propunha eram coisas somente particulares.

Quanto a termos tomado o Maranhão ilegalmente, era um negócio este que devia ser resolvido por suas altas potencias os Srs. Estados Gerais e por Sua Majestade (o rei) de Portugal.

O não terem conhecimento de algum acordo concluído entre eles e nós, parecia haver nisto muita odiosidade. Porque então prestaram eles o juramento de fidelidade?

Era, pois meu voto, que nós os esclarecêssemos com um pouco de doçura, tanto mais quanto presentemente pouco dano lhes poderemos fazer pelas nossas armas, atenta a força que aqui temos.

E a meu ver, não seria desacertado convir em uma suspensão de armas até ordem ulterior, mas não sob as condições escandalosas, que eles requerem.

Para informar a V. Ex. e a VV. SS. sobre a situação deste Estado, direi, que há somente dois meios pelos quais esta terra pode ser outra vez posta em ordem. O primeiro e o melhor é sujeitar com maiores forças o Grão-Pará, e daí prover de novo com



www.colecaomossoroense.org.br

escravos o Maranhão para que os engenhos possam ser restabelecidos no seu estado anterior. O segundo é fazer acordo com os Portugueses, a fim de que eles habitem em suas fazendas para conservá-las.

Se nenhum destes dois meios pode ter lugar, a Companhia há de despende aqui anualmente mais de três toneis de ouro sem proveito algum: a guarnição é grande, os lugares se acham situados a grande distância uns dos outros, e devem ser abastecidos de quando em quando à custa de grandes despesas, pois, se esta guerra durar ainda seis meses, não haverá sementes para semear-se, nem se poderá obter uma raiz de mandioca.

Desejo (como disse) resposta sobre missiva, que o tenente-coronel (Wiltschut) também recebeu.

Outrossim, peço humildemente a vossas nobrezas, que não disponham do meu lugar no Ceará, de modo que, se suceder sermos chamados aqui, não fique eu dele privado.

Porei todo o cuidado como dantes, em que essa capitania seja bem regida pelo substituto, que aí deixarei.

Mandamos aqui, há três meses, o commandeur Johannes Maxwell em um barco com dez brancos, dez índios do Ceará e cerca de trinta do Maranhão, para pescar e apanhar vacas marinhas na ilha de São João, sita coisa de 18 léguas a oeste do Maranhão. Como sabemos, que Maxwell seguiu com o barco e os índios para a ilha de São Cristovão ou Barbadas, onde provavelmente venderá os índios como escravos, queiram vossas nobrezas escrever-lhe pelos primeiros navios que saírem, ordenan-



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

do que sejam os índios devolvidos, pois os seus amigos muito lamentam, e pode isto dar causa a maiores desgostos entre eles.

Guarnecemos o forte Monte-Calvário para guarda do rio Tapicurú.

Pedirei também amistosamente, que, como aprouve a vossas nobrezas promover-me, queiram animar-me, melhorando-me o soldo, pois até esta data tenho direito apenas a vencimentos de tenente.

Queiram também comunicar-nos, quando deixarão partir os restantes índios do Ceará, que ficam aqui em serviço, pois eles desejam muito ir ter com suas mulheres e meninos, e nós mal os podemos dispensar (?).

Queiram ainda enviar-nos, de quando, em quando, socorro de gente e de víveres, tanto mais quanto estamos longe e nada há a obter.

Convém, que o barco que trazer a paga dos índios toque no Ceará, pois é possível, que eu então aí esteja.

Diguem-se de prover de farinha por alguns meses a guarnição do Ceará, que a não ser assim, converteremos em farinha e consumiremos as roças novas; o que será muito prejudicial à Companhia.

Com permissão dos chefes partiu daqui, há alguns dias, o bote Blaewe Haen, guarnecido por 12 pessoas, para ir buscar algum reforço; como há mais de 12 dias que está ausente, presumimos ter sido atacado pelo inimigo, pois esperávamos que não se demorasse mais de dois dias.



www.colecaomossoroense.org.br

Estou também inquieto, porque o inimigo receberá agora de tudo notícia, donde maiores dificuldades provirão; pois temos nas roças 50 soldados e 50 índios, que facilmente podem receber um insulto. Pedi, pois ao commandeur e ao Sr. Bas, que, havendo ainda farinha de trigo e de mandioca no armazém por um mês, fossem eles chamados por 14 dias; mas o meu pedido não foi atendido.

A 15 o Sr. Bas e o commandeur me comunicaram, que os índios não podiam receber ração do armazém, de sorte que devem fazer farinha para eles mesmos e fornecer alimento para toda guarnição e para si.

Queiram vossas nobrezas considerar os fracos meios, de que disponho para animá-los!

Sobre outras ocorrências o Sr. Bas, que está a partir, informará verbalmente vossas nobrezas.

No (papel) junto vossas nobrezas poderão ver os meios, que ofereço para evitar todos os desgostos entre mim e o commandeur Wiltschut.

Assim etc.

Gedeon Morris (sem data).

O diretor Bas partiu para o Recife a 20 de julho de 1643, deixando o Maranhão entregue aos cuidados de Wiltschut e Gedeon Morris.

Este foi ao Ceará, e se achava aí em fins de 1643, segundo consta de uma carta de Wiltschut ao Supremo Conselho com data de 18 de Dezembro do mesmo ano.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

E de lá não mais voltou, por ter perecido às mãos dos índios sobre as quais supunha exercer tanta influência (1.21).

Os seguintes documentos dão notícia do fim desastroso da guarnição holandesa do Ceará.

Atas (Notulen) de 8 de Março de 1644 – Foram lidas em Conselho as cartas e papeis do Maranhão com data de 4 de Dezembro último. Descrevem a situação dos nossos, e dizem, que, para salvarem-se, tomaram diversos viveres e dinheiros a particulares; pedem, que aqui sejam pagos.

A vista dos poucos viveres, que lá existem, resolveu-se despachar imediatamente para o Maranhão o hiate Hasewint com algumas provisões. Logo que se tenha pronto um navio grande, seguirá com os outros socorros pedidos.

E como de todas as circunstâncias que temos sabido, é de supor que o forte do Ceará tenha sido saqueado e a guarnição morta, julgou-se conveniente, que o mesmo hiate tocasse de passagem no Ceará e deixasse ir à terra alguns índios a observar ou informar-se do estado das coisas, e ver se há meio de aquietar (os índios levantados) e atraí-los à nossa amizade, para de tudo levarem aviso ao Maranhão (1.22).

Quarta-feira, 9 de março de 1644. – O escolteto e os escabinos do Rio Grande avisam-nos por carta de 16 de Fevereiro, que o hiate Hasewint aí estivera, vindo do Maranhão, e de que referia à sua gente não podiam inferir outra coisa senão que os índios do Ceará se revoltaram, assaltaram e trucidaram a guarnição do nosso forte; o que isto mesmo também



www.colecaomossoroense.org.br

lhes fora comunicado por alguns Tapuias, que ultimamente estiveram nessa capitania.

Como esses mesmos Tapuias levaram dali uma grande quantidade de canas para flechas, protestando que com elas pretendiam fazer guerra a uma outra nação de Tapuias, os nossos no Rio-Grande receiavam, que o intento fosse contra eles, e tendo mui pouca defesa em consequência do afastamento de suas habitações, pediam, que fossem postas de guarnição em Mapabú (Mipibu), sito no meio da capitania, alguns soldados para manter em respeito e incutir medo aos índios da mesma capitania.

Resolveu-se, diferindo este pedido, mandar pôr da guarnição em Mapabú 25 soldados som um bom chefe para assistir aos moradores contra todo o atentado. (1.23).

20 de Março de 1644 – Chegou do Maranhão o hiate Brack de Nova Zelândia com carta do commandeur Wiltschut, de 18 de Novembro, dizendo que então tinham apenas alimento para oito semanas.

Este hiate tocou no Ceará, e indo o bote à terra na ignorância de inimidade, foi atacado pelos índios e mortos Lubbert-Dircks, capitão do hiate, o capitão Ghim, o tenente Gras, tenente Kockgtien, o alferes Pyron, e mais cinco pessoas.

Dos que foram à terra escaparam somente três, e estes, voltando a bordo, referiram que o nosso bote foi saqueado pelos índios, e estava vazio.

Os índios tentaram também saquear o hiate, indo a bordo sob capa de amizade, e mataram aí quatro homens; mas foram repelidos, deixando dois mortos (1.24).



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

“Segunda-feira, 21 de Março de 1644 – Como de todas as circunstâncias (conhecidas) não podemos outra coisa inferir senão que a desinteligência e a inimizade dos índios do Ceará e costas adjacentes contra a nossa nação originaram-se do mau tratamento que lhes deram, e sobretudo de não terem sido devidamente pagos dos seus serviços no trabalho das salinas de Marituba e do carregamento dos barcos nas salinas e em outras partes (1.25), conquanto tivéssemos enviado de quando em quando para esse fim panos e outras mercadorias, bem como recomendado que mantivesse os índios em boa disposições, tratando-os cortesmente e pagando-lhes os serviços, resolvemos remeter para o Maranhão 4.000 varas de pano de Osenburg, com que sejam plenamente pagos e satisfeitos os índios do Ceará, que estão de guarnição no Maranhão, e que, se pedirem para partir daí, sejam todos licenciados a ver se por este meio podem mover à paz os ânimos irritados dos seus amigos e compatriotas, e de novo aquietar toda a nação, porquanto pouco se pode fazer empregando a força contra uma nação tão selvagem e em tão ampla região”.

Em carta aos diretores de 5 de Abril de 1644, o Supremo Conselho referia e comentava assim o caso do Ceará:

Do Maranhão chegaram a 29 de Fevereiro o hiate Hasewint e a 30 (aliás 20) de Março o hiate Brack com carta do commnandeur Wiltschut, que VV. SS. encontrarão nos anexos.

Os ditos hiates Hasewint e Brack, vindos do Maranhão, quiseram tocar de passagem no Ceará, como é costume, para tomarem água e refrescos, mas acharam aí a situação bem diversa daquela que supunham.



www.colecaomossoroense.org.br

O capitão do Hasewint, saltando em terra três léguas ao norte do Ceará, foi assaltado pelos índios e morto.

O capitão do Brack, ignorando isto, e dirigindo-se também para terra perto do Ceará com o Capitão Ghim, os tenentes Kockgien e Gras, o alferes Pyron e mais oito pessoas a fim de irem a pé ao forte, não suspeitando inimizade, foram todos assaltados e mortos pelos índios, com exceção de três dos ditos oito que daí voltaram a nado.

Também procuraram os índios saquear o hiate Brack, indo a bordo sob mostra de amizade para negociar papagaios e refrescos; mas, apesar de já terem morto quatro homens, foram repelidos, deixando fiar dois mortos.

Os três que escaparam puderam referir-nos, que o forte estava sem guarnição, e que o barco de Gedeon Morris e um outro que do Maranhão para ali tinha ido estavam destroçados na praia, donde se infere, que o forte e os barcos foram saqueados e todos os nossos mortos pelos índios; e o mesmo sucedeu a um outro barco, que carregava sal nas salinas (1.26)

Não sabemos ainda qual a origem dessa inesperada inimizade; mas suspeitamos, que os índios não foram tratados e recompensados pelo seu trabalho nas salinas e em outras partes, como as nossas ordens recomendavam; o que causou a desinteligência e inimizade deles contra a nossa nação.

Como nenhum proveito podemos tirar, fazendo guerra a uma nação tão selvagem, que se recolhe imediatamente aos matos, resolvemos escrever ao commandeur Wiltshut, recomendando-lhe que pagasse plenamente com pano de Osenburg que



www.colecaomossoroense.org.br

lhe remetemos, os índios do Ceará então em guarnição no Maranhão, pelos seus serviços, e que se eles pedissem, os deixasse partir daí satisfeitos e ir ter com os seus amigos a ver se por esse meio se pode obter, que essa nação volte à paz e à reconciliação.

A propósito deste caso dos índios do Ceará, não podemos deixar de advertir a VV. SS. acerca dos índios desta capitania (os quais são da mesma natureza e condição), que pouco confiança se pode depositar em suas disposições para com este Estado, porque de ordinário eles não tem outro fito e intuito senão viver em liberdade, não servilmente, isto é, podendo levar uma vida ociosa e indolente, consumindo o resto de suas roças ou trabalho em aguardente, sem por isso serem castigados. Quem nisto mais gosto lhes dá, pode fazê-los partidários seus.

Pouca inclinação tem a que separem deles os filhos e os mandem à escola, segundo propôs a assembléia sinodal, para ensinar-se-lhes a religião cristã e artes e ofícios; e para não terem aversão a este Estado, é melhor deixá-los ficar no mesmo teor (de vida) e mandar, que os ministros e os enfermeiros empreguem os seus esforços nas aldeias para o fim de instruí-los na religião e na vida civil, tanto quanto for isto possível.

Desta data em diante nenhuma outra menção de Gedeon Morri encontramos na coleção dos documentos holandeses (1.27).

- 1) Alguns comentários sobre os Relatórios e as cartas de Gedeon Morris de Jonge.



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

1.1. O trabalho de José Higino foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 58, parte 1^a, Rio, 1895.

Devemos uma sua cópia à gentileza do prof. Raimundo Nonato da Silva.

1.2. Os dois índios do Ceará que foram tentar convencer o Conselho Supremo do Brasil, no Recife, da oportunidade da conquista do Ceará, afirmaram que nas suas cercanias havia “belas salinas que podiam dar muito sal”, informava aquele Conselho aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais, em 25 de agosto de 1637.

Os dois índios falavam em nome de outros quarenta, que permaneceram no Rio Grande.

1.3. Trata-se possivelmente das salinas de Upanema (Mosso-ró atual), pois Gartsman voltava para o Rio Grande do Norte por terra, com a parte de soldados, índios e alguns prisioneiros, entre os quais o Governador do Ceará e o Sargento Mor.

Eram 33 ou 34 soldados, 50 índios e 18 prisioneiros.

A partida do Ceará foi a 11 de novembro de 1637.

Gartsman desejava visitar “sítios onde se dizia existirem salinas e achou lugares apropriados, mas que devem ser fechados porque com a maré ficam inundados.

Em alguns achou também sal, mas como a quadra era de maré viva estavam debaixo d’água.

Não lhe devia ser estranho o registro de Adriano Werdonck, em 1630, sete anos antes, portanto, sobre as salinas que



www.colecaomossoroense.org.br

ficavam a 60 milhas ao norte do forte do Rio Grande, salinas que seriam as de Upanema (Mossoró).

- 1.4. O Tenente van Ham era pessimista com relação às salinas que deviam ser as de Upanema: péssima qualidade do sal, insuficiente a produção das salinas junto da praia.
- 1.5. Gedeon Morris de Jonge, comandante da guarnição do Ceará, a 1º de janeiro de 1641, anunciava a existência de salinas no Rio Upanema.
- 1.6. Na sua carta de 14 de Fevereiro ao Conselho Supremo, Morris volta ao assunto e o fez com detalhes. Tinha resolvido observar as salinas do Iwypanim (Upanema = Mossoró atual) e de outros lugares.

Achou-os de tamanha importância que, estranhou não terem sido cuidado anteriormente.

A navegação do sal era muito significativa porque os navios de Pernambuco que iam buscá-lo nas Índias Ocidentais e na França poderiam se abastecer nas salinas de Mossoró.

Morris viajou para as salinas a 4 de Janeiro.

Encontrou-as ao atingir o Rio e tomando o “verdadeiro braço”.

O Iwypanim ficava a cerca de 50 léguas a leste do Ceará e 60 a oeste do Rio Grande.

A salina localizava-se no braço oriental do Rio, aproximadamente a 3,5 léguas da foz e 3,4 léguas da margem, que seria a maior proximidade possível para os barcos.



www.colecaomossoroense.org.br

Dimensões da salina: extensão percorrida por Morris em meia hora e de largura um tiro de mosquete.

O sal era branco como a neve. Morris repetia Werdonck.

A espessura do sal era de 1,2 e 3 dedos.

Vinte navios não carregariam o sal ali existente. O embarque era difícil porque o sal ficava muito longe do rio.

Morris sugere a abertura de um canal.

O Holandês volta para a foz do rio e faz sondagens. Conclui que, numa maré viva um navio de 15 pés poderia entrar pela barra.

Pelo Rio, o navio podia subir até légua e meia na salina, onde, com a ajuda de uma galeota ou barco de 10 pés, completaria a carga em poucos dias.

Morris faz um mapa das salinas e do Rio. Afirma ainda, que um navio pode carregar em 14 dias, desde que permaneça ali uma galeota com 10 homens experientes e a despesa de 200 florins por navio para pagamento dos índios, que transportassem o sal da salina para a galeota.

Um índio por transportar 5 alqueires de sal da salina para a galeota.

Não haverá no mundo um rio mais apropriado para a instalação de salinas.

Há lugares onde os navios podem atracar e levar suas pranchas até as salinas, pois a água do rio é tranqüila e nas suas margens estão várzeas de solo plano e argiloso, com duas, três ou quatro léguas de extensão. Estas planícies são tão apropriadas à fabricação do sal, que em lugares onde havia pequenos poços



www.colecaomossoroense.org.br

rasos a água em repouso cristalizava, até nas pegadas deixadas por pessoas que por ali passavam.

O Rio era também piscoso. Com uma rede poder-se-iam alimentar com peixe fresco, 100 pessoas.

Havia abundância de porcos selvagens, veados e avestruzes que possibilitariam alimentação fácil para os trabalhadores em salinas.

Porco selvagem é o nosso porco do mato, Tayassu SP, que Sheila Garcia de Carvalho (“Nota prévia sobre a extinção de mamíferos na parte norte da Chapada do Apodi – Rio Grande do Norte”. Coleção Mossoroense, Série B, - nº 393, 1983) registrava em 1970 como em rápida extinção, caçado sistematicamente. Sua abundância chegou a dar nome ao Serrote dos Porcos, a noroeste de Baraúna.

Sobre o veado, Sheila anotou que era bem representado, mas caminhava para a rápida extinção, pois, a caça era “sistêmica”, coadjuvada pela destruição da cobertura vegetal.

Avestruz, segundo Rodolpho Von Ilhering no artigo citado anteriormente, “Vocabulários Zoológico com acepções brasileiras diversas das portuguesas”, designa no Brasil a Ema ou “nhandúl” (Rhea americana) muito menor do que a grande ave africana Struthiocamellus.

A emá já foi abundante no Nordeste, inclusive na região de Mossoró.

Quando Presidente da EMPARN, onde realizou um trabalho verdadeiramente notável, o prof. Dr. Benedito Vasconcelos Mendes introduziu a emá na Estação Experimental de Terras



**Banco do
Nordeste**



www.colecaomossoroense.org.br

Secas, visando realizar pesquisas e tornar possível a sua criação no Rio Grande do Norte como uma nova fonte de alimentação para o homem nordestino.

Mas, voltando ao tema deste trabalho.

Morris apontou uma desvantagem do Iwypanim: a água doce não distava menos que 4 ou 5 léguas da salinas. Haveria necessidade de um bote grande para o abastecimento de água potável aos trabalhadores.

Outra solução possível para a produção de água boa seriam os poços.

(1.7) Sobre as salinas do Rio Meiritupe (para Câmara Cascudo tratava-se de um desaparecido afluente do Rio Mossoró, pelo avanço das dunas): localizavam-se muito para o interior. 20 navios não podiam transportar o sal que ali se forma anualmente.

(1.8) A salina de Wararocury (para Câmara Cascudo, seria o Rio Morro Branco, que antigamente desaguava no oceano e agora o faz no Rio Mossoró).

Ficava 5 léguas Rio acima, tendo de comprimento um tiro de mosquete e oitenta pés de largura. “É muito boa e copiosa de sal e pode dar carga anualmente para alguns navios”.

Antes da chegada de Morris, o sal tinha bem dois pés de espessura, mas a chuva abundante tinha desmanchado o sal.

Esta salina tem água doce, que se encontra no lado oposto, a um tiro de columbrina, a partir do Rio, que é raso. O sal deveria ser levado em grandes botes.



www.colecaomossoroense.org.br

Podem subir o rio até uma légua da salina barcos com oito ou nove pés.

(1.9) Morris voltou ao Ceará por falta de viveres.

Uma informação de Morris que deve ser discutida: As salinas de Mossoró (Upanema) não tinham sido examinadas por Holandeses nem era conhecidas dos Portugueses.

E o reconhecimento de Garstman, em 1637? E o registro de Adriano Werdonck, em 1630?

Quanto aos Portugueses: Pedro Coelho de Souza, na sua viagem trágica, atravessou as salinas da região, em 1605, lembra Câmara Cascudo “Sal de trezentos anos” in “Indústria e Comércio do Oeste Potiguar – um pouco de História”, Raimundo Soares de Brito, Coleção Mossoroense, Vol CCXXXI).

Depois, em 1607, os Jesuítas Francisco Pinto e Luiz Filgueira, na tentativa de catequese da Serra de Ibiapaba, embarcaram no Recife em um barco que ia carregar sal nas salinas de Mossoró.

Frei Vicente do Salvador, o nosso primeiro historiador, em 1627 mencionou as “Salinas onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que podem carregar grandes embarcações”.

A presença portuguesa, antes dos Holandeses, portanto.

(1.10) Voltando a Morris. Pede ao Conselho Supremo que lhe mande, antes das chegadas das chuvas, um bote bem grande, com seis homens experientes, e os viveres necessários para 6 meses.

Pensava em abastecer os índios de água doce.

Solicitava também 100 alqueires de farinha, 06 barris de centeio, um barril de aguardente, cevada, ervilhas, favas, carne e toucinho.



www.colecaomossoroense.org.br

No Ceará, os índios não dispunham sequer de um punhado de farinha.

Morris alimentou, de seu armazém, 14 pessoas que levaram para o “descobrimento das salinas”.

Logo fosse atendido nas suas solicitações, poria o “sal a seco”.

Queixa-se do comandante Ham, que retirara das aldeias mais de 60 dos melhores índios, para acompanhá-lo.

Agora estavam fazendo falta na colheita do sal.

Morris garantia o carregamento de 20 a 30 navios se dispusessem daquele contingente indígena.

Conduzia a carta de Morris Jens Hester, “bravo soldado que há muitos anos serve à companhia; viu toda a situação das salinas, a cujos respeitos V. Ex. e VV. SS. podem interrogá-lo”.

Propunha a promoção de Jens Hester a sargento, se suas informações fossem dignas de apreço.

Com o irmão de Morris, seguia Daniel Jans, que chegara fugido ao Ceará, por pequena falta cometida em Itamaracá.

Morris pede o seu perdão, pois ele foi útil à Companhia, sondando e examinando os Rios do Sal, e poderia voltar a servir “nessas paragens”.

(1.11) O Conselho Supremo do Brasil, transmitiu aos diretores da Companhia a notícia do descobrimento de Morris das salinas dos Rios Upanema, Wararocury e Meiritupe, na carta que dele recebera, datada de Jandowassou, 14 de fevereiro de 1641. Enviara o desenho das salinas de Upanema e aguardava a



www.colecaomossoroense.org.br

decisão dos diretores da Companhia, sobre a liberação de recursos para as salinas mais úteis e proveitosas.

Louva as boas qualidades, a vivacidade e o cuidado, esforço e conhecimento que o comandante Gedeon Morris de Jonge tinha daquelas regiões (11).

(1.12) O Conselho baseado em Andries Oloffs, diz que havia muitos índios no Ceará e poucos no Rio Grande e propõe o seu deslocamento do Ceará para o Rio Grande.

(1.13) Morris parece que não viu com simpatia a proposta de Andries, achava que poucos índios do Ceará, somente 22, desejavam a mudança.

Andries pensava em persuadir mais uns 30 índios e a se deslocarem para o Rio Grande.

Morris pretendia seguir naquele verão com 150 índios, para o Iwypanim (Upanema, atual Mossoró), para a colheita do sal.

(1.14) Os viveres e o barco Schevelling já haviam chegado.

Deviam permanecer no Ceará índios suficientes para cuidarem das lavouras e esperava Morris que lhes restituíssem os que levaram os Portugueses e o Comandante Ham.

(1.15) Morris dentro de 4 dias, pretendia ir a COMMECI (Camucim) examinar a situação das salinas e do Pau violeta.

Seriam necessários 2 ou 3 meses para “pôr-se algum sal a seco”. (1.16).

Jens Regos conduziu a carta de Morris e se fazia acompanhar de Fernandes, Tenente e índio da aldeia opavapin.

(1.17) A carta de 18 de fevereiro de 1642, do Conselho dos Diretores da Companhia da notícia de uma epidemia de be-



www.colecaomossoroense.org.br

xiga que fizera debandar os índios mandados para secar o sal de Ipanema (Upanema) e em embarcá-lo o sal seco da salina devia ser transportado a uma distância de 2.700 a 2.800 passos, o que o Conselho considerava um longo caminho.

(1.19) Morris pediu que como descobridor das salinas do Ipanema que pudesse transportar sal em um barco, sem pagar “Reconhecimento”. (reconhecimento).

(1.20) – A 7 de Abril de 1642, dirigindo-se à câmara de Zelândia. Morris (ele era Zelandes) a cujo departamento eram sujeitos as regiões do Amazonas pretendia, dentro de 14 dias voltar ao Ceará: e naquele verão esperava conseguir que 20 a 30 navios carregassem anualmente, de sal.

Antes de sua saída do Ceará, das salinas de Iwypanim havia sal para 14 navios.

Disseram-lhe que apenas 3 navios tinham carregado naquela salina.

(1.21) Morris foi ao Ceará, onde se encontrava em fins de 1643.

(1.22) Ali foi trucidado pelos índios, “sobre os quais supunha exercer tanta influência”.

Nas atas (Notulen) de 8.3.1644, há este registro: “e como de todas as circunstâncias que temos sabido, é de supor que o forte do Ceará tenha sido saqueado e a guarnição morta.

(1.23) A 9 de março de 1644 (actas) informam que “o escolteto e os escabinos do Rio Grande avisaram-nos por carta de 16 de fevereiro, que o HiateHasewint aí estivera, vindo do Maranhão e de que referia a sua gente que não podiam inferir



www.colecaomossoroense.org.br

outra coisa senão que os índios do Ceará se revoltaram, assaltaram e trucidaram a guarnição do nosso forte; que isto mesmo também lhes fora comunicado por alguns Tapuias, que ultimamente estiveram nessa Capitania”.

Como aqueles Tapuias levaram do Ceará uma grande quantidade de canas para flexas alegando que iam combater uma outra nação de Tapuias, os Holandeses do Rio Grande supuzeram que o alvo seriam eles próprios.

Daí a providência de colocar em prontidão 25 soldados em Mipibú para evitar qualquer surpresa.

Procurava-se “manter em respeito e incutir medo aos índios da capitania do Rio Grande.

(1.24) Nas actas de 20-3-1644, informa-se que o Hiate Brack de Nova Zelândia, vindo do Maranhão, tocou no Ceará, sendo a sua guarnição atacada pelos índios, com morte de 11 pessoas.

Trucidaram mais 4 tripulantes.

Está registrado ainda: “os barcos de Gedeon Morris e do mestre de equipagem Emor de Bonte estavam destroçados na praia donde se deve inferir que toda a gente fora morta”.

(1.25) As actas de 21/3/1644 explicaram a inimizade dos índios do Ceará pelo mau trato que lhe foi imposto, pelo não pagamento dos seus serviços nas salinas de Marituba e do carregamento dos barcos em outras salinas.

(1.26) O Supremo Conselho, em carta de 5 de abril de 1644, noticiando a chegada do Hiate Hasewint, a 29 de fevereiro e do Hiate Brack a 20 de março, confirma que o forte do Ceará estava sem guarnição e que o barco de Morris e um outro que



www.colecaomossoroense.org.br

tinha ido do Maranhão estavam destroçados na praia; donde se infere que o forte e os barcos foram saqueados e todos os nossos mortos pelos índios e o mesmo sucedeu a um outro barco que carregava nas salinas.

(1.27) Conclui José Higino o seu trabalho: “Desta data em diante nenhuma outra menção de Gedeon Morris encontramos na Coleção de Documentos Holandeses”.



www.colecaomossoroense.org.br

ÍNDICE

I – MOSSORÓ NA GEOGRAFIA DO BRASIL	
HOLANDÊS	02
II – ADRIANO WERDONCK	06
III – GASPAR BARLÉU	08
IV – GEDEON MORRIS DE JONGE	10
1. Francisco Fausto de Sousa	10
1.1 Algumas colocações	14
2. José Antonio Gonçalves de Mello	15
3. Luís da Câmara Cascudo	17
4. Raimundo Nonato	20
5. José Alexandre	24
V – GEOMORFÓLOGOS DEBATEM O PROBLEMA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DAS SALINAS DO RIO MOSSORÓ	40
VI – GENTE DO SÉCULO XVII NA RIBEIRA DO MOSSORÓ	42
VII – RELATÓRIOS E CARTAS DE GEDEON MORRIS DE JONGE	
1. Alguns comentários sobre os Relatórios e as cartas de Gedeon Morris de Jonge	50